CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

SER JOVEM NEGRO/A NO RIO DE JANEIRO: A PERSPECTIVA DE JOVENS FLUMINENSES NO TEDx

Diego Santos Francisco

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Carlos Henrique dos Santos Martins

Rio de Janeiro
Julho de 2019

SER JOVEM NEGRO/A NO RIO DE JANEIRO: A PERSPECTIVA DE JOVENS FLUMINENSES NO TEDx

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnicorraciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Diego Santos Francisco

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professor Dr. Carlos Henrique dos Santos Martins (CEFET/RJ) (orientador)

_____

Professora Drª Talita Oliveira (CEFET/RJ)

_____

Professora Drª Mônica Pereira do Sacramento (INSTITUTO CRIOLA)

_____

Professora Drª Mônica Dias Peregrino Ferreira (UNIRIO)

Rio de Janeiro
Julho de 2019

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

CEFET/RJ – Sistema de Bibliotecas / Biblioteca Central

F818 Francisco, Diego Santos
Ser jovem negro/a no Rio de Janeiro : a perspectiva de jovens fluminenses no TEDx / Diego Santos Francisco.—2019.
94f. + apêndice : il. (algumas color.) , grafs. , tabs. ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2019.
Bibliografia : f. 90-94
Orientador : Carlos Henrique dos Santos Martins

1. Relações raciais - Brasil. 2. Racismo. 3. Jovens negros. 4. Favelas - Rio de Janeiro (RJ). I. Martins, Carlos Henrique dos Santos (Orient.). II. Título.

CDD 305.800981

Elaborada pela bibliotecária Mariana Oliveira CRB-7/5929

RESUMO

Ser jovem negro/a no Rio de Janeiro: a perspectiva de jovens fluminenses no TEDx

A partir das conceituações sobre juventude e de um panorama sobre as relações raciais no Brasil, no âmbito das políticas públicas para as juventudes, o presente trabalho traça um panorama sobre as experiências de ser jovem negro/a no Rio de Janeiro e a forma como os impactos do racismo estão presentes na construção de suas trajetórias, a partir de fragmentos de experiências relatados em palestras do TEDx. A abordagem leva em consideração o conceito de necropolítica, as discussões sobre os territórios e as construções da memória e das narrativas.

Palavras-chave: Trajetórias, Juventude Negra, Racismo, Favelas, TEDx

ABSTRACT

Being a young black in Rio de Janeiro: the perspective of fluminense young in TEDx

From conceptions about youth and an overview of racial relations in Brazil, within the framework of public policies for youth, the present work provides an overview of the experiences of being young black/a in Rio de Janeiro and how the impacts of racism are present in the construction of their trajectories, from fragments of experiences reported in TEDx lectures. The approach considers the concept of necropolytics, the discussions on territories and the constructions of memory and narratives.

Keywords: Black Youth, Racism, Favelas, TEDx

AGRADECIMENTOS

Completar uma jornada não é algo que se faz sozinho, e acredito que ninguém deseja fazê-lo. A essência das nossas vidas se completa no coletivo e a ancestralidade também se revela coletivamente. É por isso que, chegando ao final deste trajeto tão importante, gostaria de agradecer. Cresci ouvindo que a gratidão alegra o coração e, de fato, estou alegre. Não foi nada fácil, como nada o é na vida. A gente pensa que não vai dar, que não é capaz, que se meteu na maior enrascada de todas, que deveria estar fazendo outra coisa, mas o coletivo nos impulsiona, e me impulsionou.

Quero agradecer ao amor da minha vida, Aline da Cunha Valentim Francisco, que não apenas me encoraja, mas reforça todos os dias a nossa responsabilidade conjunta. Nosso amor é tão grande e tão poderoso que gerou dez quilos de fofura, parceria e sorrisos deliciosos! Agradeço muito por, em me amar, me fortalecer todos os dias. Eu te amo!

Agradeço à Mônica Francisco, minha mãe. A mulher que nunca poupou esforços para me colocar no rumo dos meus sonhos, me tirando da zona de conforto e dizendo que era possível. É amor, é gratidão e é um orgulho enorme de ser o seu filho.

Ao meu pai, Luiz Carlos Francisco, que, mesmo sem muitas palavras, sempre faz questão de demonstrar a satisfação e o carinho. Que alegria tê-lo por perto e poder compartilhar a vida, os trajetos e também os sonhos!

À Milena Francisco, minha irmã. Agradeço por sua vida, sua alegria, seu sorriso e pelo carinho enorme. A gente arranca os cabelos, mas dá certo no final. Dá pra ir mais longe, e a gente vai!

À minha sogra, Ambrosina Maria Valentim, agradeço por acolher a família nos dias de clausura na biblioteca, por estar por perto. Muita gratidão pelo presente que me deu em forma de filha!

Ao grupo de orientação coletiva, agradeço muito! Aline Costa, Evelyn Dias, Evelyn Melo, Helô Novaes e Lucila Clemente, sem dúvida, não fossem as trocas, os encorajamentos e até os puxões de orelha tomados juntos, teria sido muito mais difícil.

Ao corpo discente do PPRER, aos que convivi em sala de aula e aos que tive o prazer de representar nas reuniões do Colegiado, agradeço muito!

Ao meu orientador Carlos Henrique Martins, meus agradecimentos! Ele me chocou na entrevista do mestrado e, a cada encontro, fiquei surpreso com a sua empatia, doação e disciplina. Choramos, rimos e estamos aqui! Agradeço muito!

Aos professores e professoras do PPRER, que me ensinaram tanto: Luciana, Maria Cristina Giorgi, Fátima Lima, Renilda Barreto, Talita Oliveira, Teresa Fachada,

Fábio Oliveira, Samuel Oliveira, Roberto Borges, Fabiano Magdaleno, foi um prazer enorme aprender com cada um.

À banca querida e gentil, agradeço muito, Mônica Peregrino e Mônica Sacramento. Havia mesmo de ser com duas Mônicas pra marcar esse momento! A Samuel Oliveira e Talita Oliveira, agradeço pelas contribuições e considerações.

Aos jovens destacados nesta pesquisa. Todos eles cruzaram por mim em diferentes momentos da vida e a marcaram. Salve! Ana Paula Lisboa, Yasmin Thayná, Rene Silva e Mc Martina!

À querida Anacris Bittencourt, elo primoroso trabalho de revisão. Muitos anos se passaram e a admiração permanece! Gratidão.

Aos funcionários do Cefet/RJ, agradeço muito!

E, por fim, quero não apenas agradecer, mas também dedicar este trabalho a meu filho, Antônio Valentim Francisco, motor importantíssimo para que eu vislumbrasse o final desta jornada. Desejando que, quando chegar à juventude, ele possa viver em um Brasil mais justo e mais igualitário, em que a cor da nossa pele influencie menos nas posições que vamos ocupar e nos lugares aonde vamos chegar. Que conviver com a violência e a morte não seja algo natural e que se possa morar com dignidade em qualquer canto da cidade.

SUMÁRIO

Introdução		**9**
1	**Raça, racismo e juventude negra**	**16**
1.1	Relações raciais e políticas públicas no Brasil: uma síntese	20
1.2	Meritocracia e Racismo Estrutural	25
1.3	Biopoder e Necropolítica	26
2	**Alguns olhares sobre as juventudes no Brasil**	**32**
2.1	Juventude e políticas públicas no Brasil	36
3	**As favelas e periferias no Rio de Janeiro**	**43**
3.1	Rio de Janeiro e as favelas: experiências recentes	44
3.2	A questão do território	47
4	**Memória e narrativas**	**53**
4.1	A análise das narrativas	57
5	**Jovens negros/as no TEDx**	**62**
5.1	Ana Paula Lisboa	63
5.2	Rene Silva	66
5.3	Yasmin Thayná	71
5.4	Sabrina Martina – Mc Martina	77
Considerações finais		**82**
Epílogo		**86**
Referências		**88**

Introdução

Como é a experiência vivenciada por de jovens negros/as residentes nas favelas e periferias do Rio de Janeiro? O que os une? O que os separa? Diante desses e de muitos outros questionamentos, esta pesquisa se tornou o resultado de um exercício de articulação entre as tensões, as vivências e as construções das trajetórias e narrativas sobre as experiências de ser jovem negro/a no Rio de Janeiro. O tempo da pesquisa é tão amigo como algoz e atravessado de muitas experiências singulares e eventos que nos fazem levantar inúmeras hipóteses e deixar de lado outras tantas.

É muito comum ouvir, ao longo do mestrado, que este não é o trabalho de uma vida, e que não é o último texto a ser escrito pelo pesquisador em questão. E, ainda que seja verdadeira a afirmação, é difícil destituir-se do engajamento com que se inicia uma pesquisa. A vontade de mudar o mundo que está à nossa volta, ou de ver respondidas todas as inquietações também proporcionam um *looping* invariável de vivências que muitos de nós quer deixar para trás quando tudo chega ao fim.

A partir deste ponto, passa-se a destacar o caso do autor, integrante da juventude negra carioca, narrado, por isso, excepcionalmente, na primeira pessoa.

Nasci e fui criado no Morro do Borel, vivendo toda a juventude nessa favela da Tijuca, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, sempre fui um curioso e, talvez por isso, tenha trilhado muitos caminhos aparentemente diferentes da maioria dos colegas e amigos da infância. Completar o Ensino Médio é um desafio para grande parte da juventude negra brasileira; acessar a universidade, outro. Esses foram, por exemplo, superados com severas dificuldades, permitindo-me acessar a pós-graduação. Acredito que a ampliação dos repertórios, a intensa curiosidade, os diferentes locais da cidade em que estudei, bem como minha relação com a cidade fortaleceram essa trajetória.

A primeira vez em um laboratório de informática, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), durante um passeio escolar, girou minha mente em um mundo de possibilidades, e parece que não fui mais o mesmo. Sempre engajado, e querendo participar de todas as ações possíveis e imagináveis, não escapei dos impactos do racismo, presente e cortante; algumas vezes mais, outras menos, mas sempre cercadas de dor.

Essa constatação não representa uma queixa, mas o reconhecimento de como

todo o processo de formatar um texto longo, lapidado e trabalhado a partir de um processo de observação, de levantamento bibliográfico e da articulação de teorias com as práticas cotidianas é libertador, ainda que bastante doloroso.

No intercurso desta pesquisa – que, inicialmente, teria como campo de análise o Morro do Borel, onde nasci, relacionando os dados de letalidade de jovens com os efeitos do racismo e as possibilidades de vida de jovens negros/as do Borel –, aconteceu o cruel assassinato de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro, companheira nos tempos de militância e da organização de Rede de Instituições do Borel, do Ocupa Borel e que, há um ano, havia convidado minha mãe, liderança comunitária local, a trabalhar em seu mandato. Essa notícia foi avassaladora e mexeu em cheio com minhas expectativas e desejos neste trabalho, assim como alterou minha percepção em muitas questões.

Falar sobre a juventude negra e a favela se tornou um desafio maior ainda. Se, anteriormente, estava em jogo o fato de compartilhar com similaridade das vivências apresentadas na pesquisa; depois, tornou-se um tema que me causava alguma estranheza, uma tensão. Era como se falar sobre os percalços, as viradas bruscas nas trajetórias de jovens negros/as não me fizesse bem.

É necessário mergulhar com algum sangue frio para destrinchar as duras marcas do racismo estrutural que permeiam a construção de trajetórias e a organização da vida nesses territórios da cidade.

Decidi, então, que deveria pesquisar sobre jovens negros/as, a partir de suas vivências, de como lidam com o racismo cotidiano e de como estão se organizando para viver na cidade, apesar dos estrondosos impactos da estrutura racista em suas trajetórias. Um pouco desse olhar estranho e familiar, uma vez que também me vi muitas vezes neste lugar, jovem, negro e favelado, militante, conselheiro Nacional de Juventude, criador de projetos sociais para jovens e professor de pré-vestibular comunitário.

Ainda hoje acredito que uma das estratégias que me manteve vivo e ativo no seio de nossa sociedade racista e contaminada em suas instituições, sejam físicas ou ideológicas, foi a de criar junto, mobilizar. A criatividade e a inventividade tão caras ao povo preto historicamente nos manteve vivos ou foram capazes de produzir legados às gerações futuras.

Diante disso, lembrei do TEDx[1], a famosa plataforma de palestras curtas, por meio da qual é possível ensinar, a partir de pontos de vista particulares, das histórias de vida das pessoas e do que elas estão fazendo para resolver questões, buscar o novo ou viver melhor em seus bairros, cidades e países.

Os Teds são utilizados em eventos acadêmicos, salas de aula e diversos outros espaços e dão notoriedade aos personagens ali apresentados, garantindo, além de visibilidade, determinada autoridade sobre os temas e assuntos. As palestras disponíveis no Youtube ou na plataforma oficial dos eventos mobilizam um público numeroso ao redor do mundo, inspiram ações individuais e coletivas e, até mesmo, a realização de eventos similiares. O primeiro vídeo do TEDx que assisti foi o de Chimamanda Ngozi Diche, sobre "os perigos de uma história única". A apresentação discorria sobre como são criadas narrativas que homogeneízam as identidades, culturas e vivências de um povo ou de um grupo de pessoas e de como essas histórias únicas tornam-se verdades absolutas capazes de segregar povos, ampliar as dimensões do preconceito e fortalecer o racismo. Foi um dispositivo importante para pensar mais sobre o que significava ser um jovem negro e ampliar o debate com a demarcação racial.

Já durante a pesquisa, o primeiro passo foi pesquisar na plataforma sobre jovens de favela, verificando quem era esse público no Rio de Janeiro. Imaginei que se fosse possível encontrar ali jovens de favelas cariocas, seria possível analisar a dimensão dos impactos do racismo na construção de suas trajetórias pessoais.

O resultado da busca trouxe quatro jovens que residem, ou residiam à época das palestras, em favelas e periferias do Rio de Janeiro e que, nos últimos anos, a partir de 2010, ganharam notoriedade pelos trabalhos que desenvolveram em seus territórios ou fora dele. De alguma forma, todos cruzaram também minha trajetória e vida, seja trabalhando juntos ou participando de atividades comuns.

---

[1] O TED é uma organização sem fins lucrativos, cujo objetivo é compartilhar ideias. O nome é resultado do acrônimo para "*Technology, Entertainment and Design"*, em português: Tecnologia, Entretenimento e Planejamento. O formato começou há 26 anos na Califórnia e vem crescendo ao redor do mundo, abraçando outros temas de impacto social. No Brasil, inúmeras edições da conferência de palestras já foram realizadas em teatros, universidades e outros espaços. Os vídeos da palestra são disponibilizados em plataforma própria na Internet e no Youtube, fonte dos depoimentos apresentados ao longo deste trabalho.

Sujeitos da pesquisa

Ana Paula Lisboa tem 31 anos, nasceu em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, , é colunista do jornal O Globo e, durante muitos anos, foi coordenadora da Agência de Redes para a Juventude – projeto social desenvolvido em favelas do Rio de Janeiro que receberam as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). É escritora e produtora de eventos culturais e vive entre a Angola e o Brasil. Quando participou do TEDx, era moradora da Favela Nova Holanda, no Complexo da Maré.

Rene Silva tem 25 anos e é responsável pelo jornal "Voz da Comunidade", que começou no Complexo do Alemão, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Ganhou notoriedade quando, em 2010, publicou os bastidores da operação de implantação da UPP na comunidade em uma rede social. Desde então, o jornal impresso se tornou portal na Internet e tem colaboradores de outras favelas do Rio de Janeiro. Já viajou para muitos países para contar a sua experiência.

Yasmin Thayná tem 28 anos e também é de Nova Iguaçu. . Para chegar à capital, gasta pelo menos 1 hora no trem lotado e se considera uma moradora da periferia. É cineasta e o seu primeiro filme, "Kbela", foi premiado em muitos festivais, no mundo todo.

Sabrina Martina é outra moradora do Complexo do Alemão. Aos 19 anos, é criadora do coletivo "Poetas Favelados", que surgiu no Alemão e, atualmente, conta com participantes de diferentes favelas do Rio de Janeiro. Uma das ações organizadas pelo coletivo é o "Slam[2] Laje", batalha de poesia e Rap nas favelas da cidade.

Organizar os percursos de construção dessa experiência requereu articular alguns aspectos centrais aqui destacados: o território em que viviam; a oferta de políticas públicas nesses espaços da cidade e a questão cor/raça. Assim, a pesquisa destacou essa experiência por compreender que, na sociedade brasileira, a experiência de ser negro é marcada por inúmeros aspectos singulares, evidenciados e debatidos ao longo deste texto.

O TEDx

[2] Organizados em roda, artistas participam de uma batalha que vai decidir pela melhor poesia ou o melhor Rap. O Slam é uma nova modalidade competitiva para as já famosas batalhas entre MCs.

A escolha do TEDx como campo de observação se deveu ao fato de que ali as palestras têm estrutura semelhante e objetivo comum: inspirar pessoas a partir da sua trajetória. Assim, seria possível analisar o que estava sendo destacado por essas/es jovens e compreender como era a articulação com os impactos do racismo e como se apresentavam as estruturas sociais ao seu redor.

Além da relevância das trajetórias das/dos jovens selecionadas/os, eram também os únicos jovens de favela do Rio de Janeiro que já tinham participado das conferências. Vale ressaltar que não participaram da mesma edição e ano. Os vídeos foram gravados de 2016 a 2018.

Chamou bastante a atenção o fato de que as palestras do TEDx pareciam com os relatos de história oral colhidos para pesquisas historiográficas, uma ligação direta com o tema da memória que estava sendo desenvolvido ao longo do percurso. Assim, foi possível produzir o trabalho de maneira bastante coesa.

Isso não significa que o trabalho seja baseado em história oral, uma vez que os procedimentos de pesquisa não se assemelham, no sentido de que não foram produzidas extensas entrevistas com as histórias de vida dos participantes. Mas se compreendeu que as características verificadas no processo de análise das histórias orais poderiam caber aqui. Sobre a História Oral, a historiadora Verena Alberti (2004) afirma que:

> não há dúvida de que a história oral permite o registro de uma quantidade diversificada de narrativas de experiência de vida, viabilizando o acesso a visões de mundo e a histórias de vida provenientes de diferentes grupos sociais (ALBERTI, 2004,p.46)

Esse viés deu luz interpretativa ao trabalho de pesquisa, pois todo o seu processo de elaboração teve como objetivo a busca de uma perspectiva singular para observar e sistematizar a experiência vivida do/da jovem negro/a.

Dessa forma, cada palestra foi transcrita, e a análise buscou as similaridades nas trajetórias, como cada um/a destes/as jovens falava sobre racismo ou sobre como enxergavam o papel do Estado e, por último, as evidências de suas práticas cotidianas nesses territórios.

A elaboração deste texto levou em consideração o fato de que as narrativas produzidas por esses jovens apontavam mais que dados ou constatações sobre a realidade; elas dialogavam com a teoria e reforçavam os aspectos agrupados no *corpus*

do trabalho, de modo que as contribuições advindas de suas palestras nos deram não apenas os fios narrativos como possibilitaram o desenrolar dos debates teóricos ao longo da dissertação.

É certo que, durante todo o percurso de organização desta dissertação, fui deveras impregnado pelos relances de minhas próprias vivências e experimentações, assim como pelas percepções sobre vários eventos reunidos aqui. Isso intensificou uma dificuldade real de recortar o campo, o período de observação e análise e, mesmo, os/as personagens/sujeitos.

Compreendi que esta pesquisa estava carregada também do desejo de transformar em teoria, ou, ainda, de suscitar, os debates pertinentes sobre parte da minha própria trajetória militante, envolvido com inúmeros projetos e ativista pelas políticas públicas para a juventude. Com o desenrolar deste processo de construção , o desejo inicial de retornar ao território onde se deram os principais fatos de minha trajetória. e dissecando um perfil do/a jovem ali residente para confirmar determinada hipótese, deu lugar à visualização de um processo similar de protagonismo na elaboração da representação de jovens negros/as em outras partes da cidade.

Permiti-me aliar o debate teórico às pistas encontradas nas falas proferidas nas palestras dos/as jovens pesquisados/as para traçar um perfil analítico relevante aos campos da Sociologia da Juventude e das Relações Étnicorraciais. Desta forma, além do olhar do pesquisador e dos debates teóricos propostos por mim, as narrativas dos/das jovens levantaram questões e outros debates, de modo que percorreremos todo este trabalho em companhia de suas inquietações e de seus olhares.

Era importante inscrever no âmbito das discussões sobre juventudes o/a jovem negro/a como sujeito e, assim, colaborar para que outras pesquisas no campo e fora dele possam dar visibilidade às questões desse grupo, nomeando-os.

No primeiro capítulo, é apresentada uma discussão sobre raça e racismo, a partir das perspectivas de Achille Mbembe (2013) e (2018), com contribuições de Silvio de Almeida (2018) e João Costa Vargas (2017). São desenvolvidas as nuances do racismo institucional e compreendido o que formata um Estado necropolítico e antinegro.

É possível identificar como o racismo tem impacto diretona vida dos/as jovens negros/as, como constatado ao longo das análises, como quando Yasmin Thayná fala sobre o lugar onde mora:

> A Baixada é um lugar muito estigmatizado, então se você chega ao Rio as pessoas perguntam: onde fica? É de comer? Lá tem muita chacina, né? Os pedófilos moram lá... Todos os estigmas, os piores possíveis, a Baixada Fluminense lembra.

Ou ainda quando Sabrina Martina, em forma de poesia, fala sobre as preocupações de sua avó:

> Minha avó desde pequena falava pra mim: se der tiro não corre, andar nos becos não pode, qualquer barulho, se esconde, não se esquece. Só sai da escola de bonde!

Ainda nesse capítulo, passam-se pelas principais teorias da Sociologia da Juventude desenvolvidas e aplicadas no Brasil ao longo dos últimos 20 anos, produzidas por Mary Castro (2009), Juarez Dayrell (2007), Paulo Carrano (2014), Luís Antônio Groppo (2017), e outros.

No segundo capítulo, a intenção é situar a favela no contexto da cidade do Rio de Janeiro e compreender a periferia e o papel das divisões territoriais, trazendo também um compilado do que significaram os últimos anos na vida do cidadão fluminense, pelo menos em alguns aspectos, sobretudo aqueles mais ligados à política de segurança pública, sob o ponto de vista das Ciências Humanas, como a História, a Sociologia e a Geografia. Para isso, há um capítulo desenvolvido a partir das considerações de Márcia Leite (2013), Andrelino Campos (2007), Monique Carvalho (2013), Luiz Antônio Machado (2008), Rogério Haesbaert (2007), Marco Aurélio Saquet (2003), entre outros.

No terceiro capítulo, a perspectiva da memória e das narrativas orais a partir das discussões que fundaram a Nova História, com Halbwachs (1990), Pierre Nora (1993), Alessandro Portelli e Pierre Bourdieu (1996) (1998), e que possibilitaram a inserção das narrativas orais, com as contribuições de Verena Alberti (2004), Ronaldo Vainfas (2002) Edoardo Grendi (2009) e Amilcar Pereira de Araújo (2013).

No quarto capítulo, estão a apresentação e a análise dos relatos selecionados como objeto deste estudo, garantindo um panorama bastante diverso sobre a experiência de ser jovem negro/a nas periferias do Rio de Janeiro.

1- Raça, racismo e juventude negra

O racismo é uma cruel estratégia de poder, aperfeiçoada e fincada na realidade brasileira, mas não apenas; o racismo mostra suas inúmeras faces ao redor do mundo, de muitas formas. É bem verdade que, no Brasil, o desenvolvimento de um campo de estudos que seja capaz de dar conta dos efeitos e dos impactos do racismo no desenvolvimento da sociedade e no cotidiano das pessoas ainda está em construção, como é pertinente de todo conhecimento, constante desenvolvimento, debates, afirmativas e muitas hipóteses e questões.

Contudo, é também importante lembrar que, apesar de ser o campo das relações étnicorraciais, recente, os estudos, porém, não o são. Para destacar alguns exemplos, gostaria de citar a instituição e expansão dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) pelo Brasil, fortalecidos após a implementação da Lei n. 10.639/2003 e a fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), no ano 2000, após o 1º Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as, realizado na Universidade Federal de Pernambuco.

Os estudos sobre o processo escravista no período colonial brasileiro, bem como suas implicações na formação da sociedade brasileira vêm acompanhando o desenrolar dos fatos e, muitas vezes retomando-os sob diferentes perspectivas. Para se ter noção, em 2003, no prefácio do livro *Racismo à brasileira*, Joaquim Barbosa afirma que, naquele ano, inclusive o primeiro do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as discussões sobre "nossas intrincadas relações raciais" têm hoje uma dimensão de amplitude e alcance depois que foram subtraídas do acanho do ambiente acadêmico e levadas ao grande público" (p.9), apontando a pouca abrangência dos estudos sobre o tema.

Dezesseis anos depois, ainda é muito gratificante ver se descortinando no país uma nova onda de debates e de produção acadêmico-científica que tente dar conta de analisar os fenômenos no decurso de seus acontecimentos, com o objetivo de dar respostas rápidas e minimizar ou erradicar os efeitos danosos dessa configuração racial, entranhada nas práticas e relações diárias das vidas de pessoas negras no Brasil.

Fato é que temos atualmente uma nova configuração diante da questão racial.

Nos últimos anos, dados do IBGE dão conta de que o contingente de pessoas que se autodeclaram pretas vem crescendo[3]. O fenômeno deve se confirmar no próximo censo, que deve se realizar no ano 2020.

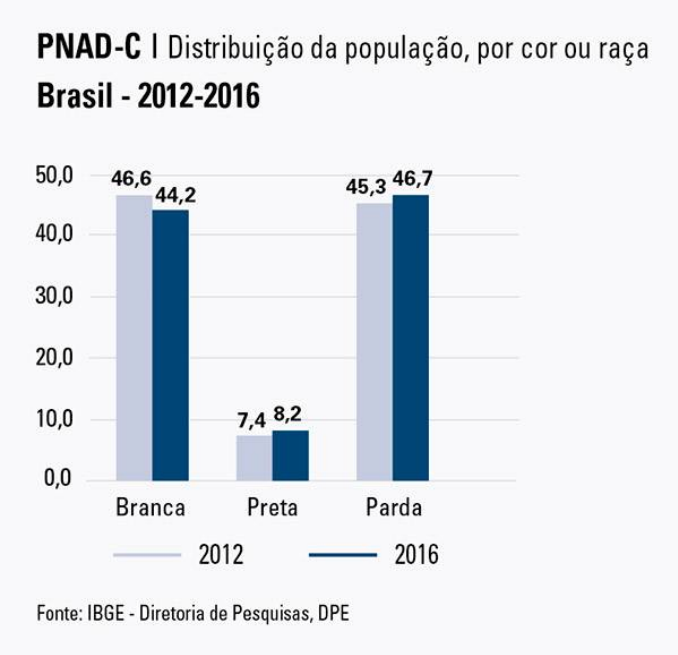


Gráfico 1: Pnad contínua 2016 (IBGE, 2017)

Como é possível observar no Gráfico 1, esse crescimento pode ter como motivos a criação das cotas raciais para negros (autodeclarados pretos e pardos) nas universidades e em concursos públicos, o avanço dos debates para além das universidades, além das novas configurações dos movimentos negros brasileiros, que apresentam muitos coletivos liderados por jovens, com maior capilaridade e utilização das novas tecnologias de informação e comunicação. Há também maior disseminação dos temas em plataformas digitais, como as redes sociais. Atualmente, é comum vermos canais e páginas na Internet dedicados à temática racial que abordam desde a questão estética (cabelo, maquiagem, roupas etc.), passando por questões cotidianas (opinião sobre fatos, filmes, músicas e videoclipes) até as discussões mais teóricas (debates,

[3] De 2012 a 2016, enquanto a população brasileira cresceu 3,4%, chegando a 205,5 milhões, o número dos que se declaravam brancos teve uma redução de 1,8%, totalizando 90,9 milhões. Já o número de pardos autodeclarados cresceu 6,6% e o de pretos, 14,9%, chegando a 95,9 milhões e 16,8 milhões, respectivamente. É o que mostram os dados sobre moradores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016 (IBGE, 2017).

discussões e apresentação de conceitos acadêmicos).

Ainda assim, é impossível dizer que vencemos o mito da democracia racial[4] ou que já somos uma nação que convive de maneira igualitária ou justa diante da questão racial. Ao contrário, convivemos com inúmeros desafios em todos os espaços e contamos as exceções nos espaços de representatividade, na televisão, nas universidades e na vida, de maneira bastante global e geral.

Somos o país que mais mata e nesses números, a população jovem e negra tem sido a maior vítima; também acumulamos lugar de destaque entre as maiores populações carcerárias do mundo, com presos, em sua maioria, negros e negras. Temos um índice de desigualdade econômica muito intenso e localizado entre as populações pretas, de modo que ser negro significa muitas vezes estar no conjunto dos vulneráveis.

Decerto que entre os inúmeros desafios brasileiros, dia após dia, descortinados diante de nós, decodificar o fenômeno do racismo, bem como seus impactos na vida das pessoas negras e as diversas formas de sua disseminação, manutenção e estratégias é um deles. A importância de dar materialidade ao fenômeno do racismo está imposta como desafio nos dias atuais, quando as tensões narrativas tentam esvaziar as discussões sobre o tema. Depois de anos de ausência de políticas afirmativas para a população negra, ou de um debate muitas vezes silenciado sobre a questão racial, não é incomum termos dificuldades em abordar o racismo, iniciar uma discussão saudável ou, ainda, em defender a necessidade de transformação coletiva, levando em consideração cada uma das nuances bastante expostas do racismo, como a desigualdade, o encarceramento, os baixos níveis de escolaridade, a precariedade de moradia, a dificuldade de acessar o mercado de trabalho, entre outras.

Os impactos do racismo são similares ao redor do mundo e acarretam problemas comuns às pessoas negras. Esse é um fator indissociável nas vivências desses sujeitos. Ao menos é o que nos aponta Achille Mbebmbe (2013), revelando uma crise do sujeito em meio a uma sociedade em aceleração que não oferece tempo de adequação ou de autodescoberta a essas pessoas. Essa crise do sujeito revela também aspectos

[4] "O mito da democracia racial implicava um ideal de homogeneidade racial, o que significa que os racialmente diferentes não são bem vistos, posto que desafiam este ideal brasileiro" (COSTA, 2002, p.252).

importantes, analisáveis, o que gera a "universalização da condição negra", com mecanismos visíveis não apenas no comportamento cotidiano das pessoas e das sociedades, mas encontrando espaço nas estruturas dos Estados. Um exemplo pode ser visto em atos como a imposição de barreiras físicas ou simbólicas para com o outro, com os sujeitos negros. É aí que a busca por um devir-negro no mundo pode ter um caráter "descartável e solúvel, institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro" (p. 18).

Seguindo este debate, o autor afirma que as concepções sobre negro e raça nunca foram elementos congelados, distantes de fatos históricos, práticas sociais e construções discursivas. Dessa forma, o debate sobre raça e racismo permite fazer emergir questões recorrentes como possibilidade analítica, sobretudo no que se refere ao controle dos corpos negros e ao processo colonizador exaustivamente repetido na sociedade ao longo dos tempos. Mbembe (2013) aponta arqueologicamente os processos de intervenção sobre os corpos negros iniciados com o processo de colonização e espoliação de povos africanos por parte dos europeus, científica e socialmente e, posteriormente, na relação de captura e venda de negros para o trabalho escravizado.

O autor aponta que, para o pensamento ocidental-europeu, pensar África ou o negro seria compreendê-los como "resto". Senão, vejamos: "A África, de um modo geral, e o Negro, em particular, eram apresentados como os símbolos inacabados desta vida vegetal e limitada". (2013, p. 28). Constitui-se, nessa percepção, o elemento fundante do racismo e a primeira constituição sobre a raça: uma ausência de humanidade e a destituição de pessoalidade. "Assim se justificava a empresa colonial como obra fundamentalmente "civilizadora" e "humanitária", cuja violência, seu corolário, era apenas moral" (p.29). Nesse sentido, o autor reforça que a raça serve como conceito de inscrição universal das pessoas negras em um sistema de opressão.

Tal lógica pode ser transformada em uma chave necessária para compreendermos o racismo, tornando-o explícito, material, apontando, além de tudo, o seu caráter desumanizador, capaz de violar direitos e impedir o acesso à cidadania, deixando como legado para as pessoas negras as inúmeras violências ao decorrer de suas vidas.

Além disso, o racismo é também uma relação de poder que se manifesta em circunstâncias históricas e é a partir daí que podemos também analisar a relação dos

sujeitos negros com o Estado e com as políticas públicas. Fato é que, nos últimos anos, o Brasil entrou em uma montanha-russa de conceitos sobre o papel do Estado na vida das pessoas.

Pelo menos nos últimos 20 anos, é possível visualizar a ascensão e o declínio de índices importantes como o de acesso à educação e ao emprego. Mais recentemente, temos visto um ataque ao conceito de Estado de bem-estar social, cuja premissa é o entendimento de que é papel do Estado fortalecer o desenvolvimento de seus cidadãos, por meio de políticas públicas diversas, custeadas pelo Estado.

Essa escalada expõe ainda mais as características apresentadas por Silvio de Almeida (2018), relembrando que o Estado detém o papel de protetor da ordem por meio da "garantia da liberdade e da igualdade formais e proteção da propriedade privada e do cumprimento dos contratos" (p.72) Sendo, portanto, agente importante no desenvolvimento das sociabilidades e das vivências dos indivíduos.

No caso desta pesquisa, não foi difícil ouvir dos/as jovens relatos sobre como é muitas vezes difícil lidar com as polícias, com as oportunidades e, até mesmo, com o processo educacional; ouvir sobreas muitas ausências do Estado em forma de garantia de direitos e, consequentemente, de suas vidas e existência.

1.1 Relações raciais e políticas públicas no Brasil: uma síntese

Se aqui estamos diante de uma questão que parece óbvia para o pesquisador, é de todo modo importante registrar que a existência de uma nova onda de produção acadêmica, ou ainda, de novas estratégias dos movimentos sociais – que partiram para outras formas de construção coletiva, ampliando a participação juvenil e utilizando as novas mídias – , em especial, do movimento negro, são também resultado de um processo histórico e da construção do debate sobre as relações raciais, cujos percalços e marcas são inconfundíveis na formação do Brasil como nação, como a tardia abolição da escravatura, depois de 300 anos de convivência com o regime. Com a intenção de traçar um recorte mais recente, neste estudo tomamos como ponto de partida o período constituinte, o ano de 1985, para discutir o desenvolvimento da questão racial no Brasil, tentando destacar a produção da Academia, do governo brasileiro e dos movimentos sociais.

O processo de redemocratização abriu espaço político para que movimentos sociais dos mais diversos tipos se expressassem e reivindicassem suas pautas, no entanto:

> uma resistência especialmente intensa às demandas do movimento negro persistiriam porque aparentemente essa causa ameaçava dogmas centrais do nacionalismo brasileiro. Especialmente durante a década de 1980, quando continuava a ser defendida a ideologia da democracia racial, o que limitaria a capacidade do movimento negro de ter ressonância junto à elite brasileira. (TELLES, 2003, p.69)

Ainda assim, em alguns estados, a pressão do movimento negro foi exitosa em conseguir que fossem criados espaços de luta, por exemplo, o Conselho da Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, em 1984, presidido por Helio Santos[5], com a participação de Sueli Carneiro[6]. Seguiram o modelo alguns estados como a Bahia (1987), o Rio Grande do Sul (1988) e o Rio de Janeiro, mais tarde em 1991.

Em 1985, o então presidente, José Sarney criou o Conselho Negro de Ação Compensatória, que nunca foi implementado; e, em 1988, mais especificamente no dia 13 de maio, por ocasião do centenário da Abolição da Escravatura, criou o Instituto Fundação Cultural Palmares, com o objetivo de promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, como descrito em seu *site*[7].

Mais adiante. teríamos a promulgação da Constituição Brasileira de 1988, conhecida como a Constituição Cidadã, elaborada por uma Assembleia Nacional Constituinte e com amplo apoio e discussão da sociedade civil e dos movimentos sociais, entre eles o movimento negro. Para Telles:

> Importantes contribuições também foram inseridas na Constituição promulgada em 1988. "A Constituição Brasileira de 1988 revolucionou as bases legais da defesa dos direitos humanos no país e também reconheceu os princípios de tolerância, do multiculturalismo e da dignidade individual. Direitos e identidades tornaram-se a base para centenas de leis anti-racistas em vários níveis. (TELLES, 2003, p.71)

---

[5] Hélio Santos é professor titular de Economia da PUC-Campinas. Integrante do Movimento Negro Unificado (MNU). Fez parte do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo e também coordenou o Grupo de Trabalho Interministerial no Governo Fernando Henrique Cardoso.

[6] Aparecida Sueli Carneiro Jacoel é filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro. Sueli Carneiro é fundadora e atual diretora do Geledés — Instituto da Mulher Negra e considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil.

[7] Disponível em http://www.palmares.gov.br/.Acesso em 23 de março de 2019.

A nova Constituição ampliou ainda a possibilidade de criação de diversas organizações que compuseram a sociedade civil organizada[8]. Com o apoio de organismos internacionais, surgiram entidades como o Geledés – Instituto da Mulher Negra, em São Paulo, e o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap), no Rio de Janeiro, para citar algumas.

Em 1995, a Marcha Zumbi contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, em Brasília, demarca o início de um novo ciclo de pressões ao Estado brasileiro, exigindo do então presidente, Fernando Henrique Cardoso, medidas mais efetivas de combate à discriminação racial. A historiadora Monica Grim (2010) conta que foi a primeira vez que um presidente da República assumiu a existência do racismo no Brasil, o que deu também novo fôlego às lutas do movimento negro. Segundo a autora:

> Esse reconhecimento demarca o início da trajetória pública da luta do Movimento Negro por cotas raciais e do debate público sobre raça como sujeito de direitos. Uma mudança nas formas de mobilização institucional do governo frente às demandas por equidade racial deslocaria o tema das relações raciais no âmbito mais imediato da cultura, para o âmbito da política (GRIN, 2010, p.109).

O presidente, à época, criou o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), para o desenvolvimento de políticas públicas de valorização da população negra. Entre as medidas propostas, estavam a "elaboração de estudos sobre a composição étnica da população brasileira nos cenários prospectivos "Brasil 2020" e "parâmetros curriculares nacionais para adequar os currículos escolares às peculiaridades regionais do país, valorizando também a contribuição cultural dos negros na construção da nação brasileira" (ibidem, p.113)

Tanto Telles (2003) como Grin (2010) apontam que, embora elaboradas, nenhuma das medidas foi efetivamente implementada no governo Fernando Henrique Cardoso. Telles relata que "alguns ministros tentaram boicotar a implementação das recomendações do GTI" (p.78). Mônica Grin conta que o governo foi "titubeante" na promoção racial, o que só aconteceu mais tarde, no governo Lula (2003-2010). A autora aponta que:

[8] Conjunto de organizações e instituições sociais como ONGs, institutos, coletivos etc.

> Quando ele cria a Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) (...) Embora se possa identificar no Governo Fernando Henrique Cardoso uma mobilização inédita, (...) não se inaugura nessa conjuntura o que chamo de institucionalização da "raça" no Estado republicano. (GRIN, 2010, p.115)

É também na década de 1990 que a categoria raça começa a ser aceita como campo legítimo pelas Ciências Sociais. A influência norte-americana das ações afirmativas e as análises sociológicas de estatísticas do início da década "revelavam um persistente padrão de discriminação racial difuso e velado, que operaria em todos os níveis da sociedade brasileira"(p.116).

Sobre isso, Hélio Santos (2000) afirma que:

> Pouca coisa foi feita no campo da cidadania, estudos econômicos, direito. Outros aspectos importantes como educação e mercado de trabalho vêm ganhando força junto aos pesquisadores. Entretanto, nossa maior crítica à atuação da Academia se restringe à metodologia até pouco tempo utilizada. Os estudiosos desenvolviam sua atuação de forma isolada, quando o cotidiano, que é onde a vida flui, tem uma caracterização interdisciplinar e multidisciplinar. (SANTOS, 2000, p.72)

Os anos 2000 são muito importantes para uma virada na forma como o Estado brasileiro vai lidar com a questão da raça. Há quase 10 anos, em 2010, Mônica Grin apontava para a experiência de termos vivido no país uma década de intensa movimentação da discussão racial. Pelo menos é o que afirmava a historiadora, que dizia:

> Em uma década, o Brasil tem experimentado uma significativa transformação nas formas de conceber e tratar questão racial, especialmente por pressão dos Movimentos Negros, dos organismos internacionais e da atração que exercem os novos valores de reconhecimento cultural e diferenciação. (GRIN, 2010, p.138)

De fato, o que se viu naquele período foi um intenso desdobramento decorrente, entre outras coisas, da aprovação da Lei n. 10.639/2003, que torna obrigatório o Ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira; a criação da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (Seppir); e a institucionalização das cotas raciais nas universidades e escolas federais[9], bem como nos concursos de acesso à carreira pública[10], para citar alguns.

[9] Lei n. 12.711.
[10] Lei n. 12.990.

Em 2010, foi sancionado o Estatuto da Igualdade Racial[11], uma carta legal de princípios e normas com o objetivo de fixar direitos para os afro-brasileiros em várias dimensões da vida social e reconhecendo que o grupo racial a que nos referimos no Brasil está circunscrito entre aqueles/as que se classificam como pretos ou pardos. Os objetivos são combater a discriminação racial e as desigualdades raciais que atingem os afro-brasileiros, incluindo a dimensão racial nas políticas públicas do Estado.

Agora, quase 10 anos depois, a conjuntura brasileira mudou consideravelmente e, nos últimos anos, um *impeachment* foi utilizado para destituir a presidenta Dilma Rousseff, no decurso de seu segundo mandato presidencial. Durante dois anos, Michel Temer, que substitui Dilma Rousseff, não apresentou avanços sobre a questão racial e, nas últimas eleições, o presidente eleito ganhou a eleição sob uma agenda anti-identitária, de negação da questão racial e dos direitos humanos e que não acredita na efetividade ou utilidade das cotas raciais.

Há, contudo, uma ebulição crescente nos movimentos de afirmação racial e os movimentos negros estão se reorganizando, criando novos mecanismos de participação e se reinventando. Há também maior número de negros/as nas universidades, em todos os níveis do Ensino Superior.

Os congressos da área de Relações Étnicorraciais, sobretudo o Congresso de Pesquisadores Negros/as, têm sido importante instrumento de circulação e divulgação das pesquisas acadêmicas e discussão sobre a questão racial, ampliando os espaços de discussão e a interação entre as diversas áreas da pesquisa brasileira, proporcionando um intercâmbio de experiências acadêmicas.

Portanto, é possível avaliar que, apesar de intensamente discutida, a questão racial ainda não foi superada na sociedade brasileira, como veremos adiante na situação específica dos/das jovens negros/as. Há um abismo profundo entre a institucionalização da questão, sob ataque neste período, e a vida cotidiana. Como afirmei anteriormente, ainda acumulamos números bem preocupantes no que tange à população negra brasileira.

Há inúmeros motivos para que ainda se viva nessa realidade no Brasil, e um deles é uma das vertentes do racismo. Nas recentes discussões sobre raça e racismo. é comum ouvir que o racismo é estruturante das relações sociais no Brasil e que essa é

[11] Lei n. 12.288.

uma das barreiras para que avancemos em direção a um horizonte de maior equidade. Na seção a seguir, vamos discutir essa vertente do racismo, tão atrelada ao papel do Estado no cotidiano das pessoas e na conformação das relações sociais que implicam organização da vida e construção das trajetórias das pessoas negras.

1.2 Meritocracia e racismo estrutural

A observação desses fenômenos vai revelar inúmeros desdobramentos, como aponta Silvio de Almeida (2018), apresentando como um dos pilares que sustentam o racismo no Brasil o discurso da meritocracia. Segundo o autor, seus efeitos em um país como o Brasil é a ampliação da desigualdade, da miséria e da violência (p.63). É possível dizer que as juventudes são alcançadas muito fortemente pelo discurso da meritocracia. O fato de estarem ainda construindo suas vidas, de transitarem nos ambientes escolares e serem os mais novos nos mercados de trabalho, faz que a realidade do racismo entre os jovens negros seja bastante perceptível.

Em seu *O que é Racismo*, Joel Rufino dos Santos (1982) diz que:

> Pelo menos uma dessas novas expressões parece invenção brasileira: "complexo de cor". Seria uma espécie de complexo de inferioridade dos não-brancos diante da vida: ela dava oportunidade a todos que tivessem força de vontade, mas os não-brancos tinham um inexplicável medo de tentar; largassem o medo e tentassem, estudando, trabalhando firme, cumprindo as regras sociais... Acabariam premiados. A invenção deste "complexo de cor" teve um objetivo: jogar em cima dos não-brancos a culpa das suas dificuldades. Você não vence porque tem complexo de cor. A sociedade brasileira não é absolutamente racista. (SANTOS, 1982, p.56)

O autor cita o complexo de cor, anterior ao período em que escreve, e mostra a permanência de um modelo constante do racismo na sociedade brasileira. De lá para cá, os discursos não mudaram muito e, com maior acesso à universidade e à informação, bem como com o aprimoramento do capitalismo, transformar desigualdade em fracasso individual se torna uma estratégia eficaz para manter as pessoas negras fora dos círculos de oportunidade.

A meritocracia, então, pode ser vista como um fator de estabilização política, visto que permite que a desigualdade racial seja vivenciada em múltiplas formas, como a pobreza ou a privação material sejam entendidas como falta de mérito dos sujeitos. Assim, uma das estratégias utilizadas pelos novos movimentos e por esses novos atores

está na visibilidade. Nos últimos anos, ficou comum ler e ouvir que representatividade importa. Mas na proposta de Almeida (2018) há a identificação de que há uma persistência e o recrudescimento do racismo como prática cotidiana de invisibilização e segregação da população negra. A respeito, ele afirma que:

> Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava ao seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria, a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. (ALMEIDA, 2018, p.63)

É visível que o racismo no Brasil se manifesta no cotidiano das relações pessoais, na mídia, nas empresas, nas escolas e universidades, nas lojas, nas livrarias e bibliotecas, nos postos de saúde, nos tribunais, nas delegacias, nos processos eleitorais.Igualmente, é importante que seja explicitado o racismo institucional, perpetrado pelo Estado em suas mais diversas formas: nas composições de servidores, nas seleções e no tratamento dado à população negra peranteas políticas públicas. A meritocracia é, pois, parte de um sistema institucional do qual o Estado faz parte. Nesse caso, temos como fundamento do Estado Moderno a hegemonia em relação à força e ao controle dos corpos e da vida.

Assim, visibilidade torna-se caminho para representatividade em uma tentativa de minar os efeitos do discurso meritocrático, de driblar a “rede de racismo” que envolve as pessoas negras. E essa tentativa representa uma das alternativas de sobrevivência sob a tutela de um Estado que decide quem deve morrer e quem deve viver, como veremos a seguir.

1.3 Biopoder e necropolítica

Para analisar os impactos do racismo é também necessário compreender sua implicação diante das formas de vida dos sujeitos nas sociedades. Se anteriormente, vimos como a produção de sentidos sobre raça e racismo foram se estruturando no debate brasileiro, é importante observar o aspecto biopolítico formulado por Michel Foucault (1999) e atualizarmos o debate a partir da construção do conceito de necropolítica, cunhado por Achille Mbembe (2018).

A importância de trazer este debate ao curso desta pesquisa se deveu, sobretudo,

ao fato de que ser jovem e negro no Brasil pode significar ter sua vida incompleta, de modo que inúmeras barreiras se somam aos percursos traçados por cada um/a deles/as.

Uma dessas marcas visíveis está no fato de que jovens negros brasileiros acessam menos a universidade, acessam postos mais precarizados no mercado de trabalho, estão em maior número na informalidade, convivem com a experiência de nem trabalhar e nem estudar, são os maiores evadidos no Ensino Médio e, por fim e não menos importante, são as maiores vítimas de homicídio no país.

Fato é que no fim de 2017, o Relatório do Plano Juventude Viva, [12] intitulado *Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência 2017* (BRASIL, 2017), traz um panorama qualitativo e quantitativo do que pode significar ser jovem negro/a nas favelas e periferias brasileiras. À luz dos números, é possível inferir que aspectos da realidade devem ser trabalhados, ou reconfigurados, a fim de que esta parcela da população juvenil brasileira acesse, de forma igualitária, políticas públicas de educação, saúde, cultura, emprego e geração de renda e tenha a possibilidade de ascender socialmente, conquistando capital cultural, econômico e educacional na sociedade.

> O Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência é um indicador desenvolvido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em parceria com a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) a pedido da Organização das Nações Unidas pela Educação (Unesco), que agrega dados relativos às dimensões consideradas chave na determinação da vulnerabilidade dos jovens à violência (FBSP, 2017)

Este indicador é um marco nas discussões sobre violência, mortalidade e juventude no Brasil pelo fato de considerar, pela primeira vez, a desigualdade racial como fator determinante nas mortes de jovens. Desta forma, o que antes era evidenciado pelos números apresentados nos Mapas da Violência[13] e no Atlas da Violência[14], que

---

12 Plano criado pelo Governo Federal, em 2013, com vistas à promoção de ações de prevenção à violência e combate ao fenômeno do genocídio da juventude negra no país. É coordenado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), vinculada à Secretaria de Governo da Presidência da República (SG/PR) e pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). O Plano reúne ações de prevenção para reduzir a vulnerabilidade de jovens negros a situações de violência física e simbólica, a partir da criação de oportunidades de inclusão social e autonomia para os jovens de 15 a 29 anos.

13 Organizados pela Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais no Brasil (Flacso-Brasil), os Mapas da Violência são produzidos desde 1998 e já tiveram algumas edições com a temática específica dos jovens (2006,2008,2011 e 2013).

14 Relatório da pesquisa produzida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Publicado no ano de 2017, o Atlas fez um levantamento dos homicídios no período de 2005 a 2015, revelando que os números não pararam de crescer. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/. Acesso em 16/12/2017.

compilam os dados no período de 2005 a 2015, agora cruzados com dados do Sistema Único de Saúde, são transformados em indicador.

A publicação afirma que "a violência atinge especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos" (2017, p.15) e, pelos dados apresentados, é possível perceber que a convivência com as mortes não é mero acaso ou incidente no caso de jovens negros, mas parte do cotidiano nas 27 unidades da federação. Em maior ou menor número, a pesquisa deixa claro que a chance de jovens negros serem mortos/as é muito maior que jovens brancos.

Tabela 1 – Número de homicídios por faixa etária de 15 – 29 anos de idade por unidade da federação – Brasil, 2005 a 2015

Tabela 4.1 - Número de homicídios por faixa etária de 15-29 anos de idade por Unidade da Federação – Brasil, 2005 a 2015

	Número de Homicídios										Variação %	
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2005 a 2015	2014 a 2015
Brasil	**26793**	**27251**	**26489**	**27880**	**28267**	**28562**	**27930**	**30609**	**30689**	**32436**	**31264**	**16,7%**	**-3,6%**
Acre	67	85	72	76	78	74	73	101	119	111	105	56,7%	-5,4%
Alagoas	696	980	1102	1142	1115	1287	1321	1231	1313	1243	1049	50,7%	-15,6%
Amapá	123	128	114	141	108	168	122	164	147	162	165	34,1%	1,9%
Amazonas	356	428	433	481	540	634	791	732	659	678	809	127,2%	19,3%
Bahia	1703	1947	2160	2994	3427	3571	3221	3662	3338	3553	3559	109,0%	0,2%
Ceará	943	941	1066	1131	1196	1494	1568	2329	2705	2831	2450	159,8%	-13,5%
Distrito Federal	403	399	431	492	523	452	493	517	465	453	382	-5,2%	-15,7%
Espírito Santo	904	982	1008	1113	1164	1036	1005	969	985	958	830	-8,2%	-13,4%
Goiás	830	825	849	971	977	1088	1201	1518	1598	1568	1618	94,9%	3,2%
Maranhão	511	527	623	714	775	837	820	952	1171	1311	1257	146,0%	-4,1%
Mato Grosso	407	427	368	428	469	462	474	544	541	636	529	30,0%	-16,8%
Mato Grosso do Sul	308	315	340	345	354	292	307	291	265	322	264	-14,3%	-18,0%
Minas Gerais	2461	2408	2344	2204	2062	1956	2250	2512	2595	2573	2378	-3,4%	-7,6%
Pará	1082	1185	1263	1635	1717	1935	1758	1799	1785	1821	1936	78,9%	6,3%
Paraíba	403	458	461	561	710	834	915	901	893	869	828	105,5%	-4,7%
Paraná	1658	1706	1760	1914	2078	1970	1786	1870	1538	1473	1471	-11,3%	-0,1%
Pernambuco	2616	2616	2698	2621	2281	1977	1928	1815	1709	1881	2143	-18,1%	13,9%
Piauí	210	240	186	187	205	195	223	269	329	392	328	56,2%	-16,3%
Rio de Janeiro	4177	4076	3652	3092	2841	3020	2409	2397	2693	3027	2761	-33,9%	-8,8%
Rio Grande do Norte	235	234	314	402	455	439	596	649	883	1002	939	299,6%	-6,3%
Rio Grande do Sul	1034	980	1137	1199	1081	983	1018	1149	1078	1323	1391	34,5%	5,1%
Rondônia	246	257	210	210	231	226	187	230	212	229	261	6,1%	14,0%
Roraima	42	46	47	38	52	52	39	70	78	56	77	83,3%	37,5%
Santa Catarina	322	321	328	406	429	380	389	407	369	402	442	37,3%	10,0%
São Paulo	4719	4285	3135	2948	2940	2671	2505	2875	2552	2751	2333	-50,6%	-15,2%
Sergipe	249	334	294	313	324	351	371	474	520	623	716	187,6%	14,9%
Tocantins	88	121	94	122	135	178	160	182	149	188	243	176,1%	29,3%

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Cálculo efetuado para os indivíduos entre 15 e 29 anos. Elaboração Diest/Ipea.

A Tabela 1 apresenta os números de homicídios de jovens negros nas unidades da federação e deixa exposta a estrutura racista do Estado brasileiro que, desviando muitas vezes o foco desses casos, legitima essas mortes, seja pela letalidade da bala, seja pelo não acesso às políticas públicas de saúde, educação e emprego e renda.

É essa estrutura de poder que também é apresentada por Michel Foucault (1999) como uma tecnologia do poder que asseguraria a função de morte na economia do biopoder. Para Foucault, o racismo é mais profundo que uma ideologia, de forma que:

> A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado à técnica do poder, à tecnologia do poder. Está ligado a isso que nos coloca, longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao biopoder exercer-se (FOUCAULT, 1999, p 309).

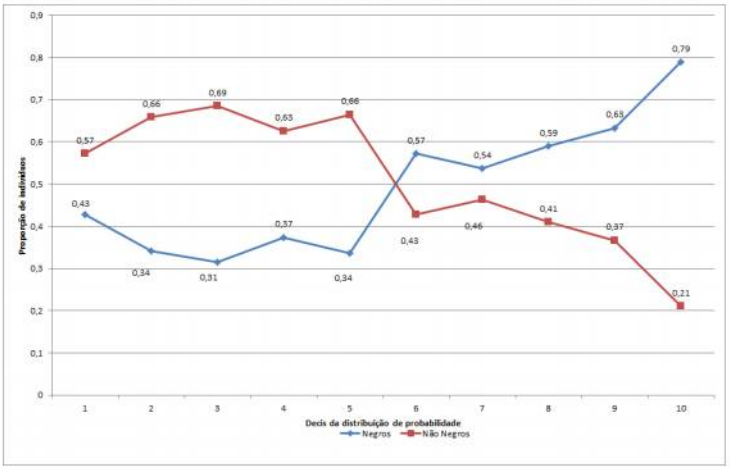
Para o autor, o racismo está completamente ligado ao funcionamento do Estado, que tem a necessidade de se utilizar da raça para exercer a sua soberania. Foucault chega a afirmar que os Estados mais violentos acabam por ser os mais racistas. O mecanismo de distinção ou de formulação de uma marca que torne os indivíduos vigiáveis é parte desse sistema. Para o autor:

> a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos (FOUCAULT, 1999, p. 289).

E esta lógica cria automaticamente determinada distinção, evidenciando a padronização no conjunto das sociedades e excluindo o que não atenderia a esse determinado padrão. Dessa forma, a visualidade da marca de cor acaba por se constituir em um fator oportuno de identificação dos sujeitos. Para o autor, seria essa a "primeira função do racismo: fragmentar, fazer censuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder" (p 305).

Se levarmos em consideração que, desde o ano de 2005, ponto de partida da análise produzida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o número de homicídios no Brasil só aumentou, ultrapassando a marca de 58 mil ao ano em 2015, veremos na prática o processo de antagonismo entre o Estado e sua população negra, pois o número de negros assassinados chegava a 71 de cada 100 mortos e, desse total, cerca de 89% tinham de 15 a 29 anos. (IPEA, 2017)

Gráfico 5.1 - Proporção de indivíduos por decil da distribuição de probabilidade de ser vítima de homicídio



Fonte: Cerqueira e Coelho (2017)

Como é possível analisar no Gráfico 2, o que se tem observado ao longo dos anos é apenas o aumento das taxas de letalidade e das mortes decorrentes de ação policial ou confronto, os chamados autos de resistência, caracterizados pela justificativa de que aquela morte foi decorrente de resistência à ação policial. O Atlas da Violência 2017 aponta os contornos dessa falta de ação do Estado diante dos números.

> De fato, ao se analisar a evolução das taxas de homicídios considerando se o indivíduo era negro ou não, entre 2005 e 2015, verificamos dois cenários completamente distintos. Enquanto, neste período, houve um crescimento de 18,2% na taxa de homicídio de negros, a mortalidade de indivíduos não negros diminuiu 12,2%. Ou seja, não apenas temos um triste legado histórico de discriminação pela cor da pele do indivíduo, mas, do ponto de vista da violência letal, temos uma ferida aberta que veio se agravando nos últimos anos. (IPEA, 2017, p.31)

Pois então que a necropolítica consiste nesta prática de subjugar a vida ao poder da morte, reconfigurando as tensões entre Estado e sociedade, como no período colonial, demonstrando que "a característica mais original dessa formação de terror é a concatenação entre o biopoder, o estado de exceção[15] e o estado de sítio. A raça é, mais uma vez, crucial para esse encadeamento." (MBEMBE, 2018, p.31). Dessa forma, mantém-se a hegemonia do Estado em fazer viver e fazer morrer. Para as pessoas negras, a marca da morte emerge em detrimento dos não negros que vivenciam o caráter

[15] Ver Giorgio Agambem (2004).

de vida do Estado Necropolítico.

Mbembe aponta que essa característica observada no Estado Moderno se assemelha aos processos de escravidão e ocupação colonial, o que gera ausência de liberdade e um estado constante e permanente de vivência na dor, aumentando a convivência com as memórias dolorosas de humilhação.

É entendendo o racismo como uma relação de poder, enraizada historicamente no processo de formação brasileiro, aprimorada na atualidade que analisamos os seus impactos a partir das narrativas orais de jovens negros/as do Rio de Janeiro. E, como veremos adiante, ser jovem no Brasil é um desafio constatado, tabulado em pesquisas e amplamente difundido nos meios de comunicação e nos círculos acadêmicos, uma das curiosidades que iniciaram a pesquisa está justamente na identificação dos/das jovens negros/as nesse cenário e no conjunto de material produzido sobre o tema até aqui.

Yasmin Thayná aponta uma preocupação quando ouve seu sobrinho falar sobre o bairro onde mora, na Baixada Fluminense:

> Esses dias eu estava conversando com meu sobrinho e ele falou assim: “tia, aqui no meu bairro tem muito bandido”, ele tem menos de dez anos. E eu falei como é que é isso? “Eles usam uma marca assim, se vestem assim, usam tênis tal, marca tal...”Eu falei, onde esse menino aprendeu isso? Eu estava pesquisando reportagens e fui ver aqueles programas: “filma ele!” “Dá um close na cara dele!” e eles usavam essas marcas que meu sobrinho citou, e você fala: “mas aí é jornal sensacionalista!” Mas você vê jornais AB que vai dizer “suposto”, a gente também está enquadrando. (THAYNÁ, 2016)

Rene Silva construiu uma trajetória ainda na infância e vem desenvolvendo na juventude um projeto de comunicação comunitária. Uma de suas preocupações é a forma como veem o território onde vivem, marcado por inúmeras violências do Estado. Ele afirma que:

> a mídia sempre mostra a violência, o tiroteio e todo esse lado obscuro da favela e acaba não mostrando o que tem de bom na comunidade, os projetos sociais que existem e os outros problemas sociais que existem na comunidade, que talvez não sejam relevantes para o restante da sociedade.

Nesses territórios, jovens negros/as compartilham dificuldades, trajetórias similares e, até mesmo, colecionam relatos de sobrevivência diante da convivência cotidiana com o racismo, as impossibilidades de subsistência formal e, muitas vezes, as gambiarras necessárias na busca de oportunidades e na construção de projetos pessoais. Como no caso de Sabrina Martina, a poetisa do Complexo do Alemão que criou o

coletivo “Poetas Favelados”, uma das estratégias é a produção das batalhas de poesia.

> eu organizo o Slam Laje com o meu irmão. A gente faz isso há um ano e o mais bacana de ver é como ele tem envolvido mais a favela. O Slam Laje é mais que uma batalha de poesia. A batalha é algo a mais. A gente faz a Batalha do Passinho, pra envolver a menozada, a gente faz Pocket Show, sempre chamando artista periférico e outras coisas. (MARTINA, 2016).

Outra perspectiva está na fala de Ana Paula Lisboa, ao contar sobre o seu processo trabalhando com outros jovens. Ela relata que um dos desafios era respeitar a diferença presente nos territórios de favela.

> A gente queria misturar o jovem da área mais rica da favela, com o da área mais pobre. O jovem que não terminou o Ensino Médio, com outro que já estava na Universidade, o funkeiro, o roqueiro, o evangélico. Não era a diversidade esse conceito que já é trabalhado pelos Movimentos Sociais, de Gênero, das lutas étnicas. A gente queria trabalhar com o conceito da diferença, por que não existe um jovem favelado, esses jovens são múltiplos, são diferentes.

Compreender esses percursos diante dos impactos do racismo, além de apresentar a diversidade, mesmo quando falamos de quem é o/a jovem negro/a que mora nas favelas e periferias do Rio de Janeiro, é a base desta pesquisa.

2. Alguns olhares sobre as juventudes no Brasil

A partir das variadas perspectivas sobre as diferentes juventudes, compreendendo que cada uma delas produz diferentes teorias, Machado Pais (2003) propõe uma primeira sistematização ampla dos trabalhos sociológicos sobre juventude em duas correntes principais: a geracional e a classista.

A corrente geracional considera como ponto de partida a juventude compreendida como fase da vida, enfatizando seu aspecto unitário, tomando-a como uma categoria etária, sendo a idade olhada como uma variável mais influente que outras socioeconômicas ou culturais. Dois quadros teóricos se apresentam, o das teorias da socialização, desenvolvidas no funcionalismo, nas quais os conflitos ou descontinuidades intergeracionais são vistos como disfunções nos processos de socialização, avaliando a juventude no sentido de fase da vida; e das teorias das gerações, que defendem que se não existissem descontinuidades intergeracionais não existiriam gerações.

Entretanto, tanto para um campo teórico como para outro, a centralidade da discussão está na continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais, estando na base da formação da juventude como uma geração social. Essa é determinada mediante uma autorreferência a outras gerações (das quais se vê distintas). A juventude é vista como um período de maturação que leva à idade adulta, fazendo parte desse processo rupturas, conflitos e crises geracionais, traduzidos em tensão ou confronto.

Na corrente geracional, admite-se, segundo Pais (2003), a existência de uma cultura juvenil, vista em oposição à cultura de outras gerações adultas. Nesse sentido, o autor apresenta diferentes formas de socialização desta cultura juvenil. A primeira refere-se a uma socialização contínua, quando sem grandes tensões ou conflitos os jovens são socializados segundo normas e valores predominantes nas gerações mais velhas, entendendo a juventude como um período de maturação que conduz à idade adulta.

Para os defensores dessa socialização, a participação das novas gerações na vida social teria duas características: a socialização dos jovens, por um lado, integrando-os

em um sistema existente de relações societais; e a juvenilização da sociedade, ou seja, a influência dos jovens nos sistemas de relações e valores dos adultos, “rejuvenescendo” a sociedade (p.49-50).

A segunda se apresenta como rupturas, conflitos ou crises geracionais, quando a descontinuidade entre as gerações se traduz em uma tensão ou confrontação. Por estarem em um estado de aprendizagem da vida social e permeabilidade teórica, os jovens vivem esses processos de maneira própria, formando uma consciência geracional.

Experimentam o mundo como membros de uma geração, compartilhando circunstâncias e problemas. Entretanto, o autor faz um alerta para duas posturas teóricas diferenciadas: aqueles que generalizam o fenômeno juvenil, vendo-o como uniforme e homogêneo; e aqueles que percebem, entre os jovens, diferenças suficientes para negar tal homogeneidade, abrindo espaço para subculturas juvenis, entendidas como filiação da cultura juvenil.

O autor destaca ainda duas formas de relacionamento nesta corrente: relacionamento aproblemático, em que prevalece a noção de fase intermediária, não conflitiva, não aceitando a existência de uma cultura juvenil específica, mas sim de uma fase partilhada com a geração adulta; e relacionamento problemático, em que os jovens e não jovens se veem como sendo outros, isto é, como culturas diferentes, expressando pautas próprias, podendo pensar os jovens como contracultura em oposição à cultura adulta.

A terceira forma de socialização, para Pais (2003), trata das descontinuidades intergeracionais, compreendendo as expressões juvenis como oposição à “sociedade adulta”, caracterizadas ora como revolucionárias, ora como rebeldes e conflituosas, sendo vistas como segregação geracional, ou seja, a geração jovem procura transformar sua segregação em valores contrassociais, na qual reinariam os valores negados ou ignorados pela “sociedade adulta”, o que seria por ela encarado como uma forma de desvio (p.51-53).

Para a corrente geracional, os sinais de continuidade e descontinuidade intergeracional podem ser percebidos a partir dos processos de socialização de instituições sociais específicas, como família, escola, entre outras, por meio dos quais as gerações mais jovens reproduzem sistemas de valores e todo um conjunto de sinais de

continuidade geracional, mas também visto que esses processos de interiorização não são feitos de forma passiva, havendo fracionamentos culturais entre as várias gerações, instituindo pautas e estilos à cultura adulta. Nesse sentido, a geração atual teria um poder inédito até hoje: influir no mundo adulto com novas pautas e estilos de conduta que seriam bem aceitos, tendo a juventude como um grupo de referência externa, determinando um *status* juvenil desejável pelas gerações mais velhas (p.54).

Na corrente geracional, a problemática central gira em torno dos mecanismos de reprodução social, associados aos conteúdos das relações sociais entre gerações. No campo da corrente classista, a reprodução social também é fundamental; porém, é vista em termos de reprodução de gênero, de raça, enfim, de classes sociais. Em geral, são críticos quanto ao conceito de juventude associado a uma "fase de vida" e, mesmo entendido como categoria, é perpassado por relações de classe. Assim, a transição dos jovens para a vida adulta seria pautada por desigualdades sociais, relacionadas principalmente às condições de classe. Desse modo, a juventude não seria vista como classe social, mas sim como parte das relações de classe.

Nesse aspecto, a corrente classista tende a desconsiderar as trajetórias sociais dos jovens e suas possibilidades de mobilidade social, condicionando sua transição ao mundo adulto aos determinismos característicos da classe social. Há uma crítica de Pais neste sentido. Para ele, os processos sociais que afetam os jovens não podem ser resultantes apenas de determinações e posicionamentos de classe, uma vez que outras variáveis são ser levadas em conta, visto que interferem nesse processo, como interações locais, mobilidade social, trajetórias individuais, entre outros (Ibid, p.62-64).

As culturas juvenis são vistas como culturas de classe, entendidas a partir das relações antagônicas de classes, associadas a culturas de resistência. As culturas juvenis seriam compartilhadas por jovens de determinada classe social, constituindo uma solução de classe para problemas compartilhados. Dessa maneira, os estilos e comportamentos (mesmo os mais exóticos) de alguns jovens são vistos por essa corrente como uma "forma de resistência", utilizados como forma de desafiar os "consensos dominantes", isto é, a ideologia dominante das classes dominantes (Ibid, p.62). Essas culturas juvenis teriam um significado político, de resistência, e os símbolos próprios de cada expressão juvenil são vistos como diferenças extraclassistas (de classes diferentes), raramente como diferenças interclassistas (de mesma classe)

(p.61-62).

Em outra crítica feita por Pais (2003), a corrente classista refere-se à dificuldade em explicar fenômenos comuns de identificação para jovens de diferentes classes sociais, atribuindo apenas à condição social a determinação sobre fatores culturais ou modos de vida (p.64). Da mesma forma, atribuiu uma homogeneidade cultural ou de modos de vida entre jovens de uma mesma classe social, supondo um determinismo latente.

Cabe destacar que, nas correntes geracional e classista, o conceito de cultura juvenil aparece associado ao de cultura dominante, percebendo as culturas juvenis como oposição (geracional) ou resistência (classista), sendo subordinadas a uma rede de determinismo entre cultura dominante e subcultura. Em ambas correntes, o conceito de cultura é compreendido como processo de internalização de normasede socialização, ou seja, de significados compartilhados, de linguagens e sinais específicos, de regras e valores.

Essas duas correntes teóricas apresentam importantes elementos para pensar o conceito de culturas juvenis. Entretanto, tendo em vista a heterogeneidade das formas como essas culturas se apresentam e levando em consideração os paradoxos dos contextos sociais nos quais os modos de ser jovem são produzidos, atrelar-se a uma corrente teórica ou outra representaria perdas significativas para a análise deste fenômeno social. O próprio Machado Pais (2003) descreve que, em seu trabalho de campo, descobria novas facetas das culturas juvenis, encontrava uma diversidade de elementos e situações que colocavam “em xeque” suas concepções teóricas e análises.

Dessa forma, era necessário “descalçar as luvas teóricas com que é costume agarrar os fatos que melhor se ajustam a determinadas teorias” (p.66) e procurar adequar a teoria com a perspectiva metodológica adotada.

Assim, no âmbito deste estudo, a exemplo de Pais (2003), as culturas juvenis não foram consideradas uma questão de classe ou de geração, de internalização ou de reprodução de normas ou papéis sociais, mas sim expressões construídas pelos próprios sujeitos em seu contexto social, a partir das complexas redes de identificação e pertencimento. Ao analisar as palestras de jovens negros/as de favelas e periferias do Rio de Janeiro, busco apreender as formas como expressam as culturas juvenis em seu cotidiano, a partir da relação entre as condições sociais que os inscrevem neste contexto

e as imagens e expressões culturais que produzem/apropriam/ressignificam, demonstrando estilos que traduzem as identidades construídas. Compreender os sentidos das culturas juvenis expressos pelos sujeitos que os constroem constitui-se um verdadeiro exercício investigativo.

Entretanto, isso não significa um "desprendimento" à construção teórica, pois é necessário estabelecer parâmetros que sirvam como referências para a análise das relações e dos fenômenos em estudo. Da mesma forma, como afirma Melucci (2003, p.164), o pesquisador se apresenta como alguém que propõe outro ponto de vista na relação, ou seja, propõe um olhar diverso sobre a ação, sobre os próprios atores sociais.

Caberia, talvez, para aprofundar a análise, o questionamento quanto ao fator Raça como constituinte de uma cultura juvenil. Assim como no caso da classe, é mais que possível pensar na estruturação das relações sociais por meio da constituição racial em todos os seus aspectos: seja por meio da identificação pessoal, seja por meio da construção social sobre os fatores identitários visíveis – a cor da pele, por exemplo –, seja por meio da organização social, discutida adiante, a que estão submetidos os sujeitos negros na sociedade brasileira.

Estima-se que no Brasil, a população juvenil, com idade de 15 a 29 anos já ultrapasse a marca de 51 milhões de pessoas. São dados do último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010. A pesquisa Agenda Juventude Brasil (SNJ, 2013) estima, por amostragem, que a proporção dos que se declaram pretos e pardos é de 60% perante a de 34% dos que se declaram brancos. Partindo dessa amostra, pode-se inferir que a juventude brasileira é, em sua maioria, negra.

Ainda que em um universo abrangente e diverso, é possível dizer que existe um conjunto de características que identificam o que é ser jovem negro/a? Ao longo da pesquisa, foi possível verificar similaridades, identificações comuns e questões que se repetiam na vida dos jovens analisados por meio de suas palestras. No caso específico do conjunto analisado, cada um dos/das jovens opera em seus territórios ou fora deles, por meio de ações coletivas, empreendimentos sociais ou projetos culturais.

Produção Cultural, Comunicação Comunitária, Cinema, Rap e Poesia são linguagens e caminhos de ação traçados pelas/os jovens apresentadas/os neste estudo. Apesar disso, a convivência com a baixa oferta de políticas públicas e a desigualdade

na cidade, os impactos do racismo e a constante preocupação com a violência também fazem parte das questões com que têm de lidar.

2.1 Juventude e políticas públicas no Brasil

O cenário de disputas pelas políticas públicas para as juventudes não é novo, embora recente. Neste último período, caracterizado pelas formulações da década de 1990 e do início dos anos 2000, as teorias sociológicas contemporâneas da juventude tiveram, e têm, importante influência nas políticas públicas no Brasil atual, tanto as políticas ditas sociais como os programas educacionais "não escolares" ou não formais. Elas ajudam a criticar noções limitadas acerca da juventude que se mantêm presentes nessas políticas e, ao mesmo tempo, a propor políticas afinadas às suas concepções.

Durante a década de 1990, quando as pesquisas começaram a dar conta de perspectivas e concepções mais diversas sobre as juventudes, é importante destacar o papel dos organismos internacionais de cooperação multilateral, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que redefine a categoria juventude e impulsiona um grande trabalho de revisão das teorias e abordagens sobre a juventude. No Brasil, estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Curitiba e Fortaleza[16] serviram como campo para as pesquisas. Fato é que:

> As pesquisas da Unesco reforçam uma cultura acadêmica que mantém o enfoque de pesquisas sobre juventude sob uma perspectiva quantitativa, como se observa em Abramovay (1999), bem como em outras instituições, como a Perseu Abramo (2003). Nessas pesquisas, tornam-se evidentes questões que não priorizam aspectos das representações coletivas produzidas pelos jovens no contexto de sua vida cotidiana. Da mesma maneira, não se consideram aspectos relacionados a gênero, raça/etnia. O resultado é que, ao se omitirem questões dessa natureza, ocorre uma invisibilidade de certos atores sociais. (TAVARES, 2012)

A tentativa de superar essa invisibilidade destacada pelo sociólogo Breitner Tavares (2012) é um dos esforços deste trabalho. Afinal, quando nos detemos nos estudos produzidos no período indicado, é possível perceber que o/a jovem de que se fala é negro/a. O que fica em segundo plano, uma vez que tal consideração não parecemuito valorizada, já que é difícil verificar nestes trabalhos a identificação de raça como fator direto ou transversal às questões das juventudes.

[16] As pesquisas da Unesco, iniciadas em 1996, foram coordenadas em diversas regiões do país por pesquisadores como Waiselfisz (1998), Barreira (1999), Sallas (1999) e Minayo (1999) e Abramovay (2001, 2002 e 2003).

Se é possível retroceder um pouco, decerto vale demarcar que Juventude é um conceito em constante transição e, segundo Margullis y Urresti (1961), tem múltiplas possibilidades, é escorregadio, esquivo em si mesmo. E é assim, pois se trata de uma construção histórica e social, e não apenas uma condição ligada à idade, ou apenas, parte de um determinado ciclo de vida. Não obstante, cada época e cada cultura foram, e serão, capazes de formular diferentes maneiras de ser/estar jovem, a partir de funções determinadas no âmago das situações sociais e culturais específicas.

E o conceito de juventude, como produção social, apresenta o inacabado como característica presente nos fenômenos humanos e sociais. O ser humano se constitui à medida que caminha em sua trajetória existencial, refletindo em si mesmo a ideia de conceito-processo, com permanências e rupturas. Aí reside a sua parte fluida. Há também campos de disputa teórico-política para que se alcance maior prevalência na nomeação de coisas, fatos, ações e fenômenos sociais.

Muitas dimensões podem ser agregadas para análise que vão além daquelas de caráter biopsicológico; elas devem ressaltar a heterogeneidade presente na vivência da juventude de acordo com os variados contextos e circunstâncias. Equivale a dizer que as experiências, as representações e os significados que definem a juventude não são únicos e, portanto, “nem todas as pessoas de uma mesma idade percorrem esse período vital da mesma forma, nem atingem tal meta ao mesmo tempo” (UNESCO, 2004, p.).

A Assembleia Geral das Nações Unidas apresentou, no ano de 1985, uma definição na qual o jovem seria o indivíduo pertencente ao grupo populacional de 15 a 24 anos. Uma identificação que, no entanto, admite certa flexibilidade, estendendo assim a faixa etária definida tanto na direção da idade mínima como no sentido de ampliar os limites estabelecidos anteriormente. Dessa forma, por exemplo, a idade pode ser deslocada para incluir o grupo de 10 a 14 anos, considerando também referência a áreas rurais e de extrema pobreza. Há alguns anos, o Brasil vem tomando como jovens indivíduos de 15 a 29 anos, pertencentes a todos os estratos da sociedade, principalmente para fins de políticas públicas.

Partimos, aqui, da compreensão de que não há somente uma juventude, mas juventudes que se constituem em um conjunto diversificado, com diferentes percursos no que tange às oportunidades, dificuldades, facilidades e ao acesso ao poder na nossa sociedade. É possível, assim, chegar ao entendimento de que a juventude por definição

é uma construção social, resultado de uma produção em uma determinada sociedade, relacionada com formas de ver os/as jovens, mesmo por estereótipos, momentos históricos, referências diversificadas e, não menos importante, situações de classe, gênero, raça, grupo, contexto histórico, entre outras. Ressalta-se que o emprego do termo juventudes no plural não serve apenas como paradigma para separar grupos, ou fracionar, mas para sinalizar a existência de elementos comuns e dissonantes no conjunto dos/das jovens.

Além da possibilidade de enxergarmos as juventudes como "conjunto social diverso", constituído por indivíduos pertencentes à dada fase da vida ou que compartilham experiências comuns (PAIS, 1990), pode servir também de parâmetro para que se estabeleçam relações de análise diretas com o que podemos chamar de juventude negra brasileira. Afinal,

> Tentar uma aproximação científico-analítica ao mundo da juventude exige, nesta ordem de idéias, um radical ascetismo de vigilância epistemológica que nos obriga a partir do pressuposto metodológico de que, em certo sentido, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações (PAIS, 1990, p.149).

Podemos dizer também que as diferentes juventudes não são "estados de espírito" e, sim, uma realidade palpável que tem sexo, idade, raça, fases, uma época que passa, cuja duração não é para sempre, ou seja, uma geração. Elas dependem, fundamentalmente, de suas condições materiais e sociais, de seus contextos, de suas linguagens e formas de expressão. Nos últimos anos, a condição juvenil foi prolongada, tanto pela maior permanência no sistema educacional como pela dificuldade de ingressar no mercado de trabalho e, com isso, adquirir autonomia e independência econômica, mesmo para a constituição de nova família (UNESCO, 2004).

Essa afirmativa é possível diante de um quadro mais generalizado e vai sendo fragmentada à medida que os diferentes grupos do conjunto de jovens vão sendo depurados. Poderemos, ao longo deste trabalho, verificar se a assertiva se adéqua tão prontamente ao conjunto de jovens negros/as representados nos perfis analisados. Esses marcadores identitários, raça e gênero, por exemplo, não devem ser analisados como excludentes, mas como linhas transversais pelas quais, às vezes em todas ao mesmo tempo, caminham os jovens. É possível sim, e necessário, que se pense a respeito de hegemonia de um marcador, ou grupo de marcadores, em relação a outro.

Afinal, quando tomamos por sujeitos o conjunto de jovens, decerto estamos excluindo a diversidade no interior desse conjunto. Se uma pesquisa ou uma análise não for capaz de apresentar o conjunto de sujeitos analisados, demarcando o atravessamento de questões como as de raça e gênero, ou ainda de localização, seja em ambientes urbanos ou rurais, centro ou periferias, os resultados poderão não dar conta de realidades particulares, quando da ótica do sujeito, mas coletivas, quando da ótica da sociedade.

De modo geral, a juventude é considerada um valor positivo: um ideal, uma estética desejada pela maioria, um valor simbólico associado à beleza, possibilitando à sociedade comercializar os seus diversos atributos, em forma de mercadorias, em que a imagem se compra e se vende, intervém no mercado do desejo como veículo de distinção e legitimidade (MARGULIS E URRESTI, 1996).

Se pensarmos a proporção da atual população jovem em âmbito mundial, suas especificidades e importância qualitativa e quantitativa como grupo social específico – que, hoje, chega a cerca de 1,7 bilhão de jovens, e que, enfaticamente, nos países em desenvolvimento reúne 85% dessa população mundial –, torna-se fundamental reconhecer a necessidade de um projeto de sociedade, e não somente de vida, específico inclusivo para os/as jovens, (DELORS, 2001), mas que os considerem sujeitos com direitos próprios e com a capacidade de participar de forma mais incisiva nos destinos, ou por outros destinos, da nação e com condições de modelar suas histórias de vida.

Portanto, os jovens possuem uma importância crucial para o entendimento das sociedades modernas, seu funcionamento e suas transformações. Entender a juventude é compreender a própria modernidade em diversos aspectos como a arte, a cultura, o lazer e o consumo, entre outros.

Vivendo uma realidade entre a resistência e a existência, as culturas juvenis aparecem e são cultivadas nesse bojo (DAYRELL, 2007). Considerando as culturas juvenis como performativas, pode-se pensar em um deslocamento delas em relação ao que prescreve a sociedade. Nesse contexto, Dayrell lembra que:

> Tomar os jovens como sujeitos não se reduz a uma opção teórica. Diz respeito a uma postura metodológica e ética, não apenas durante o processo de pesquisa, mas também em meu cotidiano como educador. A experiência da pesquisa mostrou-me

> que ver e lidar com o jovem como sujeito, capaz de refletir, de ter suas próprias posições e ações, é uma aprendizagem que exige um esforço de auto-reflexão, distanciamento e autocrítica. (Dayrell, 2003, p. 44).

Sobre essa perspectiva, Patricia Lânes (2017) se debruça sobre as tensões, tendo como referência a relação entre os moradores ativistas/militantes e as ONGS presentes no Complexo do Alemão, conjunto de favelas do Rio de Janeiro. Já é possível perceber como a mudança de perspectiva ao olhar para os jovens nesse território é capaz de evidenciar as disputas constantes da convivência com esse grupo social. Ela destaca em um trecho que:

> "Nós não é ong. Nós é beco". A frase, cunhada por Raphael Calazans, um dos criadores e participantes de um dos coletivos que fazem parte do movimento social do Complexo do Alemão, o Papo Reto, foi amplamente difundida nas redes sociais, tendo sido alvo de múltiplas interpretações, disputas e releituras. Perdi as contas de quantas vezes a li e ouvi ao longo de meu trabalho de campo, fosse nas redes sociais virtuais, em conversas e reuniões com pessoas, grupos, coletivos e organizações que fazem parte do movimento social no Complexo do Alemão. A frase, suas variações e respostas a ela resumem e revelam um importante aspecto do cenário que encontrei ao pretender estudar movimentos sociais em favelas, pensando seus trânsitos, conexões e tensões entre projetos sociais e organizações não governamentais (as ongs ou ONGs, a depender da vinculação de quem fala). Esse aspecto diz respeito às rupturas e continuidades entre movimentos sociais e organizações não governamentais. Mesmo entre pessoas que trabalham ou trabalharam em projetos sociais e/ ou organizações não governamentais, quando o assunto era militância, era importante marcar posição e deixar claro quem é quem. Quando dizem que são "beco" em contraposição às ONGs estão enunciando uma diferença (LANES, p. 17, 2017).

A constatação advinda da observação da autora nos ajuda a compreender os fluxos e as complexidades das realidades juvenis em determinado espaço-tempo. Ainda que a Sociologia da Juventude tenha elaborado, desde meados do século passado, teorias a respeito dos jovens e das juventudes que trazem importantes indícios sobre as complexas relações possíveis de se estabelecerem entre ciência e os contextos das políticas públicas.

É interessante perceber que a tensão apresentada por Lânes (2017) também aparece, especialmente, no relato de Sabrina Martina. Em uma crítica aos produtores, pesquisadores e ativistas que se "aproveitam" da favela, ela cunha a Síndrome do Colonizador. Segundo a artista:

> É uma reflexão que eu fiz e batizei com esse nome esse bate-papo, pra falar sobre a apropriação cultural que vem acontecendo na favela e se tornando cada vez mais

> forte na cena da poesia marginal. Desde sempre o discurso que chegava na favela era de levar a cultura, a segurança, a informação. Na poesia marginal tem acontecido cada vez mais isso. Entendam uma coisa, nós favelados, a gente não é zoológico. Respeitem a gente, respeitem a nossa dor.

Para ela, além do descaso, há um "racismo velado". Ela diz que em "noventa por cento dos eventos de poesia que chamam os poetas hoje em dia no Brasil, a galera não é valorizada".

Ela vai direto ao ponto para dizer que:

> O que ainda acontece muito é a galera que sobe a favela, cola com a gente nos corres, com boa lábia, discurso bonito, passa um tempo com a favela e daqui a pouco a pessoa some. Quando o bicho aperta a pessoa some e quando a gente vê a pessoa ta na televisão, ganhando prêmio, falando de uma realidade que não é a dela.

Ela traz à plateia a informação de que a cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil, afirmação baseada no Atlas da Violência (2017). O que parece apenas um dado estatístico para muitos, é muito familiar para Martina: "Pra mim não é estatística, pode ser meu irmão, meu primo, meu vizinho, pode ser eu. Valorizem a gente na prática". E, ainda em sua denúncia, aproveita para dizer que jovens negros/as têm capacidade de fazer qualquer coisa, basta apenas ter oportunidade.

> Nós, minoria que somos maioria no país, a gente tem capacidade pra estar na produção desses eventos. Eu desafio você que está sentado, que vai assistir em casa quando o vídeo for pro ar a praticar o que vocês falam. Chamem a gente pra estar na curadoria desses eventos, por que a gente tem capacidade. Dê oportunidade na prática. Está muito triste.

Já sobre a garantia dos direitos, entre os quais a própria existência, pode-se fazer o exercício de observar os dados estatísticos que apontam a situação das populações negras em suas mais diversas variáveis, como os acessos à educação, à saúde, ao trabalho e à moradia. A afirmativa genérica aqui vai sendo destrinchada de modo a percebermos como a população jovem negra brasileira lida com esses indicadores ou os vivencia na prática.

3. As favelas e periferias no Rio de Janeiro

O alto grau de desigualdade verificado na população brasileira se expressa também na organização das grandes cidades. No caso do Rio de Janeiro, na convivência com os espaços de favelas, é possível identificar muito rapidamente essas ilhas de pobreza no meio de bairros de classe média. Para Andrelino Campos (2007), ao analisar a experiência de um século de favela, são diversos os mitos que sustentam essa marginalidade:

> Não custa ressaltar que, durante esse século, as favelas e seus moradores continuaram a representar para a sociedade em geral um "espaço perigoso", produzindo os "inimigos número 1", caçados pela polícia, servindo como objeto de trabalho para a chamada imprensa popular (CAMPOS, 2007, p. 27).

Tal lógica tem forte caráter segregador e justificou um modelo de construção do espaço no Rio de Janeiro, com áreas precarizadas e sem acesso aos serviços mais básicos. Para sustentar esse ideal no início do século seria necessário, então, afastar das áreas centrais da cidade o grande número de cortiços que abrigavam os negros recém-saídos da escravidão (CAMPOS, 2007), além de pessoas pertencentes a outros segmentos sociais. A questão da segurança ambiental também esteve na pauta e foi responsável por nortear remoções históricas, além das mudanças urbanísticas que deram fim ao Morro do Castelo, no Centro da cidade ocorridas da década de 1950 ade 1970 (BRUM, 2013).

Assim, o processo de transformação da favela em *lócus* da pobreza, da violência e a construção de uma ameaça ao restante da cidade foi, cada vez mais, agregado ao senso comum e parece que as impressões contribuíram para a naturalização dos estereótipos marcados pelos aspectos negativos:

> a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral (ALVITO; ZALUAR, 2006, p.14).

Esse processo, evidenciado por Alvito e Zaluar (2006), será apontado pela socióloga Lícia do Prado Valladares (2005) como a representação das favelas como “lepra estética”, ou seja, o elemento indesejado da cidade, que deveria ser escondido:

> durante dois anos essa campanha, muito bem organizada, ocupou as páginas dos principais jornais do Rio – O Globo, A Notícia, Jornal do Commercio, O Jornal, Correio da Manhã e Jornal do Brasil –, apresentando a imagem da favela como 'lepra estética' (VALLADARES, 2005, p.42).

É a consolidação da conceituação de favela como espaço desagregador, pela inferência de que nela estaria o centro da produção da violência na cidade. Esse é o discurso que vai assumir lugar nas discussões na década de 1980 e alcançar o seu auge na década de 1990, permeando toda a construção recente do imaginário sobre as favelas na cidade, seguido de intensa articulação governamental no que tange à repressão do crime organizado que tem, por esta lógica, sua raiz nas favelas. Não custa ressaltar que, durante esse século, as favelas e seus moradores continuaram a representar para a sociedade em geral um “espaço perigoso”, produzindo os inimigos a serem combatidos e caçados pela polícia (CAMPOS, 2007).

É possível afirmar que, diante dos inúmeros discursos e estratégias governamentais de intervenção em seu espaço, os moradores das favelas exerceram e exercem papel preponderante com relação às disputas pelo espaço da cidade, como a luta pelo direito à moradia, à cidade, contra a remoção, a violência policial e, por que não, a de uma cidade onde moradores favelados não estivessem em oposição ao restante da cidade, que fossem reconhecidos como sujeitos de direito no espaço da cidade.

3.1 Rio de Janeiro e as favelas: experiências recentes

Não foram poucos os esforços dos entes governamentais para que o Rio de Janeiro se consolidasse como uma cidade global. Se antes, era conhecida por suas paisagens naturais, pelos encantos da cotidianidade carioca, como a proximidade com as praias, a expectativa de receber eventos-chave globais – como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Clima (Rio+20, em 2012); a Jornada Mundial da Juventude (2013), evento católico que contou com a presença do Papa; a Copa das Confederações (2013);, a Copa do Mundo (2014); e os Jogos Olímpicos (2016) – é um exemplo deste trabalho dos governos federal, estadual e municipal de

reposicionar a cidade como foco de atenção do mundo e da imprensa internacional e local.

No caso das favelas cariocas, vale ressaltar também as constantes intervenções policiais, comuns ao longo dos anos e que, nos últimos 10 anos teve como foco a política de segurança conhecida como Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs). Pensadas com vistas à realização dos megaeventos na cidade, as UPPs produziram diversas transformações no cotidiano das vidas dos moradores das favelas e da cidade de modo geral. A nova política tinha como promessa, anunciada nas páginas dos jornais, uma mudança intensa na lógica do combate ao crime, com rápidos resultados para a sociedade e com a reorganização das "fronteiras" da cidade[17].

O projeto político para a segurança no estado do Rio de Janeiro, as UPPs, foi criado em 2008, em um contexto de transformações vividas cotidianamente pelos moradores da cidade, que foi palco da final da Copa do Mundo da Fifa e se preparava para receber os Jogos Olímpicos em 2016. Nesse período, nenhum outro tema esteve tão presente no noticiário local e atraiu os olhares da mídia nacional quanto este, uma vez que a nova política tinha como promessa uma mudança intensa na lógica do combate ao crime com rápidos resultados para a sociedade.

O interesse pelo fenômeno habitacional e cultural das favelas não se limitaao Rio de Janeiro ou ao Brasil, já que o cotidiano da favela, suas características geográficas e as relações sociais são frequentemente objeto de estudos acadêmicos, mesmo em outras partes do mundo, como se pode ver em Mike Davis (2006), Das e Poole (2004) e Alan Gilbert (2007).

Em cada uma de suas pesquisas ou trabalhos organizados, cada autor tenta produzir uma visão aprofundada sobre as questões diversas relativas à favela. Uma das características mais exploradas das que se atribuem aos territórios favelados é a violência. Nesse ponto, as narrativas científicas, muitas vezes, acabam convergindo com os meios de comunicação ao associarem o problema da violência às favelas, mesmo quando tentam complexificar essa associação. Afinal, existe um histórico no imaginário da cidade de que a favela é o lugar da violência. Sendo assim, criou-se uma rápida analogia que liga favela à violência. Entre os clássicos autores que se preocuparam com a relação entre favela e violência no Rio de Janeiro estão Luiz Antonio Machado

[17] Sobre as construções narrativas acerca do processo de implantação das Unidades de Polícia Pacificadora e os diversos efeitos na cidade, ver PEREIRA (2017).

(2009), Márcia Leite (2010), Alba Zaluar (2008), Vera Malaguti (2011), Lícia do Prado Valladares (2008), Monique Carvalho (2014), Pedro Pereira (2012), entre outros.

Configuradas em um novo projeto de segurança pública e implementadas pelo governo estadual com apoio dos governos federal e municipal, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), segundo o discurso do governo, são uma medida para levar segurança aos territórios localizados estrategicamente no que o Estado denomina de "Cinturão de Segurança", representado pelos bairros de maior circulação, durante a realização dos Jogos Olímpicos ou da Copa do Mundo, congregando os da Zona Sul e alguns da Zona Norte, como Tijuca, Engenho de Dentro e outros.

Apesar de todo o esforço de propaganda governamental em torno das UPPs, desde sua implementação, essas nunca foram uma unanimidade em nenhum dos espaços de formação de opinião, seja na academia ou nos jornais. E sofrem inúmeras críticas, desde então. É possível dizer que a situação se asseverou depois de junho de 2013, com o caso do pedreiro Amarildo, desaparecido na Rocinha.

Ao todo, foram implantadas durante o processo 38 UPPs, que segundo o *site* oficial, alcançaram mais de 264 territórios, atendendo cerca de 1,5 milhão de pessoas diretamente. Nos últimos anos, a instalação das UPPs foi localizada da seguinte forma: em 2008, o Santa Marta recebe a primeira UPP do estado; em 2009, é a vez de Cidade de Deus, Jardim Batan, Babilônia e Chapéu Mangueira, Pavão-Pavãozinho e Cantagalo; em 2010, a UPP avança para Ladeira dos Tabajaras/Cabritos, Providência, Complexo do Borel, Formiga, Andaraí, Salgueiro, Turano e Macacos; em 2011, os morros do São João, Quieto e Matriz, as favelas da Coroa, Fallet e Fogueteiro, Escondidinho e Prazeres, na região central da cidade; em 2012, temos o Vidigal, a Fazendinha, Nova Brasília, Adeus/Baiana, Alemão, Chatuba, Fé/Sereno, Parque Proletário, Vila Cruzeiro – estas favelas do Complexo do Alemão e da Penha estavam ocupados pelo Exército e pelo Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar desde 2010 – e Rocinha; no ano de 2013, são instaladas as UPPs de Manguinhos, do Jacarezinho, do Caju, na Barreira do Vasco e Tuiuti, no Cerro-Corá, Arará/Mandela, Lins, Camarista Méier, Complexo de São Carlos e Mangueira, todas na Zona Norte; em 2014, Mangueirinha, a única UPP que está fora da cidade do Rio de Janeiro, em Caxias, e na Vila Kennedy.

As UPPs se localizaram na sua totalidade na capital do estado, a cidade do Rio de Janeiro. Ao longo dos anos, há uma tentativa de expansão do "Cinturão de Segurança",

o que fez a UPP avançar para algumas favelas da Zona Oeste da cidade. Isso não impediu que áreas como a Baixada Fluminense, mais próximas da Região Metropolitana, e os municípios restantes tivessem, em decorrência das ocupações, crescentes índices de violência nesse período.

Há, automaticamente, a abertura para o consumo de serviços privados – isto porque a demanda pelas políticas públicas de acesso à cidade, cultura, lazer, saúde foram camufladas pelos grandes eventos de Ação Social, realizados pelo menos uma vez ao ano nas favelas ocupadas para que os moradores tenham acesso à documentação.

Diversos fenômenos imobiliários e sociológicos serão observados nessa brusca mudança, alguns deles não cabem no escopo desta dissertação, por isso seguimos. Não há dúvida de que os investimentos nas favelas pacificadas cresceram muito nos últimos anos. O engano, porém, está em confundir a visibilidade do projeto com a visibilidade da favela e de suas questões históricas. A continuidade e a efetividade das políticas foram questões constantes.

Atualmente, a população carioca convive com o total declínio do projeto, que mobilizou diversos atores sociais, como o setor privado e a sociedade civil. Diante de uma aguda crise financeira, o governo do estado não teve condições de arcar com o alto custo de manter companhias destacadas de policiais nas favelas. Durante muitos anos da execução desse projeto, o governo estadual contou, até mesmo, com o apoio da iniciativa privada.

Ainda que diante da convivência com as mudanças na política de segurança e até mesmo de governo, as favelas do Rio de Janeiro continuam sendo territórios de convivência e de criação. E a pesquisa foi capaz de demonstrar o enraizamento das ações e das trajetórias dos/das jovens com os seus locais de origem e convivência.

3.2 A questão do território

Sobre a territorialização ou, mais precisamente, sobre o território como categoria de análise, o geógrafo Rogério Haesbaert (2007) faz um inventário interessante e apresenta as diversas concepções sobre o território que vigoram, ainda hoje, nas Ciências Sociais. A partir desse trabalho, é possível compreender o que está ligado ao processo de territorialização. Podemos destacar, para fins deste artigo, três destas

correntes: a materialista, a idealista e a histórica.

De acordo com o autor, é possível dizer que a vertente que "vê o território numa perspectiva materialista, ainda que não obrigatoriamente "determinada" pelas relações econômicas ou de produção" é predominante (HAESBAERT, 2003, p.46). Haesbaert resgata o antropólogo Maurice Godelier para mostrar que, mesmo quando outras dimensões estão em jogo na análise e nos estudos, ao necessitar de uma dimensão mais concreta, recorre-se a essa vertente, já que designa território como "a porção a natureza e do espaço que uma sociedade reivindica como o lugar em que os seus membros encontrarão permanentemente as condições e os meios materiais de sua existência" (GODELIER, 1984, p.114 apud HAESBAERT, 2007, P.47).

Trata-se da noção de que o território é a fonte de recursos, de ligação com a terra e a natureza, daí o fato de, nesta dimensão, ser importante considerar também a dimensão natural, "que em alguns casos ainda se revela um de seus componentes fundamentais" (HAESBAERT, 2007, p.48).

As relações no território também podem ser analisadas em uma perspectiva simbólica, cultural. É nesta dimensão que observamos a possibilidade de que o território seja capaz de reforçar uma dimensão como representação, valor simbólico. (HAESBAERT, 2007) Nesta dimensão do território, emergem as tensões e as relações sociais, de forma a percebermos um território "ocupado", utilizado e ressignificado de modos bastante distintos. O território se torna, também, o elemento agregador, um valor comum a todos os que compartilham dele.

Por último, a concepção de território está muito ligada ainda aos processos históricos e à assimilação das soberanias dos Estados-nações. Haesbaert (2007), afirma que esta é uma das leituras mais restritivas, já que:

> o território compõe de forma indissociável a reprodução de grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espacial ou geograficamente mediadas. Podemos dizer que essa é a noção mais ampla de território, passível de ser entendida a qualquer tipo de sociedade, em qualquer momento histórico (HAESBAERT, 2007, p.54).

O geógrafo sintetiza a importância de enfatizarmos o sentido relacional do território, integrando as perspectivas e conferindo ao território um papel integrador, a partir do diálogo com o geógrafo Marcelo José Lopes de Souza (1995), que "enfatiza esse caráter relacional, tendo o cuidado de não cair no extremo oposto, o de

desconsiderar completamente o papel das formas espaciais na construção das relações sociais" (HAESBAERT, 2007, p.55).

Essas perspectivas são elucidativas, uma vez que, permeando o debate sobre a construção de políticas públicas e sobre as favelas no Rio de Janeiro, o conceito de território pode ser perder sem que haja discussão mais profícua. Afinal, o território em si só pode significar pouco sem a observância das relações sociais existentes nele.

É importante ressaltar que a terminologia Território é utilizada durante o processo de implantação da nova política de segurança pelo Estado para definir os espaços de ocupação. E é exatamente aí que o termo extrapola a representação do noticiário para ganhar sentido nesta pesquisa, sobretudo, aliado à contribuição de Milton Santos (1999) acerca do conceito. Para o autor, a concepção vai além do espaço geográfico e pode revelar uma série de encadeamentos que vão descobrir a cultura, a identidade e os aspectos cotidianos. O território vai nos revelar inúmeras narrativas sensíveis à observação. Já que

> o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 1999, p.8)

E é exatamente nesse pulsar do território que se entrelaçam as narrativas e o cotidiano. O território é o lugar das relações e o lugar em potencial da construção histórica. Essa disputa se estende na realidade da cidade. E, no Rio de Janeiro, falar da cidade sem falar da favela, ou das favelas, é praticamente impossível. A geografia da cidade, rodeada por morros e floresta, permitiu uma característica particular de "cidades" dentro da cidade. Ela demonstra a clara conjugação da transformação do território em um espaço de vivências diversas. Para Santos (1978), "a utilização do território pelo povo cria o espaço". Nesse sentido, essa nova geografia da cidade, marcada agora pelas UPPs, pode ser um interessante espaço para evidenciar as narrativas do cotidiano das favelas em que:

> o espaço se define como um conjunto de funções e formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções" (SANTOS, 1978, p.122).

Esse componente analítico é fundamental para compreensão de que, para além

da análise crua das relações de representação, temos a possibilidade de observar as interferências a partir do quadro histórico e do campo da memória para que o território e suas construções deixem evidentes, ou ao menos mais claros, suas bases de existência. Assumimos também a perspectiva de que são as favelas verdadeiros territórios de significação cultural, com suas histórias, seus roteiros, suas formas de sobrevivência e de comunicação com o "restante" da cidade.

Nesse contexto, podemos pensar também nos territórios favelizados, caso da cidade do Rio de Janeiro, onde é possível conviver tão de perto com a desigualdade, onde a maioria das favelas se localiza nos centros dos bairros. Analisando casos como os do Rio de Janeiro, o sociólogo João Costa Vargas (2017) denomina-os de segregação residencial e afirma que:

> No Brasil, a segregação residencial, o desemprego, o abuso policial, a criminalização social e jurídica, o encarceramento, a negligência e a violação médicas e a morte por causas evitáveis são todos mais evidenciados entre pessoas negras – pretas e pardas – que entre não negros. (VARGAS, 2017, p.86)

Dessa mesma forma, se a organização de pessoas negras nesses ambientes é estruturante para a manutenção dos privilégios sociais, podemos dizer, então, que a segregação residencial estrutura a distribuição espacial de corpos de forma racializada, e essa estruturação determina quem pertence e quem não pertence, quem tem qualidade de vida boa e quem não tem, quem vive e quem não vive (VARGAS, 2017).

A partir dessa concepção, fica evidenciado o fato de que convivemos em uma sociedade que está em constante antagonismo com as pessoas negras. Em muitos casos, para as pessoas negras, os processos de formação na sociedade encontram obstáculos permanentes que as impedem de traçar os seus percursos.

Durante a pesquisa, a cidade do Rio de Janeiro vai sendo vista pelos olhos dos/das jovens no TEDx e o mapa construído nos leva a diferentes lugares. Um deles é o Complexo da Maré, que vai aparecer na história contada por Ana Paula Lisboa. Conjunto de favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro, é uma aglomeração de 16 favelas que compõem o maior grupo de favelas da cidade. As delimitações geográficas são definidas pela Baía de Guanabara e pelas três principais vias expressas do Rio de Janeiro, as Linhas Vermelha e Amarela e a Avenida Brasil, conexão entre Centro, Zona Norte com a Zona Oeste e a Baixada Fluminense.

Estima-se que a população reunida ali seja de mais de 130 mil habitantes, de acordo com os dados do Censo 2010. Em 1994, a Maré se transforma oficialmente em bairro. O conjunto de favelas tem proximidade com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), situada no seu entorno.

> A região da Maré, assim chamada por causa dos mangues e praias que dominavam sua paisagem, foi sendo ocupada desde o período colonial, quando exerceu preponderante papel econômico, por existirem nela dois portos, de Inhaúma e de Maria Angu, por onde se escoava a produção das fazendas locais, seja por ter alimentado com seus mangues, os engenhos de cana-de-açúcar e as olarias que ali se instalaram. (SILVA,2006, p.19)

Em 2011, o Complexo da Maré foi ocupado pela Força Nacional de Segurança, em colaboração com o processo das Unidades de Polícia Pacificadora, com vistas à realização dos megaeventos na cidade.

Outro Complexo de Favelas é o do Alemão, também na Zona Norte do Rio de Janeiro, cenário das narrativas de Rene Silva e Sabrina Martina. Conjunto de favelas com cerca de 70 mil habitantes, segundo o Censo de 2010 (IBGE 2010), foi oficializado como bairro em 1993. No ano de 2010, foi ocupado pelo Exército Nacional e pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro para a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora.

Enquanto os territórios citados anteriormente são favelas, circunscritas na cidade do Rio de Janeiro, capital do estado, Nova Iguaçu é um município da Baixada Fluminense, a maior entre as 13 cidades que compõem a região. Atualmente, a cidade tem cerca de 800 mil moradores, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

É Yasmin Thayná quem vai falar de sua cidade e da relação construída em que, diante da cidade do Rio de Janeiro, onde estuda, trabalha e executa ações de criação no Cinema, o município onde vive se torna periférico, distante, afastado das oportunidades e de acessos básicos.

Como município, Nova Iguaçu apresenta características próprias, não podendo ser comparado de forma generalizada com a realidade das favelas cariocas, que, por si só, já são complexas, diversas e muitas. Se levarmos em consideração a política de segurança pública das UPPs, citada em todas as palestras, Nova Iguaçu não conviveu de forma direta com a estratégia das UPPs, embora tenha sofrido com o aumento dos

índices de violência no período[18].

Ainda assim, Yasmin se apresenta como periférica, e situa sua realidade nessa posição. Apesar de apontar uma rede de ações culturais no seu entorno, define que a realidade poderia ser melhor.

4 - Memória e narrativas

[18] UPPs fazem tráfico migrar do Rio para a Baixada Fluminense. Disponível em https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,upps-fazem-trafico-migrar-do-rio-para-a-baixada-fluminense,1038312. Acesso em 03/04/2019.

O processo de análise de trajetórias, a partir de palestras em uma plataforma que mistura a realização de um evento físico e que tem sua difusão pela Internet, não é simples e depende de mais do que apenas convicções do pesquisador. Tem a necessidade de estar embasada nas mais diversas teorias ou, ainda, dar espaço para que novas teorias surjam.

No caso desta pesquisa, a dimensão da memória e das narrativas sempre esteve presente, uma vez que pensar o processo histórico-social ou mesmo as trajetórias individuais e coletivas exigia uma apreensão de um conjunto de narrativas e ensejava, em si mesmo, a construção de determinada memória sobre o período pesquisado e os processos analisados.

Podemos afirmar que a Sociologia, desde seus primórdios, gira em torno dos debates sobre a preeminência de uma ou outra forma de análise do mundo social ou uma ou outra forma de encarar filosoficamente a sociedade.

Se o campo está em permanente mudança, a trajetória social é o movimento em um campo de possibilidades definido estruturalmente, mesmo que as estratégias e os movimentos individuais sejam ao acaso. Assim, identificamos as favelas como campo em permanente mudança, interagindo com a cidade e as relações imbricadas nesse processo.

Apesar de curtos, os depoimentos, com duração de cerca de 15 minutos, são capazes de apresentar aspectos biográficos e indícios importantes de construção das memórias desses/as jovens. Paralelamente, temos os efeitos do racismo, atravessando a construção dessas trajetórias e construindo inúmeros ou múltiplos sentidos. Assim, toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social.

Afinal, se é a partir da memória que podemos estabelecer uma relação com o passado e, na reconstituição de fatos do passado, temos um suporte para a análise das trajetórias, é muito importante estabelecermos uma relação entre memória e história. Em um diálogo com a perspectiva de Bourdieu (1998), podemos também construir um diálogo para o apoio metodológico com base nos trabalhos do sociólogo Maurice Halbwachs e dos historiadores Alessandro Portelli (2010) e Pierre Nora (1993).

Essa é uma tentativa de tecer esta narrativa, muito certo de que o prisma analítico de suas visões não será capaz de nos garantir a descoberta de uma verdade absoluta, já que o processo de construção que separa o tempo presente do passado é deveras dinâmico. É muito importante entender que a memória opera a partir de um processo seletivo e os critérios de visibilidade ou invisibilidade são influentes em sua construção.

Para Bourdieu (1998), descrever uma biografia significava o último e mais sensível passo na empreitada sociológica, se encararmos essa biografia como uma construção realizada a despeito das intenções pessoais e do sentido das ações realizadas pelos agentes em um campo (Bourdieu, 1996a).

Este processo de incorporação de fontes biográficas, tal como a história de vida, é indicado por Bourdieu como "uma entrada de contrabando no universo científico, primeiro na etnologia, e após, na Sociologia" (1986). Do ponto de vista de Bourdieu, há uma grande diferença entre seu conceito de biografia e a maneira como esse é comumente empregado. Aqui, é fundamental nos lembrarmos das advertências do autor (BOURDIEU, PASSERON ET AL, 1968) a respeito do conceito de história de vida e desse tipo de teoria construída. A rigor, não existe, ainda que esta ideia seja extremamente atrativa e sedutora ao senso comum, uma sequência cronológica e lógica dos acontecimentos e ocorrências da vida de uma pessoa. Afinal, "nossas vidas não são um projeto sartriano e não possuem um sentido teleológico".

As trajetórias seriam, assim, o resultado construído de um sistema dos traços pertinentes de uma biografia individual ou de um grupo de biografias (BOURDIEU, 1998). Precisando mais o conceito, Bourdieu aponta que uma trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo. Essa objetivação resulta em uma trajetória que, diferentemente das biografias comuns, descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário (BOURDIEU, 1996b).

É o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004) quem traz uma nova perspectiva quando reaproxima o tema da memória ao campo das interações sociais. Sua tese é formulada em contraste com a ideia de que a memória seria o resultado da impressão de eventos reais na mente humana, de maneira independente. Para o autor, fica latente que as memórias são sempre construídas pela lembrança dos outros,

garantindo o grupo como unidade. E é o ato de “lembrar” que revela uma ação que se configura no presente, sob uma perspectiva coletiva, ou seja, trata-se de uma reinterpretação e não de um simples resgate no/do passado. As memórias são sempre “apoiadas” pela constituição de um presente dinâmico e em constante reformulação. “A questão toda é saber se uma tal lembrança pode existir, se é concebível. O fato que ela seja produzida, mesmo uma única vez, bastaria para demonstrar que nada se opõe a que intervenha em todos os casos” (HALBWACHS, 2006, p.37).

Fica claro que, para Halbwachs, a construção de uma memória individual não caminha distante da memória coletiva. Pelo contrário, é justamente pela dinâmica da vida social em que os indivíduos se inserem em diferentes grupos que o processo de assimilação e reconstrução da memória se dá a partir das interações a que estão submetidos; afinal, o indivíduo nunca está só, na ótica do sociólogo.

É, portanto, a perspectiva de um grupo que nos insere na possibilidade de obter as lembranças. São, nesta lógica, os dados emprestados do presente que reconstroem um passado. A memória social deriva dessas lembranças. O “ato de lembrar” pode gerar percepções diferentes; sendo assim, alguns registros podem se apagar, outros podem ganhar visibilidade em maior ou menor intensidade.

Ao definir o elo entre memória individual e coletiva, e suas implicações para a organização social de uma memória histórica, compartilhada e intergeracional, o autor estabelece critérios bastante complexos para que se identifique a construção coletiva dos olhares sobre o passado.

Sendo assim, a memória não se desenvolve como imaginação pura e simples, ela tem apoio na memória histórica. Aqui, há uma discussão bem importante sobre o fato de a memória histórica não estar apoiada apenas em nomes, datas, mas está expressa em pensamentos políticos, organizações sociais e acontecimentos marcantes.

Para Halbwachs, na memória coletiva está ancorada a construção das identidades individuais. Sendo assim, a identidade coletiva precede a memória. Há também a premissa de que todos os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu próprio passado coletivo e que essa memória é indissociável da manutenção de um sentimento de identidade, permitindo identificar o grupo e distingui-lo dos demais.

Para o autor, as memórias permanecem, pois fazem parte de um conjunto de valorações e significados comuns a todos os membros do grupo, visto que as imagens

privadas que cada um tem do passado são submetidas a padrões adequados mantidos coletivamente.

Nas contribuições de Alessandro Portelli (2010), é possível perceber claramente uma interação e debate com Bourdieu (1997); porém, Portelli constrói um conceito de narração oral da história que compreende o trabalho de articulação entre história e memória. Para ele, esse processo só é possível ao se contar a história por meio de um processo dialógico. É interessante perceber que, neste texto, vemos a integração entre a memória individual e a coletiva a partir das modalidades que Portelli identifica no processo de construção narrativa sobre a história oral, calcada sempre nos âmbitos institucional, comunitário e pessoal. Esses aspectos estarão presentes nos discursos proferidos ao entrevistador.

O autor disseca o modelo de entrevista para a apreensão/construção de uma história oral e apresenta as condições, mesmo as exteriores à fala, contextualizando e compartilhando aspectos importantes do processo que dão sentido único às falas dos entrevistados.

Portelli dialoga também com Pierre Nora (1993) e sua teoria dos “lugares de memória”, a meu ver de maneira muito correta, evidenciando que seus entrevistados acessam esse lugar para retomar as narrativas sobre o passado, agora memórias.

Esse movimento impõe limites para o acesso ao passado que, na perspectiva deste autor, estaria comprometido não fossem os “lugares de memória” que ganham sentido no fato de não possuirmos mais as memórias espontâneas: “é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.” (p.13) Para Nora, a vivência das memórias anularia a função dos suportes ou, em sua concepção, dos lugares de memória. Ao analisar as narrativas criadas no TEDx, chegamos também às discussões sobre as trajetórias de jovens. A particularidade do TEDx está na construção de uma narrativa que deve ser contada e tem como objetivo inspirar pessoas. Nesse sentido, tornam-se potenciais instrumentos de base os procedimentos de constituição de narrativas orais, já bastante utilizados na História.

A perspectiva de apresentar uma análise de narrativas orais com a finalidade de elucidar determinado contexto vem da identificação de que essas narrativas são formas essenciais de comunicação e de garantia não apenas da memória, como também de

visibilidade, ferramentas tão caras ao campo das relações étnicorraciais.

Diante de tantas metodologias possíveis, a análise narrativa desempenha um importante papel de constituição do significado das experiências[19] dos/das narradores/as, mediante a busca de elementos unificadores, focando, com isso, um desvelamento dos modos autênticos de vida individual dos/das narradores/as e do contexto investigado.

4.1 A análise das narrativas

Com o advento da virada hermenêutica das Ciências Sociais, ocorrida na década de 1970, fundada em teóricos como Paul Ricoeur[20], as vivências humanas e o mundo passaram a ser vistos como textos, o que promoveu a busca por diferentes instrumentos e estratégias metodológicas para lidar com essas novas leituras de mundo, até por possibilitar e sugerir interpretações, principalmente no que tangia às investigações histórico-biográficas.

Nesse período, também se consolida uma "teoria narrativista", com a tentativa de ratificar uma não equivalência entre passado e história, ou seja, o passado existiu, mas só poderia ser estudado por meio de práticas discursivas limitadas que não esgotam as interpretações sobre ele. Não existe, no passado, uma realidade para se desvelar, mas sim, um sentido "inventado" pelos historiadores. Essa "invenção" surge, em grande parte, pela maneira como os historiadores escrevem a história, pois essa escrita não é um meio pelo qual apenas se relata a pesquisa histórica, está imbuída de valores históricos e ideológicos que modificam a própria pesquisa.

A história não cria o mundo "real" – ele existe como matéria –, apenas apropria-se dele e lhe dá todo significado. O passado deste mundo não existe materialmente, e sim nos textos. A história é, então, uma construção intertextual sem relação ao mundo em si (JENKINS, 2005). Mais especificamente:

---

[19] Experiência aqui compreendida como apresentada por Larrosa (2005): "um modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência além da sua própria existência – corporal, finita, encarnada no tempo e no espaço – com outros." (p.4)

[20] Sua obra de maior fôlego sobre é *Tempo e Narrativa*, dividida em três volumes publicados aqui no Brasil pela Editora Martins Fontes, em 2009, por ocasião do ano da França no Brasil. Nela, o autor desenvolve a tese de que só é a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo.

> A História é um discurso cambiante e problemático, tendo como pretexto um aspecto do mundo, o passado, que é produzido por um grupo de trabalhadores cuja cabeça está no presente (e que, em nossa cultura, são na imensa maioria trabalhadores assalariados), que tocam seu ofício de maneiras reconhecíveis uns para os outros (maneiras que estão posicionadas em termos epistemológicos, metodológicos, ideológicos e práticos) e cujos produtos, uma vez colocados em circulação, vêem-se sujeitos a uma série de usos e abusos que são teoricamente infinitos, mas que na realidade compreendem a uma gama de bases de poder que existe naquele determinado momento e que estruturam e distribuem ao longo de um espectro do tipo dominantes/marginais os significados das histórias produzidas (JENKINS,2005, p.52).

Esses discursos cheios de significados (as narrativas) formam uma trama textual pela qual "temos acesso" a um passado. Não podemos nos descolar dessas narrativas para checar sua correspondência com o "mundo real".

O historiador Hayden White (1994) argumenta que não há fundamento epistemológico determinante para a escolha de uma perspectiva histórica, sendo mais importantes os fundamentos estéticos e morais, pois não há como julgar se uma história é mais realista que outra.

No caso específico deste estudo, falamos das formas de ser jovem negro/a no Rio de Janeiro, residindo em favelas ou periferias, e as relações com os impactos do racismo nas suas experiências. O contexto que se pretendeu destacar foi o caráter necropolítico do Estado brasileiro evidenciado no recorte da análise.

Estou convencido que há força nas narrativas orais. Seja por consistirem em uma das formas mais rudimentares de se contar uma história ou evidenciar experiências de vida; seja pelo encanto das formas, as narrativas constituem uma tecnologia repleta de possibilidades. Narrar é contar uma história para alguém, narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. A narrativa pode ser uma história, um relato ou, como aponta Todorov (1979), uma situação estável capaz de ser derrubada por outra força qualquer, gerando um estado de desequilíbrio. Algo como um processo retroalimentado de vivências, experiências e narrativas que, ora se completam, ora se contradizem, e assim continuadamente.

Esta possibilidade que tem a narrativa de oferecer ao pesquisador múltiplas e complexas dimensões é valorizada por Jerome Bruner (2002). Segundo o autor, a narrativa "é composta de uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores" (p.46). O argumento fortalece a escolha do método analítico de trajetórias particulares, contadas em ambiente específico e selecionadas para dar corpo ao debate teórico.

Criadores de um método analítico para as narrativas, Labov e Waletzky (1967) vão dizer que as narrativas são um método de recapitulação de experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações com a sequência de eventos acontecidos. E, deste modo, a pesquisa narrativa poderia ser também uma forma de compreender a experiência, sendo uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema em que o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por diversas formas e métodos, entre os quais: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas e notas de campo.

No caso de uma análise narrativa (de narrativas), a ênfase está na consideração de casos particulares e o produto desta análise aparece como nova narrativa, a explicitação de uma trama ou de argumentos que tornem os dados significativos, não em busca de elementos comuns, mas no destaque do que é singular e que, em suma, não aspira à generalização. Desse modo:

> O papel do investigador neste tipo de análise é configurar os elementos dos dados em uma história que os unifica e dá significado a eles com a intenção de mostrar o modo autêntico da vida individual sem manipular ou distorcer a voz de cada narrador (ou depoente) a favor de uma versão pré-estabelecida. A trama pode estar construída de forma temporal ou temática, mas o importante é que possibilite a compreensão do por quê algo aconteceu. Aqui, a proposta é a de revelar o caráter único de um caso individual e proporcionar uma compreensão de sua complexidade particular ou de sua idiossincrasia (BOLIVAR, 2002, p. 52). Na análise narrativa de narrativas, o pesquisador desempenha o papel de constituir significados às experiências dos narradores mediante a busca de elementos unificadores e de alteridade, supondo que, mediante esse procedimento, estaria desvelando o modo autêntico da vida individual. (p.18)

E era a partir deste ponto de poder não generalizar, mas universalizar determinadas condições e experiências, consciente dos limites que um recorte tão restrito oferece, que estivemos focados no estudo. Das inúmeras formas de recortar um objeto, ou analisar um fenômeno, partir das narrativas para compreendê-lo se mostrou uma forma bastante eficaz.

Neste estudo, foi valorizada a forma escrita das narrativas, obtida após transcrição dos vídeos disponibilizados na plataforma do Youtube. A importância de transcrever para a pesquisa o que antes era linguagem falada permite que o discurso saia dos limites físicos para que se interponha na vida do outro.

Walter Benjamin (1987) fala sobre a força da narrativa e apresenta uma nova dimensão, a utilitária, que confere novos sentidos de uso das narrativas e, até, confere a

elas papel singular na sociedade. Ele diz que a narrativa:

> Tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa nova norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (BENJAMIN, 1987, p.200)

Ainda sobre o narrador, Gotlib (1998) dá valor aos instrumentos utilizados pelo narrador na construção de sua narrativa ou no contato com sua audiência como formas elementares e fundamentais de transmissão de conteúdo. Ele afirma que:

> A voz do contador, seja oral ou seja escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta – a entonação da voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões – que é possível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquista e manter a atenção de seu auditório. (GOTLIB, 1998, p.13)

Isso sugere que a narrativa é também uma forma artesanal de comunicar, de formar uma trama textual pela qual temos acesso a um passado ou contexto determinado. Considerar essa vertente implica ir além da legitimação da coleta e análise de dados biográficos e narrativos enunciados por indivíduos particulares.

As narrativas oferecem, em si, a possibilidade de uma análise, concebendo análise como um processo de produção de significados, a partir de uma retroalimentação que se iniciaria quando o ouvinte/leitor de um texto se apropria desse texto para, de algum modo, tecer significados seus e construir uma trama narrativa própria que será ouvida/lida, retornando ao início do processo.

Nos trabalhos etnográficos, biográficos ou historiográficos que se valem da Historia Oral, diferentes perspectivas, vivências e modos de perceber o mundo, baseados na memória (e no esquecimento), apresentam-se como fontes (talvez, as principais). Os rastros e sinais devem ser procurados em um terreno não sedimentado, movente e plural. Para se tentar ler e interpretar alteridades, dá-se conta de que o pesquisador compõe suas narrativas e entra em uma negociação na qual existem inúmeros intérpretes e significações. Lida-se com a individualidade que cada um quer imprimir a seu relato, com imagens cristalizadas, institucionalizadas, com dramas e aflições.

Considerar esta vertente – a da História Oral – implica, além da legitimação da coleta e análise de dados biográficos e narrativos, enunciados por indivíduos particulares, a criação de uma autoidentidade ao contarmos nossas próprias histórias e reconhecermos a nós mesmos nessas narrativas. Independentemente de serem essas

histórias verdadeiras ou falsas, tanto a ficção como a história verificável nos permitem uma identidade (RICOEUR, 1999).

Entender as narrativas desses jovens moradores de favela como forma de constituir-se seria, segundo as ideias de Bolivar (2002) e Bruner (1997), aceitar a possibilidade de se inventar um novo eu a partir de uma nova identidade para cada um que conta sua versão: a identidade narrativa por meio da experiência estruturada em um relato, um "contar" que permite a constituição de um sentido àquele que narra, narrando a si mesmo ao narrar algo.

Para tratar do outro modo, o narrativo, Jerome Bruner (1997) afirma que devemos nos concentrar na narrativa em seu alcance mais profundo: como uma forma de arte. "As grandes formas de ficção que transformam a narrativa em uma forma de arte chegam muito perto de revelar "puramente" a estrutura profunda do modo narrativo em expansão" (p.16). As narrativas, ficcionais ou não, tratam das vicissitudes das intenções humanas. E como existe um número infindável de intenções e de formas, deveria haver incontáveis tipos de histórias.

Mas, continua Bruner, "se realmente existem limites quanto aos tipos de histórias, poderia significar que os limites são inerentes às mentes dos escritores e/ou leitores, (…) ou que os limites são uma questão de convenção" (p. 17). Esse método é caracterizado por apresentar a experiência concreta humana como uma descrição das intenções, mediante uma sequência de eventos em tempos e lugares, na qual os relatos biográfico-narrativos são os meios privilegiados de conhecimento e investigação. O método narrativo de conhecimento parte do princípio de que as ações humanas são únicas e irrepetíveis. Sua riqueza de matizes não pode, então, ser exibida em direções, categorias ou proposições abertas. Enquanto o procedimento paradigmático se expressa por conceitos, o narrativo o faz por descrições anedóticas de incidentes particulares na forma de relatos que permitem compreender como os humanos dão sentido ao que fazem (BOLIVAR, 2002).

5 - Jovens negros/as no TEDx

"Visibilidade é um direito que dispara outros direitos" afirma Ana Paula Lisboa, em palestra realizada no TEDx, plataforma de difusão de conhecimento a partir das histórias de vida de pessoas influentes no mundo inteiro. O destaque para essa afirmativa tem relação direta com o desafio, empenhado nesta pesquisa, de revelar, neste contexto analítico, as narrativas produzidas por jovens de favela e periferias do Rio de Janeiro, contadas para milhares de pessoas no auditório onde ocorreram as palestras e, para o mundo inteiro, por meio da plataforma de vídeos YouTube.

TED é a sigla em inglês para Technology, Entertainment, Design (Tecnologia, Entretenimento, Design). O movimento TED começou em 1984 como um evento que reuniu alguns convidados para assistir a palestras sobre temas relacionados aos termos da própria sigla. O evento foi criado por Richard Saul Wurman, sem a pretensão de ocorrer novamente, mas, em 1990, foi reinventado como uma conferência de quatro dias, em Monterey, na Califórnia. As palestras presenciais são compartilhadas com um público mais amplo por dois canais essenciais: o *site* oficial do TED[21] e o canal do Youtube[22].

Com média de 1,5 milhão de visualizações por dia, os vídeos abordam assuntos relacionados à ciência, à liderança e a histórias de vida de pessoas anônimas e famosas, além de questões globais. Para entreter e manter a audiência, é possível que se utilizem de diversos recursos diferentes, de apresentações em Power Point, até de um piano de cauda no palco. Essas características das palestras TED auxiliam também na forma como, rapidamente, os vídeos alcançam suas audiências.

De 2001 a 2006, o TED gerou ramificações. A conferência TED é o carro-chefe da entidade, ocorrendo sempre na Costa Oeste da América do Norte. Em seguida, está o evento TED Global, realizado anualmente em vários países e organizado pela equipe de Chris Anderson, diretor-executivo da instituição. Porém, também são organizadas conferências locais licenciadas pelo TED em vários países, organizadas de modo

[21] Acessar www.ted.com.
[22] Acessar www.youtube.com/tedtalks.

autônomo por pessoas interessadas em expor suas ideias nos moldes das palestras TED.

Foi assim que surgiram os TEDx, promovidos por voluntários de diversos países. Os representantes voluntários receberam uma licença para reproduzir o formato das palestras e do evento, além de usar a marca TED. O primeiro TEDx brasileiro ocorreu em São Paulo, em 2009.

É interessante notar que, para palestrar no TED, os organizadores explicam que não é necessário ser o maior especialista do mundo sobre determinado tema, mas é importante ser uma referência no assunto e garantir a credibilidade das informações que serão expostas, já que o discurso será registrado e, provavelmente, visualizado milhares de vezes pela internet.

Um ponto marcante nas orientações do TED[23] para os "*speakers*", como são chamados os/as participantes, são as questões que norteiam a reflexão e a abordagem, , por exemplo: "As pessoas já ouviram a respeito do que você irá abordar? Como a sua ideia se aplica à realidade de uma plateia heterogênea? Qual o perfil das pessoas que se interessam pelo assunto? Seu tema é atual e realista?". A instrução afirma que, se o apresentador responder negativamente a alguma das questões, é preciso refinar a ideia antes de expô-la ao público.

Se o desafio de superar o racismo parece um trabalho de grande esforço associativo, coletivo e de responsabilidade de grande número de agentes da sociedade, a força das narrativas orais e dos feitos elencados por cada um dos jovens selecionados nesta pesquisa revela que as suas práticas cotidianas em seus territórios de moradia e na circulação da cidade devem gerar alguns resultados práticos.

O desafio era perceber em que medida o racismo se apresentava para esses jovens nas suas vivências, quais estratégias estavam sendo elaboradas por eles para se esquivarem não apenas do racismo, mas das estatísticas que rondam a vida dos jovens negros brasileiros e como estavam desenhadas em seus pontos de vista a construção de suas trajetórias.

A escolha por analisar cada um desses aspectos a partir de narrativas construídas de modo semelhante, com duração determinada e esteticamente parecida, foi uma estratégia para conseguir produzir análise com base em eventos isolados e verificar a

[23]Disponível em https://www.ted.com/participate/organize-a-local-tedx-event/tedx-organizer-guide/speakers-program/select-your-speakers-performers Acesso em 02/04/2019.

constância dos eventos, fenômenos a partir de quatro relatos individuais, em momentos diferentes, sobre a diversidade de ser jovem negro/a e residente nas favelas e periferias do Rio de Janeiro.

Além de termos como base de análise as definições de racismo já antes expostas, a compreensão do que significam as favelas e periferias na geografia e na sociabilidade do Rio de Janeiro e os eventos que se sucederam ao longo dos últimos anos, considerei importante traçar um paralelo com a relação entre biografia e história, inseridas em um conjunto mais vasto de dualidades que percorrem a Sociologia desde muito tempo, baseadas nas díades indivíduo/sociedade, ação individual/coletiva, liberdade/determinismo, individual/coletivo, estrutura/indivíduo, e outras. No caso deste trabalho, adota-se a perspectiva do individual/coletivo que aponta para a manutenção, no indivíduo, de componentes subjetivos sociais e ligados ao grupo onde ele vive, ou, inversamente, a busca do que é extremamente único e pessoal dentre um aparato mais vasto de representações da memória, internalizadas a partir da sociedade.

Cada jovem apresenta, em seu discurso, um lugar de origem, onde estão baseadas as relações e experiências de sua vida, dos projetos que desenvolvem e/ou atuam e também configurando o espaço vivido dos afetos.

Apesar de destacar cada sujeito em uma análise pormenorizada, é importante enfatizar o produto da análise do conjunto pesquisado. Cada uma das trajetórias coopera para a compreensão de um quadro mais abrangente sobre ser jovem negro/a no Rio de Janeiro. Em anexo, estão as transcrições, na íntegra, de cada uma das palestras, com o intuito de permitir que a análise também seja feita coletivamente com aqueles que leem este documento final.

Um olhar geral sobre as palestras é capaz de oferecer elementos para uma discussão bastante interessante sobre as características, os anseios e as particularidades de ser jovem negro/a no Rio de Janeiro. Uma nuvem de palavras, produzida a partir das transcrições revela a intensidade dos discursos desses jovens.



Nuvem de palavras: síntese das palestras

A nuvem foi produzida de maneira a destacar as palavras mais ditas durante as palestras, na forma como aparecem nas sequências de falas. É possível perceber aspectos físicos inerentes ao espaço das favelas, como as lajes, a favela, o termo Comunidade, os termos Negro, Negra e Negras, também em destaque, e a palavra Gente, repetida muitas vezes no discurso como marca da coletividade ou do pertencimento dos/das jovens.

Das muitas provocações e sínteses produzidas pelos/as jovens palestrantes no TEDx, é possível também marcar o espaço das diferenças, a evidência de que há um olhar sobre esses jovens, sob a perspectiva da carência e da necessidade permanente de ajuda externa. Em mais de uma palestra, a constatação de que a política pública pode ser o elo eficaz para garantir a emancipação e a realização dos projetos dos/das jovens negros/as fica igualmente evidenciada.

Está em jogo, ainda, nas palestras a disputa da narrativa e pela visibilidade como

estratégia de promoção de si mesmos e dos territórios a que pertencem. De um lado, se a política do Estado é capaz de limitar sua circulação na cidade e, consequentemente, suas vivências; por outro lado, é a partir de experiências que extrapolam o limite das favelas e periferias que estes/as jovens vão também alcançando a cidade.

É importante delimitar que o apresentado aqui não são propriamente trajetórias completas ou biografias; são fragmentos de experiências que nos oferecem um potencial analítico e iluminam aspectos relacionados às contingências e às potências de ser: jovem, negro/a, favelado/a e periférico/a na metrópole carioca.

5.1 Ana Paula Lisboa[24]

Nascida na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, Ana Paula Lisboa foi a primeira pessoa de sua família a entrar na universidade. Ainda hoje, considera complexo, mas, ao mesmo tempo, importante, dizer de onde é. Durante a infância, adolescência e juventude, morou em muitos lugares no estado, incluindo o subúrbio, diferentes favelas e a Baixada Fluminense.

Ana participou do TEDx Laçador, realizado em 2016, em Porto Alegre, no Sul do país, cujo tema foi: "Consciência e Ação". Em sua palestra, intitulada "O jovem de favela não é carente, é potente", ela apresenta a experiência de seu trabalho como coordenadora da Agência de Redes para a Juventude, projeto realizado em favelas que receberam as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro. Ao explicar sobre a metodologia desenvolvida no projeto, cujo público-alvo eram jovens residentes nesses territórios, Ana Paula mescla experiências de sua vida pessoal com o trabalho desenvolvido.

Atualmente, ela é escritora, colunista no jornal O Globo e produtora de eventos culturais. Vive entre Angola e Brasil e, quando participou do TEDx, era moradora da Favela Nova Holanda, no Complexo da Maré.

> Pra quem chegar no Rio, a passarela 9 da Avenida Brasil (...). É importante falar de onde a gente é, por que quando a gente vem favela, periferia, subúrbio, é importante mostrar esse nosso lugar de fala que às vezes é a nossa maior potência e a nossa maior carência. Pra mim é um pouco complexo, por que meus pais foram nômades

[24] O vídeo com a palestra de Ana Paula Lisboa está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=d6PXkqpL8yw e já havia sido visualizado por mais de 22 mil pessoas quando acessado para a pesquisa. A palestra foi gravada durante o TEDx Laçador, em Porto Alegre, no Sul do Brasil e publicada em 27 de junho de 2016 no Youtube.

> durante anos. A gente morou na Zona Norte, na Zona Oeste, na Baixada Fluminense, eu nasci e sou registrada em Nova Iguaçu, na Baixada. Mas pra mim, foi importante em um momento transformar essa trajetória cigana não na carência, mas na maior potência.

Um dos motivos para a trajetória cigana de Ana Paula foi a falta de dinheiro para pagar o aluguel, uma constante na vida de sua família. A convivência em locais periféricos na cidade é uma característica do racismo, como nos apontou João Costa Vargas (2017). O ponto de partida da narrativa proposta por Ana está na oposição entre carência e potência, discutidos adiante.

Lisboa foi, por alguns anos, coordenadora da Agência de Redes para a Juventude, base de sua participação na plataforma. Ela explica que:

> A Agência surgiu em 2011 no Rio de Janeiro, em seis favelas com a experiência da UPP no Rio e é importante dizer que dentro da Agência a gente não fala de favelas pacificadas, mas de favelas com a experiência da UPP. E a Agência nada mais é do que uma metodologia, um ambiente de criação que mistura jovens de favela com artistas, ativistas, mediadores, poder público, universitários do Rio de Janeiro para transformar as ideias desses jovens em projetos que possam trazer soluções tanto para os territórios deles, quanto para a cidade, o país e o mundo.

Ana apresenta um conceito essencial para a jornada dos/das jovens durante o percurso na Agência, o de "bioprática", que, segundo ela, nada mais é do que:

> entender essas memórias afetivas, o dia a dia que a gente vive, os nossos desejos como possíveis para se criar uma cultura empreendedora e uma ação no território. Dentro da cultura, ela é importante, por que ela reconhece essas memórias e esse dia a dia como uma expressão que pode transformar o que a gente vive em uma produção.

A bioprática poderia estar implicada diretamente aos conceitos discutidos aqui de biopolítica/necropolítica? Pois Ana vai afirmar que o importante é agir sobre a cidade mais que pensar sobre ela. Poderíamos falar de superação de uma das faces do racismo, a dificuldade não apenas de circular na cidade, mas de agir sobre ela. Fica claro quando ela diz que a maior premissa da Agência era provar que "esse jovem de favela, da periferia, ele não era carente, ele não precisava ser atendido, mas ele era potente, ele tinha ideia e essas ideias poderiam trazer soluções para o território. Mas quem é esse jovem? Esse jovem é um jovem negro, de favela."

Fica evidente, em sua fala, que o jovem, negro e da favela não tem a possibilidade de colocar em prática suas ideias no cotidiano da cidade, uma vez que é visto como alguém carente, necessitado da complementação do outro, da ajuda externa. Por muitos anos, como visto anteriormente, essa era uma tônica forte em projetos

direcionados aos jovens residentes em favelas e periferias: levar a cidadania, levar o conhecimento para esses/as jovens.

Um fator muito presente na narrativa de Ana Paula Lisboa é a presença das Unidades de Polícia Pacificadora que, segundo ela, “tentou trazer mais segurança pra cidade, principalmente por conta da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Ela elegeu esse jovem como um inimigo no Estado e chegou a declarar que talvez fosse necessário perder uma geração inteira de jovens na cidade.”

A natureza necropolítica do Estado está, pois, identificada diretamente na fala de Ana Lisboa. inda que não apresente o conceito, é possível identificar quem foram os escolhidos para o devir da morte. Esse foi um dos motes do projeto, ela afirma:

> A gente, obviamente, não concordava com isso, então a gente queria esse jovem. A gente tem 51% de negros, por que pobreza tem cor, mas a gente entende que locais como a Rocinha, que tem uma grande migração nordestina, a pigmentação é menor. Mas não deixam de ser jovens de origem popular. O que a gente queria era atender esse jovem, negro, de 15 a 29 anos e a gente queria misturar esses jovens.

Quando fala em misturar, Ana sugere romper com mais um paradigma diante da população negra: o de que todo mundo é igual. Ela aponta a diversidade das juventudes periféricas e mostra, até, a diferença presente nos territórios de favela:

> Por que as pessoas pensam que na favela é tudo igual, mas não. A gente queria misturar o jovem da área mais rica da favela, com o da área mais pobre. O jovem que não terminou o Ensino Médio, com outro que já estava na Universidade, o funkeiro, o roqueiro, o evangélico. Não era a diversidade esse conceito que já é trabalhado pelos Movimentos Sociais, de Gênero, das lutas étnicas. A gente queria trabalhar com o conceito da diferença, por que não existe um jovem favelado, esses jovens são múltiplos, são diferentes.

Se o pressuposto está nas diferenças, é possível enxergar a riqueza dessa narrativa, que vai expandindo os horizontes de quem é o seu alvo. É necessário se abrir para perceber um conjunto muito mais amplo e diverso quando se trata dos e das jovens de favela. E dá trabalho aprofundar a busca e o olhar diante desse quadro.

> A gente entendeu que pra encontrar esse jovem que estava fora dessas redes, que não tinha passado por outro projeto, tinha um repertório muito pequeno, que estava fora mesmo até do território, não era possível só colar um cartaz e esperar esse jovem chegar. A gente precisava ir atrás deles. A gente montou caravanas nesses territórios, e entendeu também que não era possível ir apenas na escola, nas ONGs que já existiam, a gente precisava estar onde esse jovem, que a gente chama de ordinário – não é aquele extraordinário que já canta, já dança, já está na universidade – a gente precisava chegar no lugar onde ele estava, na esquina, no Mototaxi, nas praças, no horário determinado.

Outro aspecto destacado nesse trecho é o da multiplicidade de abordagem. Se a meritocracia é um dos pilares do racismo (ALMEIDA, 2018), para romper com um processo de exclusão seria necessário modificar a abordagem e ir além de quem já possuía determinada mobilidade, circulação e vivência emancipada.

> Por que, às vezes, a gente chega no território com a nossa grande ideia, o nosso grande projeto e aquele jovem não está a fim, e ele não é obrigado a estar. Então a gente precisa manter a audiência, durante doze sábados, e a gente conseguiu.

O processo apresentado por Ana, incluindo diversos instrumentos personalizados que auxiliam os/as jovens participantes a organizarem suas ideias em forma de projeto de intervenção no território, tem por fim uma banca de seleção, composta por parceiros do projeto. Sobre a finalização, ela conta que já foram várias as surpresas: "a gente já teve várias surpresas, por que às vezes o cara nem tem uma ideia tão boa, defende muito bem, faz a banca chorar e ganha. Assim, a gente conseguiu comprovar nossa premissa", – a de que o jovem de favela é potente.

A Agência já premiou mais de 100 ideias no Rio de Janeiro e hoje tem 36 projetos em ação na cidade. Dezoito deles fazem parte de uma rede, chamada Rede Agência, e inclui os projetos que estão desde o primeiro ciclo iniciado em 2011. Esses projetos já receberam apoios de outros patrocinadores.

Sobre o impacto do projeto na vida dos/das jovens e na sua própria história, Ana diz que:

> Mesmo depois desses quase seis anos de Agência, o que eu mais me impressionei foi que eu descobri de uma forma muito difícil, que para o jovem conseguir todo esse processo e esses quase mil jovens que a gente já atendeu, primeiramente, ele precisa estar vivo.

Ela reforça os dados dizendo que "o Brasil é um dos lugares que mais se mata no mundo, mais que nas guerras que a gente vê na televisão". E pergunta: "o que a gente está fazendo? É importante porque esses jovens precisam ser visíveis. Visibilidade é um direito que dispara outros direitos."

5.2 Rene Silva[25]

[25] O vídeo com a palestra de Rene Silva está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=A56feDb1UF4 e já havia sido visualizado por mais de 1 mil pessoas

Rene Silva participou do TEDx Pedra do Penedo, no Espírito Santo, em 2015, cujo tema foi: “Formas de Somar”. Sua palestra, intitulada “Dando voz à comunidade”, tem como foco a história do jornal criado por ele, “Voz da Comunidade”, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Em sua palestra no TEDx, dedica-se a contar essa história, não sem deixar bem marcadas as circunstâncias, os aspectos de suas vivências na favela e na cidade e seus trajetos.

O jovem, de 25 anos, nasceu no Rio de Janeiro e viveu toda a sua vida no Morro do Adeus, uma das favelas do Complexo do Alemão. Estudou nas escolas públicas do entorno e criou um jornal para retratar as necessidades e histórias que ocorriam ali no interior da favela.

> Eu comecei quando tinha 11 anos de idade, sou morador do Morro do Adeus, um dos treze que formam hoje o Complexo do Alemão. Com essa idade eu comecei a perceber que a comunidade não era mostrada na grande mídia, a gente não se reconhecia, a gente não se via e eu comecei a pensar como a gente pode fazer alguma coisa pra mostrar isso pra comunidade, pra sermos vistos.

Logo no início, Rene fala da questão da visibilidade e da necessidade de ser visto, o que, segundo ele, poderia trazer melhorias para a sua comunidade e, consequentemente, para sua própria vida. Ele está se lembrando da criança que, aos 11 anos, teve a ideia de criar o jornal.

> Eu fui estudar numa escola da Rede Pública e existia um projeto dentro do Grêmio Estudantil que era de rádio e jornal escolar e só entravam os alunos dos últimos anos e eu não podia entrar por que eu tinha onze anos. Mas eu insisti, dizendo que eu tinha vontade, que me interessava pela comunicação e de tanto insistir eles falaram: tá bom, pode participar!

É interessante perceber que parte do processo de criação do jornal se deu após uma experiência na escola em que foi estudar, apontando a importância desse espaço como ambiente de aprendizagem, sociabilidade e também de criatividade.

> Eu comecei observando que o jornal da escola mostrava o que tinha de bom e ruim dentro da escola, por exemplo: quando faltava material, quando a quadra precisava de manutenção, quando faltava professor. Eu vi que quando levavam pra Secretaria de Educação os problemas iam sendo solucionados. Eu falei: Caramba! Por que não tentar fazer isso dentro da comunidade também? Criar um jornal pra comunidade e mostrar que a gente também tem outros problemas sociais, como a mídia sempre mostra a violência, o tiroteio e todo esse lado obscuro da favela e acaba não

---

quando acessado para a pesquisa. A palestra foi gravada durante o TEDx Pedra do Penedo, no Espírito Santo, Sudeste do Brasil, e publicada em 29 de outubro de 2015 no Youtube.

> mostrando o que tem de bom na comunidade, os projetos sociais que existem e os outros problemas sociais que existem na comunidade, que talvez não sejam relevantes para o restante da sociedade.

É pertinente perguntar o porquê de, sendo parte da cidade, a favela ainda convive com problemas que poderiam desinteressar o restante da sociedade. A alternativa de garantir a visibilidade para os problemas locais estava ali se apresentando como possibilidade de mudança de um quadro intensamente marcado pelo racismo e pela exclusão. Afinal, quais eram os principais problemas sociais vivenciados naquele período? Rene diz que eram os "problemas de saneamento básico, de energia, falta dágua , enfim, todos esses problemas."

O trabalho chamou a atenção das autoridades e os governos começaram a responder. De acordo com Rene:

> a gente começou a ver que estava dando resultado e as autoridades estavam solucionando, por exemplo: problemas de buracos, asfalto, começaram a ser resolvidos em menos de um mês, menos de uma semana e essas secretarias que resolviam entravam em contato com a gente e diziam: está solucionado.

O trabalho do Voz da Comunidade e de Rene Silva passam a ter visibilidade quando da ocupação, pela Polícia Militar, em 2010, para a instalação da UPP no Complexo do Alemão. Rene foi um dos destaques no processo por compartilhar as informações a partir da favela sobre a situação do local.

Cabe ressaltar que, de todas as ocupações da Polícia Militar no período, amplamente cobertas pela imprensa e massivamente acompanhadas passo a passo[26], a do Complexo do Alemão foi a única transmitida ao vivo, em rede nacional, pela TV Globo, tomando várias horas do dia. Rene relata como foi o processo:

> um caso que aconteceu que acho que foi o mais marcante na comunidade foi em 2010, no Complexo do Alemão e foi um lance muito curioso, não sei se todo mundo tem Twitter, mas eu tinha um Twitter com cerca de quinhentos seguidores, amigos, professores, enfim, minha rede e essas pessoas estavam assistindo tudo que estava acontecendo, tiroteio, a invasão da polícia e essas pessoas mandavam mensagens perguntando se eu estava bem, se eu estava seguro e eu estou respondendo a essas pessoas e, de repente, duzentas novas menções. E aí foi quando eu fui lá nos primeiros tweets e vi que muita gente famosa tava postando sobre a invasão do Alemão: Luciano Huck, Gloria Perez, Regina Casé, Willian Bonner, muitos formadores de opinião estavam retuitando. Tudo por que as pessoas começaram a falar pra me seguir, por que eu morava no Alemão.

Enquanto a ocupação seguia, Rene recebeu um convite inusitado:

[26] Sobre isso, ver Pedro Barreto (2013).

> A Gloria Perez, me perguntando se eu estava seguro, se eu não queria ir pra casa dela em Copacabana, se eu fosse teria que levar todo mundo da comunidade pra Copacabana.

Não existia para ele lugar seguro que fosse distante de sua família ou de sua comunidade naquele momento. O bairro de Copacabana fica distante do Complexo do Alemão cerca de 40 minutos e já representava o suficiente para estar muito longe daquela realidade, naquele momento, alardeada na televisão.

Um dos momentos críticos, conta, foi exatamente quando foi parar nos *Trending Topics* do Twitter, a lista de assuntos mais comentados em determinado momento na rede. O que para qualquer pessoa pode significar o ápice do sucesso e, até mesmo, da fama, para Rene significava redobrar a atenção e o cuidado. Sua família ficou preocupada quando sua foto apareceu no jornal da TV:

> Minha família não tinha noção do que estava acontecendo e de repente, eles estavam assistindo à GloboNews e aparece a minha cara, falando que o morador do Complexo do Alemão estava publicando em tempo real tudo o que está acontecendo na comunidade. Minha família ficou desesperada e eu falei que tinha de continuar publicando. Eu não imaginava que fosse acontecer mais nada.

Naquele momento, era um jovem negro, morador de favela, compartilhando as informações e temendo a impossibilidade de contar com alguma segurança. Ele destaca bem que, naquele momento, o que estava acontecendo era: “ainda tinha o tráfico e a polícia estava entrando.”

A cobertura não oficial rendeu uma avalanche de jornalistas em sua porta no dia seguinte da ocupação. Queriam saber como o jovem planejara o trabalho.

> No dia seguinte, quando fui acordado, minha avó disse que tinha um monte de gente no portão querendo falar comigo. Quando cheguei no portão tinham várias emissoras do Brasil e de fora para saber como foi o planejamento, tinha Al Jazeera, CNN, BBC e as emissoras do Brasil. Os jornalistas não se conformavam com aquela situação, que não tinha planejamento.

Rene conta que também começou a desafiar a narrativa da imprensa:

> Tinha umas paredes destruídas e uma jornalista disse que tinha sido o caveirão e eu fui publicar que não era nada disso, que era resquício do PAC e os jornais começaram a dizer que o Voz da Comunidade corrigia a grande mídia.

Passado o *frisson* gerado pelo processo de implantação da UPP no Complexo do Alemão, Rene começou a vivenciar novas oportunidades, como viajar para falar de sua trajetória e de seu trabalho. Ele conta que nunca tinha viajado para outra cidade nem mesmo no próprio estado.

> Outro fato curioso é que eu nunca tinha saído do Rio pra nenhum lugar, nunca tinha viajado e surgiu uma oportunidade em 2011, ano seguinte, pra palestrar em São Paulo, em um evento.

A visibilidade gerada pelo trabalho desenvolvido por Rene continuou abrindo portas de acesso a oportunidades jamais imaginadas e ainda muito exclusivas.

> Depois, surgiram muitas outras oportunidades de conhecer e viajar pelo Brasil e pelo mundo afora. Em 2012 fui convidado pela Coca-Cola para ser um dos brasileiros a carregar a Tocha Olímpica no jogos de Londres. O jornal foi crescendo e eu fui viajando, 2013 fui convidado pelo Consulado dos Estados Unidos para ajudar a criar um intercâmbio de jornalismo comunitário, fizemos o piloto, no ano passado eu fui pra Harvard fazer uma palestra e em outubro fui gravar uma campanha com a Unilever na India e em novembro eu participei de um Simpósio falando da conectividade entre o Rio e Londres, das diferenças e semelhanças nas periferias.

Ao fim de sua narrativa, ele conta que tenta compartilhar o que aprendeu, continuando o trabalho e aproximando mais pessoas, fala de mudança de perspectivas e defende que se deve acreditar nas crianças.

> Hoje a gente tem feito um trabalho de comunicação comunitária, de empoderamento e para dar voz aos moradores, a gente organiza eventos sociais, culturais, faz ações, festivais. Nosso papel e principal objetivo é contribuir com a mudança de perspectiva sobre a comunidade e que as pessoas acreditem nas crianças.

Rene continua engajado com os movimentos de Comunicação Comunitária e as organizações do Complexo do Alemão. Suas postagens no Twitter agora rendem mais polêmicas e continua sendo uma referência para muitos outros jovens como ele.

5.3 Yasmin Thayná[27]

Yasmin Thayaná tem 28 anos e é de Nova Iguaçu, cidade da Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Para chegar à capital, gasta pelo menos 1 hora

[27] O vídeo com a palestra de Yasmin Thayná está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qpbolqVesK8 e já havia sido visualizado por mais de 6 mil pessoas quando acessado para a pesquisa. A palestra foi gravada durante o TEDx Laçador, em Porto Alegre, no Sul do Brasil e foi publicada em 24 de junho de 2016 no Youtube.

no trem lotado e se considera uma moradora da periferia. Ela é cineasta e o seu primeiro filme, “Kbela”, foi premiado em muitos festivais, no mundo todo.

A cineasta também participou do TEDx Laçador, em Porto Alegre. Em sua palestra, intitulada “Hackeando a narrativa, porque eu não sou obrigada”, fala sobre os estereótipos que rondam a Baixada Fluminense, a ausência de produções cinematográficas que tenham a presença negra e sobre a construção de sua carreira a partir das políticas públicas com as quais teve contato durante a juventude.

> Eu sou cineasta e aí você vai olhar, cineasta? Com esse cabelo, com essa cara... Até coloquei um casaco pra ficar mais... São coisas que eu ouço quando eu falo que sou cineasta. Tem essa coisa de você ter de dizer, ter um título.

A marca da distinção e o apoio nos títulos é logo denunciado, e ela faz questão de dizer que o Rio de Janeiro onde mora é diferente, fazendo uma síntese da divisão espacial e do imaginário perpetuados na sociedade.

> Eu sou do Rio de Janeiro, como vocês devem perceber pelo meu sotaque, mas não é esse Rio de Janeiro que a gente quase ouve a Bossa Nova já tocando, o Cristo, o Pão de Açúcar, o Redentor, o Calçadão de Copacabana, as praias, Ipanema, o Leblon, a novela do Manoel Carlos. Eu venho de outro Rio de Janeiro, um que é quase oposto a isso, o Rio de Janeiro da Baixada Fluminense, não sei se alguém conhece.

Thayná diz que a Baixada Fluminense carrega uma marca de origem, assim como quem mora lá, e faz isso descrevendo algumas das perguntas comuns feitas aos moradores e matérias da imprensa que aparecem em decorrência de uma busca na Internet.

> A Baixada é um lugar muito estigmatizado, então se você chega ao Rio as pessoas perguntam: onde fica? É de comer? Lá tem muita chacina, né? Os pedófilos moram lá... Todos os estigmas, os piores possíveis, a Baixada Fluminense lembra. É uma região metropolitana que está fora do município do Rio de Janeiro, dentro do Estado do Rio de Janeiro. Pra pensar narrativa, que eu estudo comunicação, eu coloquei no Google: Baixada Fluminense Notícias e veio: “Ela é um monstro! Diz marido de professora suspeita de pedofilia”; “Suspeitos de integrar milícias são presos na Baixada Fluminense”; “Imagens mostram assalto na Rodovia BR-116, na Baixada Fluminense”; “Professora é morta a tiros em frente à escola na Baixada Fluminense”. Então, quer dizer, só nesses títulos de matérias enquadradas, a gente não quer nunca visitar a Baixada de Fluminense. Eu tenho o risco de participar de uma chacina, de ir a uma escola e me deparar com uma professora pedófila, tenho risco de ser assaltado e, enfim, milicianos...

Basta um enquadramento para que se tenha uma visão única de determinado espaço. E, comprovadamente, sendo espaços habitados em sua maioria pela população

negra, sustentarão essa marca diante de um Estado com a necessidade de segregar a população, demarcando os seus descartáveis.

> Esses dias eu estava conversando com meu sobrinho e ele falou assim: “tia, aqui no meu bairro tem muito bandido”, ele tem menos de dez anos. E eu falei como é que é isso? “Eles usam uma marca assim, se vestem assim, usam tênis tal, marca tal...”Eu falei, onde esse menino aprendeu isso? Eu estava pesquisando reportagens e fui ver aqueles programas: “filma ele!” “Dá um close na cara dele!” e eles usavam essas marcas que meu sobrinho citou, e você fala: “mas aí é jornal sensacionalista!” Mas você vê jornais AB que vai dizer “suposto”, a gente também está enquadrando.

No meio do caminho, uma crítica à imprensa e ao trabalho de quem colabora com a construção de estereótipos negativos aos territórios de favela e periféricos.

> Quando a gente pensa suposto, a gente não pensa o outro lado, não pensa a possibilidade de não ser. A gente pensa: “É!” A gente pensa independente do meio de comunicação que a gente atua. E dentro dessa perspectiva em que as pessoas achavam que a gente não sabia sentar em cadeira, tem essa coisa de faltar a civilidade, de sermos selvagens, seres humanos que não sabem pegar no garfo e na faca, a narrativa de que você não pode ir além, você vai estar ali pra sempre.

É quando é possível enxergar a necropolítica em ação, limitando o trânsito e as vivências de milhares de jovens como Yasmin. Ela começou a estudar Cinema bem cedo, ainda aos 16 anos, e brinca com a plateia sobre o local dessa escola.

> Existe uma escola de cinema na Baixada Fluminense e lá a gente fazia o quê? Produzia imagens, a partir do nosso lugar, a partir de nós, contava as nossas histórias, a história da vizinha, do tio, do padeiro, eram essas narrativas que a gente estava contando e eu fui descobrindo a minha cidade a partir do momento em que eu estava no Ensino Médio integrando uma equipe de jovens repórteres. A gente tinha 15 ou 16 anos, saia de casa com barro no pé e ia pro Centro de Nova Iguaçu pra falar das ações culturais que existiam na cidade.

Yasmin passou a transitar por outras realidades em sua própria cidade e conheceu a cena cultural, da qual não fazia ideia.

> Escola Livre de Cinema comemorou dez anos, tem o Cineclube Buraco do Getúlio, ocupando praças levando outras narrativas, outro cinema, outras referências. Misturando poesia, cerveja, circo, dança e tudo produzido por artistas da Baixada.

O Cinema foi a chave capaz de canalizar as inquietações da jovem Yasmin sobre suas vivências e, até mesmo, sobre sua identidade.

> Eu estava muito inquieta e eu comecei a querer pensar o Brasil a partir da Baixada e naquela de me entender enquanto mulher, enquanto mulher negra, dentro de uma casa de pessoas brancas, ouvindo de pessoas próximas que eu dava sorte de ter nascido numa época como essa, por que se fosse anos atrás eu estaria abanando.

> “Como você nasceu com uma cor mais fraca, não era uma preta retinta, você faria trabalhos mais leves”.

A convivência com múltiplos efeitos do racismo é evidenciada durante a palestra, e Thayná faz questão de marcar bem esse período.

> E aí, como você é uma criança, você não entende muito bem, não é um assunto muito tocado, discutido, você pensa: ta me explicando a história, obrigado. Depois de muitos anos, você pensa sobre isso e entende que é um pensamento escravocrata. Como faz uma relação dessa com uma pessoa próxima. A gente tem esse pensamento até hoje. Pensar o Brasil a partir da Baixada é importante.

A dura vivência cria também outros códigos de sociabilidade, outras formas de olhar ao redor, de tentar se enxergar no outro, de compreender que a nova mobilidade ainda é cheia de lacunas que necessitam de reparos.

> A gente sempre olha nos espaços que a gente vai quantos pretos tem. Nos espaços elitizados, as pessoas sempre acham que eu sou artista. Pessoas comuns não podem estar ali a menos que sejam artistas. Um amigo estava falando que sempre perguntam pra ele se ele é pagodeiro.

Thayná dedica grande parte de sua palestra a falar sobre os efeitos e impactos do racismo na sua vivência e tenta sempre coletivizar a fala, indicando pertencer ao conjunto de pessoas negras da população brasileira:

> A gente sempre está nesse lugar. Em 2014, 47,9% da população se autodeclarava negro de acordo com o IBGE. Em 2015, o número subiu para 53%. Você pode me perguntar se nasceu mais pretos, ou se a população aumentou. Mas tem outro fator que influencia. Dentro de uma matéria do El Pais sobre esse tema, a professora diz que “a população negra que tem mais acesso efetivo ao conhecimento de história africana e brasileira passa a se ver mais efetivamente como negra”.

Ou seja, conhecer sua história, ou a história dos que vieram antes, ajuda a população a se identificar com a negritude, deixando de lado algumas barreiras que dificultam essa identificação. Yasmin fala dessa dificuldade:

> A gente tem uma narrativa que massacrou ao longo da história essas pessoas, essa imagem, que sempre foi vista numa perspectiva negativa.

Para ela, existe uma construção de imagem do negro perpetuada nas mais diversas situações e, sobretudo, na publicidade, no cinema e na televisão. Ela exemplifica:

> Pra sair da reflexão, vamos lembrar três imagens que a gente já viu o negro nesse

> papel. A mulher negra, mulata, objetificada, bunda grande, peito grande, ou seja, a mulher que está ali e só aparece no carnaval como protagonista de uma festa, hipersexualizada. Outra é o negro rebelde, que apanha e tem de ficar pelado na praça, que é massacrado e, por último, os bandidos. Você faz uma novela e tem um bandido, obviamente você vai colocar um negro. Personagem corre no meio dos carros: negro. Tem lugares que a gente já associa por que aprendeu ao longo da criação de imagens e sentidos de que essas pessoas vão ocupar esses lugares.

O cinema, aliás, tem muita importância na trajetória de Yasmin e é o ponto central de sua fala. Não apenas no fazer cinema ou na experiência de produção de seu filme, mas também na ausência de pessoas negras em todas as etapas do processo de construção de um filme.

> A gente tem de mudar isso. o GEEMA é um grupo de pesquisa da Uerj e eles fizeram uma pesquisa sobre o cinema. Eles analisaram os filmes de maior bilheteria entre 2002 e 2012, brasileiros. 4% do roteiristas eram negros e não tinha nenhuma mulher negra como roteirista, vamos lembrar que 52% da população é negra. Protagonistas, atores e atrizes, 14% eram homens negros e 4% mulheres negras, diretores 2% homens negros e nenhuma mulher negra. Também é preciso lembrar que o cinema brasileiro é financiado com dinheiro público. Essa grana que paga o cinema e as pessoas que compõem a maior parte da população não se vê representadas.

Para Yasmin, é completamente inaceitável que as pessoas negras não se vejam nas produções cinematográficas ou ainda não estejam em outras etapas do processo criativo.

> Elas não se veem, não escrevem histórias, mas existem. Se eu perguntar pra vocês dez nomes de cineastas negras brasileiras, alguém saberia me dizer? Pois é, mas tem muito mais que dez. Diante dessas informações, vamos pensar alguma coisa? Eu escrevi um conto chamado Mc Kabela para a Festa Literária Internacional das Periferias, a Flupp, que conta a história de uma menina negra que está se descobrindo enquanto negra.

Ela evidencia o seu trabalho e apresenta um discurso que deixa mais uma vez aparente os aspectos necropolíticos e os impactos do racismo nesse setor. Sobre isso, afima que:

> O Brasil é esse país que não gera muita referência positiva sobre ser negro, então a gente vai negar o nosso lugar, por que você não quer dizer que é parte de um lugar que é visto como ruim, feio, de bandido. Então, você precisa achar meios para se fortalecer e se descobrir, dizer que é negro e tem orgulho disso.

Para a cineasta, uma saída é ressignificar as representações do ser negro; criar alternativas narrativas, imprimir aos produtos outras formas de viver a negritude.

> O conto é sobre essa menina que teve que passar alisante, ter machucado na cabeça, que é parte da história de quase toda mulher negra no mundo, que tem que alisar os seus fios que corroem a sua história. O Mc Kabela é esse conto que virou monólogo,

> foi pro teatro, pra internet.

O processo de produção do filme foi colaborativo e contou com o auxílio de pessoas em todo Brasil e no mundo, por meio de uma plataforma *on-line* de arrecadação. Ela se orgulha de ter concluído o trabalho com uma equipe totalmente feminina e negra.

> No final, sessenta pessoas se envolveram, numa equipe liderada por mulheres negras. Já que a gente não sabe, vamos criar as nossas referências também. Mulheres negras e trans negras no elenco, mulher negra dirigindo arte, ou seja, mulher negra nos departamentos de poder de um filme, produzindo imagens a partir dos seus valores.

Outro marco da produção foi transformar R$ 5 mil arrecadados em filme. Ela diz que o valor não é suficiente, mas fizeram o trabalho mesmo assim: “pra quem conhece o processo de fazer filme no Brasil, sabe que esse valor não dá pra nada”.

Uma das recompensas foi poder estrear e exibir o filme no Cine Odeon, o mais antigo cinema em funcionamento no Rio de Janeiro, na Cinelândia, centro da cidade. O cinema é o palco dos maiores festivais da capital. O sucesso foi tão grande que sessões extras foram abertas.

> A gente vendeu os dois andares do cinema em quatro dias. A gente ganhou mais três exibições que a gente encheu de mulheres negras, de mais velhas, que saíram da Baixada, São Gonçalo, que cruzaram a cidade para se ver na tela.

O filme levou Yasmin para muitas cidades do Brasil e do mundo. Uma experiência marcante é destacada na palestra: “Um dia eu estava na estreia do filme em Salvador e eu ouvi de uma menina: “Nunca pensei que eu ia ouvir o som de um cabelo crespo penteado no cinema””.

Ao fim da palestra, ela denuncia: “Não fomos nós que colocamos a segregação como regra”.

5.4 Sabrina Martina – MC Martina[28]

[28] O vídeo com a palestra de Sabrina Martina está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=lgTGyc1OyvY e já havia sido visualizado por mais de 2 mil pessoas quando acessado para a pesquisa. A palestra foi gravada durante o TEDx Laçador, em Porto Alegre, no Sul do Brasil, e publicada em 26 de julho de 2018 no Youtube.

Sabrina Martina é outra moradora do Complexo do Alemão. Aos 19 anos, é criadora do Coletivo "Poetas Favelados", originário do Alemão e, que, atualmente, conta com oito participantes de diferentes favelas do Rio de Janeiro. Uma das ações organizadas pelo coletivo são os Slams, batalhas de poesia e RAP nas favelas do Rio de Janeiro. Trata-se de alternativa para auxiliar na formação de moradores/as de favela e agregar jovens no ambiente da produção artística e cultural.

Participante do TEDx Laçador, em Porto Alegre, a poetisa chama sua palestra de "A síndrome do colonizador" e compartilha com a plateia um relato bastante ácido sobre a realidade em que vive e as interações com o que chama de "galera do asfalto", que sobe os morros para fazer suas produções e pesquisas e depois esquece de quem lá vive. Martina também apresenta o coletivo Poetas Favelados e o contexto de criação do Coletivo. Sua palestra começa com um Slam, reproduzido na íntegra, a seguir:

> Nos olhos dos que lutaram antes de mim eu enxergo o cansaço, o rosto suado, um coração magoado e uma mente em cacos, seus bolsos furados, sons rasgados. Uma geração que descia e subia ladeira em vários guetos acreditando no que hoje me faz acordar todos os dias com um som que se repete em várias periferias. O mundo inteiro viu naquela tela uma cena que não era de novela. Homens brancos desceram do helicóptero, colocaram uma bandeira e disseram: que haja paz! E Eu assisti aquilo tudo ali deitada, com minha família abaixada, os tiros eu ouvi, pegaram na minha casa. E assim eu fui criada, aprendendo táticas em meio a muita bala. Minha avó desde pequena falava pra mim: se der tiro não corre, andar nos becos não pode, qualquer barulho, se esconde, não se esquece. Só sai da escola de bonde! Nos jornais a gente sempre é manchete e a história vocês já conhecem. O moço de terno diz: é guerra às drogas. O povo da periferia grita: é guerra aos pobres! E nesses oito anos muita coisa piorou, tem um fuzil sempre apontado no coco de morador, não existe diálogo. A culpa é sempre do favelado é revistado, enquadrado e tachado de otário. Agora pergunto, pra quê tudo isso, Estado, se o consumo não diminuiu, pelo contrário, só expandiu. Há tempos eles dizem: vamos proibir. Só que da proibição nasce o tráfico e os chefões não estão aqui. Olha lá! Outro avião foi encontrado, só que dessa vez com mais de quinhentos quilos de cocaína de um ministro que eu nunca ouvi falar na vida. Está preso? Não. Prenderam Rafael Braga, foi mais fácil, né, Capitão?

De uma vez só, Martina apresenta a experiência de ser jovem, negro e residente em uma favela no Rio de Janeiro. Ela consegue reunir as experiências vividas, o contexto de violência, critica a mídia e, ainda, traça um panorama da realidade brasileira. A partir daí, começa a contar a experiência de criar um coletivo de poetas e poetisas da favela.

> No início do ano passado, eu e meu irmão, Neguinho, a gente se reuniu e decidimos que a gente queria cria algo para combater o machismo, o racismo e outras séries de

> preconceitos que têm na cena do rap carioca e daí surgiu o Poetas Favelados, que inicialmente seria uma dupla. A gente queria passar informação, falando da nossa realidade através da poesia marginal. O ano foi passando, a gente passou a fazer várias atividades paralelas no Morro, eu comecei a me envolver com o audiovisual, comecei a ajudar na produção do Sarau do Alemão, o Neg também com outros projetos sociais e a gente se repensou e percebeu que aquilo não era uma atividade oficial pelos poetas favelados.

Sabrina começou a trabalhar, o que atrasou o início das atividades da dupla, que se tornaria o Coletivo. O trabalho foi elemento importante para o processo que viria:

> Recebi meu primeiro salário e disse que ia investir em uma viagem. Escolhemos São Paulo, fui de ID jovem, que eu não sou de bobeira. E a nossa missão em São Paulo era "hackear" vários movimentos culturais que estavam acontecendo por lá e trazer alguma coisa que a gente se identificasse par ao rio de Janeiro e agitar a cena. Nesses roles eu conheci os Poetas Ambulantes, que é um grupo que recita esse mesmo tipo de poesia no busão, nas escolas, nas ruas.

A experiência deu um *gás* novo à proposta e modificou os planos de Martina e seu irmão. E quando voltaram, reuniram o grupo:

> Eu voltei e falei com meu irmão que o Poetas Favelados não era uma dupla, mas um coletivo. Hoje a gente tem oito poetas de várias favelas do rio de Janeiro e a gente faz ataques poéticos como esse em vários locais pela cidade. Nosso objetivo principal é furar a bolha. A gente quer atingir vários públicos, a gente quer pegar a tia que ta voltando cansado do trabalho, que não sabe o que é sarau, não tem tempo de ler o livro, o moleque que mata aula e numa poesia ele entende vários conteúdos. Esse é um dos objetivos.

"Furar a bolha" é a estratégia para que mais pessoas consigam decodificar os efeitos do racismo cotidiano e possam pensar em aderir às estratégias e alternativas de luta. E eles resolveram fazer isso também no Complexo do Alemão, onde vivem.

> Onde eu moro, eu organizo o Slam Laje com o meu irmão. A gente faz isso há um ano e o mais bacana de ver é como ele tem envolvido mais a favela. O Slam Laje é mais que uma batalha de poesia. A batalha é algo a mais. A gente faz a Batalha do Passinho, pra envolver a menozada, a gente faz Pocket Show, sempre chamando artista periférico e outras coisas. O Slam Laje acontecia sempre na laje da Casa Brota. Atualmente a gente saiu da laje pra circular a favela por que a laje não cabia mais de tanta gente. Praticamente todo mundo do coletivo organiza o Slam. Pra quem não sabe, é uma batalha de poesia que nasceu na década de 1970 lá nos "states" e quem trouxe pro Brasil foi a Roberta Estrela Dalva, em 2007, com o Slam Zap, depois surgiu o Slam Guilhermina e vários outros. Atualmente, São Paulo é o estado que mais tem Slam e, mano, tem até Copa do Mundo de Poesia Slam.

Atualmente, o Slam Laje é uma ação itinerante organizada pelo coletivo e tenta chegar a todas as favelas reunidas no Complexo do Alemão. A alegria de Martina fica expressa na palestra: "É muito lindo ver como isso vem impactando nossa favela,

envolvendo mais os moradores", diz.

A alegria, muitas vezes, é vivida de maneira incompleta, uma vez que as várias incursões policiais e o estado permanente de medo, estratégia comum dos Estados necropolíticos, estão ali. Martina faz questão de lembrar o contexto:

> O Rio de Janeiro está sob Intervenção federal, é uma favela que há oito anos tem UPP. Pra gente que é produtor, preto, favelado, pobre... A gente sofre uma pressão muito grande do sistema, do Estado, da falta de segurança pública que funcione na cidade e no Estado em si.

A pressão é uma das interferências à circulação, à vida saudável e à vivência plena de uma cidadania. Assim como exposto por Mbembe (2013), os sujeitos negros vivenciam a sociedade de modo não completo, quase não existindo.

Ainda assim, Sabrina afirma que fazer o Slam é uma das ações que a ajudam a acreditar.

> É algo que dá muita força pra gente, que faz a gente acreditar que é possível, que vale a pena. A gente um grito de guerra: Eu falo Slam, vocês falam Laje, abra seu coração! "A favela está passando uma mensagem: Slam Laje, abra seu coração."

E, durante a palestra, mais uma intervenção poética; desta vez, está em voga o processo de colonização e escravização forçada do povo negro, processos constituintes da nação brasileira e o quadro atual de violência e descaso com os direitos humanos. A crítica chega ainda aos pesquisadores e ativistas que visitam a favela, aproximam-se e, em dado momento, somem.

> Eu vejo uma chacina, todos os dias eu vivo uma chacina.Todos os dias. Cara gente branda. Direitos Humanos vai muito além do que uma esquerda e direita branca. Cê conhece as raízes do gueto? Respeita meu povo preto, que não tem direito a chorar, está acostumado a apanhar e não pode gritar porque no dia seguinte tem que acordar cedo pra trabalhar. O mundo ta cinza, as pessoas vazias e a preocupação maior é tirar o pão de cada dia. A fonte secou, o almoço esfriou e agora, você vai se vender pra qual senhor? A cor do colonizador nunca mudou, mas o discurso, sim. De novo te enganou. Abril de 1500 o Brasil foi atacado, a Igreja Católica omissa e a população indígena se tornou quase extinta. Em 2010, Alemão ocupado, triplicou o número de moradores baleados, a mídia focada nela, os playboys subiram a favela, sugaram o que tinha nela, comeram nosso feijão com arroz e tempos depois, lá estavam eles ganhando prêmio com o nome dela. Se passaram gerações e a história ainda não mudou. Por quê as placas da rua são em homenagem ao nosso opressor. A cor do colonizador nunca mudou, mas o discurso, sim, de novo te enganou. 2018 eu sinto um nojo. É Brenda Lima, todo mundo quer ser pobre, preto, militante da periferia, mas nem de longe sentem a dor de não poder ajudar todo mês a nossa família. Me dói. Passou metade do ano e já esqueceram o caso do Jeremias, da Duda, dos cinco meninos mortos em Costa Barros e eu me agarro a minha própria fé

> por que Jesus aqui embaixo virou mercado. É Senhor, eu acho que a humanidade aqui embaixo deu errado.

Martina vai aproveitar para teorizar e apresentar sua hipótese bem ali, no palco. Em uma crítica aos produtores, pesquisadores e ativistas que se "aproveitam" da favela, ela cunha a Síndrome do Colonizador. Segundo a artista:

> É uma reflexão que eu fiz e batizei com esse nome esse bate-papo, pra falar sobre a apropriação cultural que vem acontecendo na favela e se tornando cada vez mais forte na cena da poesia marginal. Desde sempre o discurso que chegava na favela era de levar a cultura, a segurança, a informação. Na poesia marginal tem acontecido cada vez mais isso. Entendam uma coisa, nós favelados, a gente não é zoológico. Respeitem a gente, respeitem a nossa dor.

Para ela, além do descaso, há um "racismo velado". Ela diz que em "noventa por cento dos eventos de poesia que chamam os poetas hoje em dia no Brasil, a galera não é valorizada".

E vai direto ao ponto para dizer que:

> O que ainda acontece muito é a galera que sobe a favela, cola com a gente nos corres, com boa lábia, discurso bonito, passa um tempo com a favela e daqui a pouco a pessoa some. Quando o bicho aperta a pessoa some e quando a gente vê a pessoa ta na televisão, ganhando prêmio, falando de uma realidade que não é a dela.

A poetisa traz à plateia, a informação de que a cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil, baseada no Atlas da Violência (2017). O que parece apenas um dado estatístico para muitos, é muito familiar para Martina: "Pra mim não é estatística, pode ser meu irmão, meu primo, meu vizinho, pode ser eu. Valorizem a gente na prática".

Ainda em sua denúncia, aproveita para dizer que jovens negros/as têm capacidade de fazer de tudo, basta ter oportunidade.

> Nós, minoria que somos maioria no país, a gente tem capacidade pra estar na produção desses eventos. Eu desafio você que está sentado, que vai assistir em casa quando o vídeo for pro ar a praticar o que vocês falam. Chamem a gente pra estar na curadoria desses eventos, por que a gente tem capacidade. Dê oportunidade na prática. Está muito triste.

A MC termina a palestra apresentando mulheres que foram importantes ao longo de sua trajetória, todas moradoras do Complexo do Alemão e, segundo Martina, corresponsáveis pela palestra apresentada naquele dia.

> Antes de encerrar, eu não acredito que não estou aqui falando apenas por mim. Se eu estou aqui nesse palco, falando com vocês é por que pessoas lá atrás fizeram ações, tiveram atitudes para que hoje eu tivesse aqui.

Cita a Tia Bete, da Oca dos Curumins, que já alfabetizou vários moradores do Complexo do Alemão; Lúcia Cabral, do Educap, que recebeu a visita do príncipe da Inglaterra; Natalia Menezes, do Fotoclube do Alemão; Joseana Santana, do projeto FavelaGrafia; e MC Dalfarra, participante do Coletivo Poetas Favelados.

Para Sabrina: “Essas pessoas não estão na mídia. São heroínas que grande parte da sociedade não conhece. Mas elas fazem muita diferença na vida de muita gente”.

Considerações finais

Durante a realização desta pesquisa, a conjuntura brasileira recrudesceu e os constantes ataques a um já combalido Estado Democrático de Direito avançam a todo vapor. Enquanto as instituições democráticas *batem cabeça* e uma agenda de retrocessos tenciona *passar o rodo* em cada conquista adquirida nos últimos anos, alargando as fronteiras entre a democracia e a completa barbárie, milhões de jovens negros/as tentam construir trajetórias que possam inspirar as próximas gerações.

Os fragmentos de experiências de quatro jovens podem servir de dispositivo para iluminar a vivência de muitos outros que driblam as dificuldades impostas pela ausência de políticas públicas e pela avalanche produzida pelas elites brasileiras contra os seus direitos.

Se a visibilidade é estratégia de sobrevivência no país que mata 1 jovem a cada 23 minutos, que sejamos aqueles/as que tornam essas trajetórias e construções visíveis;

que ampliem o alcance de suas demandas e necessidades, forçando, democraticamente, um movimento do Estado.

Diante de um processo intenso de disputas de narrativas, em que as verdades históricas são colocadas em xeque e as verdades factuais são disputadas nas redes sociais sob o advento das *fake news*, é mais que urgente transpor para as discussões acadêmicas e oferecer subsídios às idiossincrasias desta nossa realidade brasileira.

É possível dizer que a conjuntura brasileira se expressa no corpo deste trabalho. Um retrato, ainda que limitado, do período recente, e reverberado no cotidiano de uma cidade como o Rio de Janeiro, pode ser visto aqui como reflexo da engrenagem produzida por uma política estruturalmente racista, que nega à sua população as condições plenas de uma vida tranquila.

O entrelaçamento em uma narrativa acadêmica de pesquisa dissertativa entre os conceitos relacionados à experiência de ser jovem negro/a no Rio de Janeiro ganha traços bastante identificados nas palestras de cada um/a deles/as no TEDx. Particularmente, é interessante notar que, diante da possibilidade de dar visibilidade aos seus projetos, suas trajetórias e ações individuais e coletivas, todos/as os/as sujeitos pesquisados/as deram destaque significativo aos impactos do racismo, não apenas sobre

as suas trajetórias como também a dos lugares em que vivem.

A experiência do racismo brasileiro na vida das pessoas negras é latente e o cenário atual nos mostra que é preciso intervir de muitas formas, incidindo na luta antirracista, que não é, e nem deve ser, propriedade de determinados grupos étnicos na sociedade brasileira, mas um esforço conjunto e contundente. É necessário defender a construção de políticas públicas e dar visibilidade às trajetórias constantemente marginalizadas no conjunto da sociedade.

Urge investir na transição completa de uma lógica que privilegie o bem-estar social, escapando desta outra que foca na não necessidade de manter como força de trabalho sua população negra e periférica, gera uma cultura necropolítica, de controle e, até mesmo, a interrupção dessas trajetórias. Existe uma real necessidade de intervenções nos âmbitos institucionais, seja por meio da presença dessas narrativas, seja pela construção de pontes entre diferentes esferas da institucionalidade. Não podemos perder de vista o papel marcante da sociedade civil organizada de assegurar a execução das políticas públicas, ainda que sob ataque voraz do pensamento retrógrado e genocida que vem dominando a gestão pública em todos os graus.

Há um impacto quando observarmos que parte da juventude brasileira, ou das diversas juventudes que constituem esse contingente, esteja sendo abandonada à sua própria sorte e, não apenas, mas também sendo descartada nas ruas das periferias das cidades brasileiras. Daqui, é possível falar com maior propriedade do cenário fluminense em que não há jovem negro e favelado que não tenha vivenciado a experiência de perder um amigo ou familiar diante de violência policial.

No caminho de construção da pesquisa, revisitar a história e a constituição desses territórios na cidade, além de marcar os eventos recentes da intervenção do Estado serviu, também, para que víssemos a continuidade e a perversidade de uma lógica cruel de produção de violências e invisibilidades.

Causa espanto que a busca inicial na direção de compreender como vivem estes/as jovens nos leve a um caminho com possibilidades tão distintas: de um lado, a potência criativa, associativa e de transformação da realidade, a partir das vidas destes e de muitos outros jovens que não compuseram o corpo desta pesquisa; e, de outro lado, a convivência cotidiana com a violência como marca biográfica, os engendramentos de um Estado necropolítico que permeiam toda a experiência desses sujeitos.

Se aqui não é possível ainda construir um *corpus* devidamente qualificado do que signifique ser jovem negro/a no Rio de Janeiro, fica latente a necessidade de que mais pesquisas deem conta das particularidades desse cotidiano em contingência. Em cada uma das falas dos/das jovens, a interação com os territórios e com a circulação foi evidenciada e, por isso, buscamos recuperar alguns conceitos sobre o tema. As narrativas desse período recente são capazes de aprofundar a compreensão sobre o nosso país e suas relações com as populações negras e periféricas.

No horizonte recortado de quatro sujeitos, com destaque para a presença feminina nesta representação, já é possível também perceber tendências sobre o acesso à educação, à cultura e ao trabalho. Cada uma dessas questões tem lugar nas narrativas de maneira crucial e fazem parte dessas vivências. A legitimação das trajetórias destes jovens está marcada nos fazeres que garantem sua empregabilidade e, mesmo, a sua visibilidade. É possível dizer que a visibilidade de suas ações é também um fator de sobrevivência.

O alcance dos vídeos com as palestras destes/a jovens já ultrapassava 30 mil visualizações durante a pesquisa. Esse alcance já carrega um patamar muito mais elevado que a circulação de nossas pesquisas e teses. A sistematização destas narrativas e o encontro com as teorias nos auxilia na criação de novas metodologias e abordagens. O encontro destas construções tão próprias e tão imbuídas da luta e do fazer cotidianos deve ter acolhimento na academia e convergir para a construção de novos saberes.

Fez-se evidente a máxima de que, ao nos depararmos com o campo, seja qual for, estamos bastante suscetíveis ao caminhar dos ventos e das conjunturas mais diversas, que também se constituem em parte da construção que não é estanque em si mesma. A pesquisa toma corpo e aponta direções, como ao observarmos as características similares na organização dos discursos diante das plateias, a forte presença de soluções coletivas como bandeira de ação e forma de lidar com a violência estatal e a verificação de que falar sobre sobrevivência é parte da existência desses/as jovens.

Uma expectativa é de que este trabalho possa colaborar com os estudos sobre as juventudes, sobretudo no que tange às juventudes negras, ampliando no escopo de buscas, os trabalhos que mencionem Racismo, Juventude Negra e Necropolítica como

instrumentos de análise, sujeitos de pesquisa. E também que auxilie no desafio de dar visibilidade às realidades tão duras e, ao mesmo tempo, tão ricas que encontramos nas favelas e periferias do Rio de Janeiro, e do Brasil.

Observar a sociedade pelo olhar das juventudes pode ser, ao mesmo tempo, desafiador e uma fagulha de esperança. Os/as jovens negros brasileiros estão resistindo às estatísticas criando, fazendo arte, propondo soluções para as suas realidades. Eles/as estão nos bancos das universidades também, propondo mudanças, enfrentando o sistema.

Alguns/algumas deles/as são identificados rapidamente, pois estão em evidência, como os que conhecemos aqui. Outros/as são protagonistas anônimos/as desta nossa história brasileira; desta saga ancestral de busca pela vida.

Há mesmo uma interação muito forte com o Estado em muitos patamares, quase todos/as os/as jovens narraram em suas palestras a necessidade de políticas públicas que os/as compreendam como sujeitos completos, capazes, criadores e criativos. Todos convivem, ou conviveram, com o grau mais duro do Estado necropolítico, identificando cada etapa dessa política de fazer morrer e tentando transformar essa experiência inaceitável em combustível para criar.

Não são doces os versos de Martina para quem os ouve, não deveriam ser os versos de uma jovem criadora, poetisa, em lugar nenhum do mundo. Como todos os jovens, ter a chance de experimentar a vida com todas as suas possibilidades deveria ser regra, e não exceção.

Ninguém deveria ser submetido a formas de vida tão massacrantes como as que pudemos observar nos relatos apresentados. Ainda que pareça um pequeno exercício de articulação de teorias e experiências da realidade, a existência em forma de dissertação deste trabalho deve ser um pontinho de luz no escuro das inquietações para que possamos, juntos e juntas, construir a luta antirracista e pela vida das pessoas negras.

O lema “Vidas Negras Importam” dói para quem carrega a marca da cor na pele e é carregado de significados. Afinal, quem aguenta acordar com a notícia de que mais um dos seus foi assassinado ou conviver com tanta proximidade com o cenário de violência e guerra a que são submetidos moradores de favelas e periferias?

É possível trazer as micro-histórias para construirmos um sólido arcabouço das nossas vivências. Os que virão depois de nós saberão da importância de demarcar se um

jovem é negro ou não nas suas pesquisas e a diferença que isso faz. Ampliarão o conhecimento sobre nossos territórios e nossas vivências, com dor, mas, também, com muita potência para transpô-las.

Assim, a experiência desta pesquisa constitui esforço embrionário, porém potente, no exercício de que não apenas no ambiente acadêmico, também nos âmbitos das administrações do Estado brasileiro, considere-se a ampliação de estudos que sejam capazes de ir além de garantir a visibilidades destas questões, que sejam também parte de um caminhar sistemático em direção a uma vida mais justa e igualitária em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEM, Giorgio. Estado de exceção. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ALBERT, Verena. Ouvir Contar: textos em História Oral. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2004.

ALVITO, M.; ZALUAR, A. **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ABRAMO, H. W. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In: _____; BRANCO, P. P. M. (Org.). Retratos da juventude brasileira. Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.

ARROYO, M. **Repensar o Ensino Médio**: por quê? In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.;
MAIA, C. L. (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 53-74.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p 197-221.

BOLIVAR, A. B. 'De nobis ipsis silemus?': epstemoligia de la investigación biográficonarrativa en educación. Revista Eletrónica de Investigación Educativa, Barcelona, v. 04, n. 1, 2002. Disponível em: < http://redie.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>. Acesso em 23/02/2019.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão Biográfica**. In: MORAES, M; AMADO, Janaina (orgs). História Oral: usos e abusos. RJ: FGV, 2003.

_____. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996b.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRUNER, J. Atos de significação. 2ª Ed. Tradução: Sandra Costa. Artmed. São Paulo, 2002.

CAMPOS, Andrelino. **Do quilombo à favela:** a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARRANO, P. C. **Jovens, escolas e cidades**: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. Comunicação. II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação, Porto Alegre, 2009. Disponível em https://www.academia.edu/1204543/Jovens_escolas_e_cidades_entre_diversidades_desigualdades_e_desafios_a_convivencia Acesso em: 20 mar. 2014.

CARVALHO, Monique B. **A política de pacificação de favelas e as contradições para a produção de uma cidade segura**. Revista O Social em Questão, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 29, p. 285-308, 2013. Disponível em http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/12artigo29.pdf Acesso em 23/09/2017.

CASTRO, J. P. M.. **A invenção da juventude violenta**. Análise da elaboração de uma política pública. Rio de Janeiro: Laced, 2009.

CASTRO, L. R. de. **Juventude e socialização política**: atualizando o debate. In: Psicologia: Teoria e Pesquisas, v. 25, n. 4, p. 479-487, 2009.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude**. Nandyala, 1987.

CLANDININ, D. J.; CONNELY, F. Narrative Inquirity experience and story in qualitative research. Josey-Bass, San Francisco, 2000.

CURI, Ludmila. **Doutor Magarinos, advogado do Morro**. Documentário, Rio de Janeiro, 2014.

DAYRELL, J. **A escola faz as juventudes**? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, Ed UFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da Sociedade. Martins Fontes. São Paulo, 1999.

GOMES, Manoel. **As lutas do povo do Borel**. Rio de Janeiro, Edições Muro, 1980.

GONÇALVES, Rafael S; AMOROSO, Mauro. **União como acesso à cidade:** a UTF entre a história e a memória do movimento associativo de favelas do Rio de Janeiro. Revista do Arquivo Geral do Rio de Janeiro, n.7, p.175-190, 2013. Disponivel em http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e07_a6.pdf Acesso em 23/09/2017.

GROPPO, Luís A. **Juventudes e políticas públicas**: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. In: Revista Desidades, n. 14, ano 5, mar. 2017.

GRIN, Monica. **Raça**: debate público no Brasil. Mauad X/Faperj. Rio de Janeiro, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização.** In: SANTOS, M et al. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 43-71.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

IBGE. **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e**

pretos. Disponível em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos . Publicado em 24/11/2017. Acesso em 02/04/2019.

INSTITUTO TIM. **Apresentação Agentes da Transformação.** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em https://institutotim.org.br/wp-content/uploads/2013/10/ApresentaC3A7C3A3o-Agentesda-TransformaC3A7C3A3o-Imprensa.pdf Acesso em 17 de agosto de 2017

IPP. **Panorama dos Territórios UPP**: Borel. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em http://www.riomaissocial.org/wp-content/uploads/2017/01/1-Panorama-dos-Territórios-UPP-Borel.pdf Acesso em 17 de agosto de 2017.

IPEA. **Atlas da Violência**. 2017, Brasília. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf *Acesso em 16/12/2017*.

JENKINS, Keith. A História repensada. São Paulo: Contexto, 2005.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis. In: HELM, J. Essays on the verbal and visual arts. U. of Washington Press. Seatlle, 1967, p. 12-44.

LARROSA, J. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. In: BARBOSA, J. R. L. L. (Org.). Trajetórias e perspectivas da formação de educadores. São Paulo: UNESP, 2005. p. 19-34.

LEITE, Márcia P. **Território e ocupação: afinal, de que regime se trata?** *Le Monde Diplomatique* Brasil, Rio de Janeiro, fevereiro, 2013. Disponível em http://diplomatique.org.br/territorio-e-ocupacao-afinal-de-quem-regime-se-trata/ Acesso em 23/09/2017.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. **Vida sob cerco**. Rio de Janeiro, Faperj/Nova Fronteira, 2008.

MANNHEIM, K. **O problema sociológico das gerações**. In: FORACCHI, M. (Org.). Mannheim. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MBEMBE, Achille. **A Crítica da Razão Negra**. Antígona. Lisboa, Portugal, 2ª edição, 2013.

MELUCCI, Alberto (org). **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005.

MONSMA, Karl. **Como pensar o racismo**: o paradigma colonial nos estudos do racismo. Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v.48, n.2, p.53-82, jul.;dez, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.

OLIVEIRA, M; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho (Orgs.). Exercícios de micro-

história. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2009.

NORA, Pierre. "**Entre Memória e História**: a problemática dos lugares", In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude** – alguns contributos. In: Análise Social, vol. XXV(105-106), 1990 (1 e 2, 139-165).

PAIS, J.M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PAIS, J.M. **Vida Cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

PAIXÃO, Marcelo. Manifesto Anti-racista: idéias de uma utopia chamada Brasil. DP&A. Rio de Janeiro, 2006.

PEREIRA, Amilcar de Araujo. O mundo negro: relações raciais e a constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil. Pallas. Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Pedro Barreto. **Narrativas de Lei e Ordem**: uma análise da cobertura de ´O Globo sobre as Unidades de Polícia Pacificadora. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura,2017. Disponível em http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_ppereira_2017.pdf Acesso em 20 de agosto de 2017.

PORTELLI, Alessandro. **Sempre existe uma barreira**: a arte multi-vocal da história oral. In: Ensaios de História oral. São Paulo. Letra e Voz, 2010.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Prefácio. In: KESSEL, Carlos. **A vitrine e o espelho**: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Série Memória Carioca, v.2, pp. X-XI, 2002. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, Joel Rufino dos. O que é racismo. Editora Brasiliense. São Paulo, 1982. (Centenário de Monteiro Lobato)

SANTOS, Hélio. Uma avaliação do combate às desigualdades raciais no Brasil. In: GUIMARAES, A.S.A; HUNTLEY, Lynn(orgs.). Paz e Terra. São Paulo, 2000.

SAQUET, Marco Aurélio. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Índice de Vulnerabilidade Juvenil**. Brasília, 2017. Disponível em http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/indice-de-vulnerabilidade-juvenil-a-violencia-2017-desigualdade-racial-e-municipios-com-

mais-de-100-mil-habitantes/ Acesso em 16/12/2017.

SILVA, Marta do Nascimento. **A favela como expressão de conflitos no espaço urbano do Rio de Janeiro**: o exemplo da zonal sul carioca/orientador: Álvaro Ferreira. Dissertação (Mestrado em Geografia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia, 2010.

SOARES, Luiz Eduardo. **Arte de mudar pessoas e lugares**. *In*: Agência de Redes para a Juventude. Catálogo Agência. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em http://agenciarj.org/wp-content/uploads/2013/04/cata%CC%81logo_age%CC%82ncia-final.pdf Acesso em 25/09/2017.

SPÓSITO, M.; CARRANO, P. C. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. In: FÁVERO, O. et al. (Org.). Juventude e Contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 179-215.

SPÓSITO, M.; CORROCHANO, M. **A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil**. In: Tempo Social. São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005, p. 141-172.

UPP. Site Institucional. Disponível em http://www.upprj.com acesso em 02/12/2017.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. RELUME Dumará/ Fundação Ford. Rio de Janeiro, 2003.

TOSTA, Wilson; GOMES, Marcelo. **UPPs fazem tráfico migrar do Rio para a Baixada Fluminense**. Disponível em https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,upps-fazem-trafico-migrar-do-rio-para-a-baixada-fluminense,1038312 Acesso em 03/04/2019

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**. Editora Campus. Rio de Janeiro, 2002.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela** – do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VARGAS, João Costa. **Antinegritude e Antagonismo Estrutural** In: Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v.48, n.2, p.83-105, jul.;dez, 2017.

WHITE, H. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

ANEXO 1 – TRANSCRIÇÕES

A síndrome do colonizador – MC Sabrina Martina

Slam

Nos olhos dos que lutaram antes de mim eu enxergo o cansaço, o rosto suado, um coração magoado e uma mente em cacos, seus bolsos furados, sons rasgados. Uma geração que descia e subia ladeira em vários guetos acreditando no que hoje me faz acordar todos os dias com um som que se repete em várias periferias. O mundo inteiro viu naquela tela uma cena que não era de novela. Homens brancos desceram do helicóptero, colocaram uma bandeira e disseram: que haja paz! E Eu assisti aquilo tudo ali deitada, com minha família abaixada, os tiros eu ouvi, pegaram na minha casa. E assim eu fui criada, aprendendo táticas em meio a muita bala. Minha avó desde pequena falava pra mim: se der tiro não corre, andar nos becos não pode, qualquer barulho, se esconde, não se esquece. Só sai da escola de bonde! Nos jornais a gente sempre é manchete e a história vocês já conhecem. O moço de terno diz: é guerra às drogas. O povo da periferia grita: é guerra aos pobres! E nesses oito anos muita coisa piorou, tem um fuzil sempre apontado no coco de morador, não existe diálogo. A culpa é sempre do favelado é revistado, enquadrado e tachado de otário. Agora pergunto, pra quê tudo isso, Estado, se o consumo não diminuiu, pelo contrário, só expandiu. Há tempos eles dizem: vamos proibir. Só que da proibição nasce o tráfico e os chefões não estão aqui. Olha lá! Outro avião foi encontrado, só que dessa vez com mais de quinhentos quilos de cocaína de um ministro que eu nunca ouvi falar na vida. Está preso? Não. Prenderam Rafael Braga, foi mais fácil, né, Capitão?

No início do ano passado, eu e meu irmão, Neguinho, a gente se reuniu e decidimos que a gente queria cria algo para combater o machismo, o racismo e outras séries de preconceitos que têm na cena do rap carioca e daí surgiu o Poetas Favelados, que inicialmente seria uma dupla. A gente queria passar informação, falando da nossa realidade através da poesia marginal. O ano foi passando, a gente passou a fazer várias atividades paralelas no Morro, eu comecei a me envolver com o audiovisual, comecei a ajudar na produção do Sarau do Alemão, o Neg também com outros projetos sociais e a

gente se repensou e percebeu que aquilo não era uma atividade oficial pelos poetas favelados. Aí, mano, eu fui contratada por uma empresa, recebi meu primeiro salário e disse que ia investir em uma viagem. Escolhemos São Paulo, fui deID jovem, que eu não sou de bobeira.

E a nossa missão em São Paulo era "hackear" vários movimentos culturais que estavam acontecendo por lá e trazer alguma coisa que a gente se identificasse par ao rio de Janeiro e agitar a cena. Nesses roles eu conheci os Poetas Ambulantes, que é um grupo que recita esse mesmo tipo de poesia no busão, nas escolas, nas ruas. Eu voltei e falei com meu irmão que o Poetas Favelados não era uma dupla, mas um coletivo. Hoje a gente tem oito poetas de várias favelas do rio de Janeiro e a gente faz ataques poéticos como esse em vários locais pela cidade. Nosso objetivo principal é furar a bolha. A gente quer atingir vários públicos, a gente quer pegar a tia que ta voltando cansado do trabalho, que não sabe o que é sarau, não tem tempo de ler o livro, o moleque que mata aula e numa poesia ele entende vários conteúdos. Esse é um dos objetivos.

Praticamente todo mundo do coletivo organiza o Slam. Pra quem não sabe, é uma batalha de poesia que nasceu na década de 1970 lá nos "states" e quem trouxe pro Brasil foi a Roberta Estrela Dalva, em 2007, com o Slam Zap, depois surgiu o Slam Guilhermina e vários outros. Atualmente, São Paulo é o estado que mais tem Slam e, mano, tem até Copa do Mundo de Poesia Slam. Onde eu moro, eu organizo o Slam Laje com o meu irmão. A gente faz isso há um ano e o mais bacana de ver é como ele tem envolvido mais a favela. O Slam Laje é mais que uma batalha de poesia. A batalha é algo a mais. A gente faz a Batalha do Passinho, pra envolver a menozada, a gente faz Pocket Show, sempre chamando artista periférico e outras coisas. O Slam Laje acontecia sempre na laje da Casa Brota.

Atualmente a gente saiu da laje pra circular a favela por que a laje não cabia mais de tanta gente. Atualmente o Slam Laje é uma ação itinerante e é muito lindo ver como isso vem impactando nossa favela, envolvendo mais os moradores. Eu moro no Complexo do Alemão, que fica no rio de Janeiro. O Rio de Janeiro está sob Intervenção federal, é uma favela que há oito anos tem UPP. Pra gente que é produtor, preto, favelado, pobre... A gente sofre uma pressão muito grande do sistema, do Estado, da falta de segurança pública que funcione na cidade e no Estado em si. Fazer o Slam na Laje nesse tempo é algo que dá muita força pra gente, que faz a gente acreditar que é

possível, que vale a pena. A gente um grito de guerra: Eu falo Slam, vocês falam Laje, abra seu coração! “A favela está passando uma mensagem: Slam Laje, abra seu coração.”

SLAM Eu vejo uma chacina, todos os dias eu vivo uma chacina.Todos os dias. Cara gente branda.

Direitos Humanos vai muito além do que uma esquerda e direita branca. Cê conhece as raízes do gueto? Respeita meu povo preto, que não tem direito a chorar, está acostumado a apanhar e não pode gritar porque no dia seguinte tem que acordar cedo pra trabalhar. O mundo ta cinza, as pessoas vazias e a preocupação maior é tirar o pão de cada dia. A fonte secou, o almoço esfriou e agora, você vai se vender pra qual senhor? A cor do colonizador nunca mudou, mas o discurso, sim. De novo te enganou. Abril de 1500 o Brasil foi atacado, a Igreja Católica omissa e a população indígena se tornou quase extinta. Em 2010, Alemão ocupado, triplicou o número de moradores baleados, a mídia focada nela, os playboys subiram a favela, sugaram o que tinha nela, comeram nosso feijão com arroz e tempos depois, lá estavam eles ganhando prêmio com o nome dela.

Se passaram gerações e a história ainda não mudou. Por que as placas da rua são em homenagem ao nosso opressor. A cor do colonizador nunca mudou, mas o discurso, sim, de novo te enganou. 2018 eu sinto um nojo. É Brenda Lima, todo mundo quer ser pobre, preto, militante da periferia, mas nem de longe sentem a dor de não poder ajudar todo mês a nossa família. Me dói. Passou metade do ano e já esqueceram o caso do Jeremias, da Duda, dos cinco meninos mortos em Costa Barros e eu me agarro a minha própria fé por que Jesus aqui embaixo virou mercado. É Senhor, eu acho que a humanidade aqui embaixo deu errado.

O recado principal que eu queria passar pra vocês hoje aqui é sobre a síndrome do colonizador. Que papo é esse, Martina. Eu tenho uma teoria, que eu sou bem louca, na verdade é uma reflexão que eu fiz e batizei com esse nome esse bate-papo, pra falar sobre a apropriação cultural que vem aocntecendo na favela e se tornando cada vez mais forte na cena da poesia marginal. Desde sempre o discurso que chegava na favela era de levar a cultura, a segurança, a informação. Na poesia marginal tem acontecido cada vez mais isso. Entendam uma coisa, nós favelados, a gente não é zoológico. Respeitem a gente, respeitem a nossa dor.

Noventa por cento dos eventos de poesia que chamam os poetas hoje em dia no Brasil, a galera não é valorizada. A galera sofre um racismo velado. Respeitem a nossa dor, o que a gente ta falando aqui não é algo que a gente inventou, criou, é a nossa vivência. O que sempre aconteceu e ainda acontece muito é a galera que sobe a favela, cola com a gente nos corres, com boa lábia, discurso bonito, passa um tempo com a favela e daqui a pouco a pessoa some. Quando o bicho aperta a pessoa some e quando a gente vê a pessoa ta na televisão, ganhando prêmio, falando de uma realidade que não é a dela. Vocês estão lidando com vidas. A cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil. Pra mim não é estatística, pode ser meu irmão, meu primo, meu vizinho, pode ser eu. Valorizem a gente na prática. Nós, minoria que somos maioria no país, a gente tem capacidade pra estar na produção desses eventos.

Eu desafio você que está sentado, que vai assistir em casa quando o vídeo for pro ar a praticar o que vocês falam. Chamem a gente pra estar na curadoria desses eventos, por que a gente tem capacidade. Dê oportunidade na prática. Está muito triste.Antes de encerrar, Eu não acredito que não estou aqui falando apenas por mim. Se eu estou aqui nesse palco, falando com vocês é por que pessoas lá atrás fizeram ações, tiveram atitudes para que hoje eu tivesse aqui.

Eu vou mostrar algumas mulheres.

Essa aqui é a Tia Bete, da Oca dos Curumins. Ela já alfabetizou vários moradores do Complexo do Alemão.

Essa aqui é a Lúcia Cabral, do Educap. O príncipe da Inglaterra já foi lá. Ela faz um trabalho incrível, eu amo a tia Lúcia.

Essa aqui é a Natalia Menezes, foi uma pessoa que acreditou em mim lá atrás, antes de eu me descobrir poeta, MC, sempre acreditou em mim, conversou muito comigo.

Essa aqui é a Joseana Santana, que faz parte do FavelaGrafia, eu espero vê-la nesse palco, mãe do Pietro, uma fotógrafa incrível.

Essa aqui é a MC Dalfarra, uma grande parceira minha, a gente faz parte do mesmo coletivo e é uma pessoa que me inspira pra caramba.

Essas pessoas não estão na mídia. São heroínas que grande parte da sociedade não conhece. Mas elas fazem muita diferença na vida de muita gente.

2. Dando voz à Comunidade – Rene Silva

Eu comecei quando tinha 11 anos de idade, sou morador do Morro do Adeus, um dos treze que formam hoje o Complexo do Alemão. Com essa idade eu comecei a perceber que a comunidade não era mostrada na grande mídia, a gente não se reconhecia, a gente não se via e eu comecei a pensar como a gente pode fazer alguma coisa pra mostrar isso pra comunidade, pra sermos vistos. Eu fui estudar numa escola da Rede Pública e existia um projeto dentro do Grêmio Estudantil que era de rádio e jornal escolar e só entravam os alunos dos últimos anos e eu não podia entrar por que eu tinha onze anos.

Mas eu insisti, dizendo que eu tinha vontade, que me interessava pela comunicação e de tanto insistir eles falaram: tá bom, pode participar! Eu comecei observando que o jornal da escola mostrava o que tinha de bom e ruim dentro da escola, por exemplo: quando faltava material, quando a quadra precisava de manutenção, quando faltava professor. Eu vi que quando levavam pra Secretaria de Educação os

problemas iam sendo solucionados. Eu falei: Caramba! Por que não tentar fazer isso dentro da comunidade também? Criar um jornal pra comunidade e mostrar que a gnete também tem outros problemas sociais, como a mídia sempre mostra a violência, o tiroteio e todo esse lado obscuro da favela e acaba não mostrando o que tem de bom na comunidade, os projetos sociais que existem e os outros problemas sociais que existem na comunidade, que talvez não sejam relevantes para o restante da sociedade.

Problemas de saneamento básico, de energia, falta d'água, enfim, todos esses problemas. Eu comecei a fazer esse jornal na época com cem exemplares e eu não conseguia fazer mais que isso, era cópia, Xerox, eu ainda era muito criança e eu fui pedindo apoio a galera da comunidade, aos comerciantes, pra fazer acontecer e o jornal foi acontecendo, foi crescendo, outras pessoas foram chegando como vocês puderam ver na foto e o mais curioso é que eu tinha onze anos e a galera era muito mais nova que eu.

Todo mundo criança querendo fazer alguma coisa, querendo participar e era muito mais uma brincadeira, você é criança, tá fazendo, tá dando certo e a gente começou a ver que mesmo sendo pouca a quantidade de exemplares, e sendo uma folha de papel A4, a gente começou a ver que estava dando resultado e as autoridades estavam solucionando, por exemplo: problemas de buracos, asfalto, começaram a ser resolvidos em menos de um mês, menos de uma semana e essas secretarias que resolviam entravam em contato com a gente e diziam: está solucionado. E pelo fato de sermos crianças, as pessoas perguntavam: quem está fazendo essa matéria?Vocês são crianças? E a gente explicava, que a gente tava fazendo algo pra melhorar nossa comunidade e era atendido.

Tivemos muitas dificuldades por sermos crianças, não só da parte do poder público, mas dos comerciantes também. As pessoas não acreditavam no trabalho. Achavam que tinha algum político por trás que se aproveitava da gente e a gente começou a colocar foto da equipe do jornal e as pessoas começaram a dar credibilidade. E o jornal foi crescendo, foram passando os anos e um caso que aconteceu que acho que foi o mais marcante na comunidade foi em 2010, no Complexo do Alemão e foi um lance muito curioso, não sei se todo mundo tem Twitter, mas eu tinha um Twitter com cerca de quinhentos seguidores, amigos, professores, enfim, minha rede e essas pessoas estavam assistindo tudo que estava acontecendo, tiroteio, a invasão da polícia e essas

pessoas mandavam mensagens perguntando se eu estava bem, se eu estava seguro e eu estou respondendo a essas pessoas e, de repente, duzentas novas menções. Fui tentar ler alguma e quando eu fui ler as mensagens, apareceram mil e quinhentas novas menções e eu fui atualizando e cada vez mais apareciam e quando atualizei eu vi que de quinhentos seguidores e tinha passado para mais de dez mil.

E aí foi quando eu fui lá nos primeiros tweets e vi que muita gente famosa tava postando sobre a invasão do Alemão: Luciano Huck, Gloria Perez, Regina Casé, Willian Bonner, muitos formadores de opinião estavam retuitando. Tudo por que as pessoas começaram a falar pra me seguir, por que eu morava no Alemão. A Gloria Perez, me perguntando se eu estava seguro, se eu não queria ir pra casa dela em Copacabana, se eu fosse teria que levar todo mundo da comunidade pra Copacabana. Todas as pessoas perguntando o que estava acontecendo.

De repente, as pessoas começaram a ficar preocupadas com a minha segurança, era um momento delicado, o tráfico estava na comunidade e a polícia entrando. Eu comecei a ficar receoso com os posts, com o que eu ia publicar, as pessoas começaram a sugerir que eu fosse pro Twitter do jornal e a última vez que eu tinha entrado no perfil do jornal tinha cerca de cento e oitenta seguidores e quando eu entrei lá, já tinham cerca de quinze mil pessoas seguindo. E eu fui reparar que nos Trending Topics do Twitter estava o meu nome, Voz da Comunidade, Caveirão e Alemão e eu comecei a narrar pelo perfil do jornal tudo o que estava acontecendo e chamou atenção da grande mídia. Minha família não tinha noção do que estava acontecendo e de repente, eles estavam assistindo a Globo News e aparece a minha cara, falando que o morador do Complexo do Alemão estava publicando em tempo real tudo o que está acontecendo na comunidade.

Minha família ficou desesperada e eu falei que tinha de continuar publicando. Eu não imaginava que fosse acontecer mais nada. No dia seguinte, quando fui acordado, eu tinha um blog de 2005 que tinha meu endereço, telefone, dados pessoais etc... Minha avó disse que tinha um monte de gente no portão querendo falar comigo. Quando cheguei no portão tinham várias emissoras do Brasil e de fora para saber como foi o planejamento, tinha Al Jazeera, CNN, BBC e as emissoras do Brasil. Os jornalistas não se conformavam com aquela situação, que não tinha planejamento.

Tinha umas paredes destruídas e uma jornalista disse que tinha sido o caveirão e

eu fui publicar que não era nada disso, que era resquício do PAC e os jornais começaram a dizer que o Voz da Comunidade corrigia a grande mídia. Depois disso a gente recebeu uma ligação da produção do Luciano Huck dizendo que queria dar uma redação pra gente e perguntando qual era o espaço que a gente tinha e eu disse que era a sala da minha avó. Outro fato curioso é que eu nunca tinha saído do Rio pra nenhum lugar, nunca tinha viajado e surgiu uma oportunidade em 2011, ano seguinte, pra palestrar em São Paulo, em um evento.

Depois, surgiram muitas outras oportunidades de conhecer e viajar pelo Brasil e pelo mundo afora. Em 2012 fui convidado pela Coca-Cola para ser um dos brasileiros a carregar a Tocha Olímpica no jogos de Londres, eu era careca. O jornal foi crescendo e eu fui viajando, 2013 fui convidado pelo Consulado dos Estados Unidos para ajudar a criar um intercâmbio de jornalismo comunitário, fizemos o piloto, no ano passado eu fui pra Harvard fazer uma palestra e em outubro fui gravar uma campanha com a Unilever na India e em novembro eu participei de um Simpósio falando da conectividade entre o Rio e Londres, das diferenças e semelhanças nas periferias.

Hoje a gente tem feito um trabalho de comunicação comunitária, de empoderamento e para dar voz aos moradores, a gente organiza eventos sociais, culturais, faz ações, festivais. Nosso papel e principal objetivo é contribuir com a mudança de perspectiva sobre a comunidade e que as pessoas acreditem nas crianças. O Voz da Comunidade fez dez anos e poucas pessoas acreditavam no início. Eu fico muito feliz de participar desse momento de transformação, de mudar a vida das pessoas que fazem parte da equipe, que contribuem e de motivar pessoas no Brasil e em outros lugares.

Ana Paula Lisboa – O jovem da favela não é carente, é potente.

É importante, eu venho do Rio de Janeiro e por lá a gente sempre começa falando em qualquer lugar, o nosso lugar de fala, de onde a gente é. Eu, mulher, negra, escritora, moradora do Complexo da Maré, mais especificamente da favela da Nova Holanda, pra quem chegar no Rio, a passarela 9 da Avenida Brasil e sou filha de dois pretos. É importante falar de onde a gente é, por que quando a gente vem favela, periferia, subúrbio, é importante mostrar esse nosso lugar de fala que às vezes é a nossa maior potência e a nossa maior carência. Pra mim é um pouco complexo, por que meus pais foram nômades durante anos.

A gente morou na Zona Norte, na Zona Oeste, na Baixada Fluminense, eu nasci e sou registrada em Nova Iguaçu, na Baixada. Mas pra mim, foi importante em um momento transformar essa trajetória cigana não na carência, mas na maior potência. Meus pais não tinham dinheiro pra pagar o aluguel, então a gente ficava rodando. Mas quando eu precisei trabalhar nisso, isso foi muito importante e isso entra num conceito que eu gostaria de falar com vocês e o primeiro deles é a Bioprática, que é nada mais do que entender essas memórias afetivas, o dia a dia que a gente vive, os nossos desejos como possíveis para se criar uma cultura empreendedora e uma ação no território.

Dentro da cultura, ela é importante, por que ela reconhece essas memórias e esse dia a dia como uma expressão que pode transformar o que a gente vive em uma produção e outras coisas e é aí, nesse momento, que entra o meu trabalho, a Agência. A Agência surgiu em 2011 no Rio de Janeiro, em seis favelas com a experiência da UPP no Rio e é importante dizer que dentro da Agência a gente não fala de favelas pacificadas, mas de favelas com a experiência da UPP. E a Agência nada mais é do que uma metodologia, um ambiente de criação que mistura jovens de favela com artistas, ativistas, mediadores, poder público, universitários do Rio de Janeiro para transformar as idéias desses jovens em projetos que possam trazer soluções tanto para os territórios deles, quanto para a cidade, o país e o mundo.

Para nós, mais importante do que pensar a cidade, é agir sobre ela na bioprática. O que a gente queria comprovar, a maior premissa da Agência era de que esse jovem de

favela, da periferia, ele não era carente, ele não precisava ser atendido, mas ele era potente, ele tinha ideia e essas ideias poderiam trazer soluções para o território. Mas quem é esse jovem? Esse jovem é um jovem negro, de favela. E, voltando à experiência da UPP, que tentou trazer mais segurança pra cidade, principalmente por conta da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Ela elegeu esse jovem como um inimigo no Estado e chegou a declarar que talvez fosse necessário perder uma geração inteira de jovens na cidade.

A gente, obviamente, não concordava com isso, então a gente queria esse jovem. A gente tem 51% de negros, por que pobreza tem cor, mas a gente entende que locais como a Rocinha, que tem uma grande migração nordestina, a pigmentação é menor. Mas não deixam de ser jovens de origem popular. O que a gente queria era atender esse jovem, negro, de 15 a 29 anos e a gente queria misturar esses jovens. Por que as pessoas pensam que na favela é tudo igual, mas não. A gente queria misturar o jovem da área mais rica da favela, com o da área mais pobre. O jovem que não terminou o Ensino Médio, com outro que já estava na Universidade, o funkeiro, o roqueiro, o evangélico. Não era a diversidade esse conceito que já é trabalhado pelos Movimentos Sociais, de Gênero, das lutas étnicas.

A gente queria trabalhar com o conceito da diferença, por que não existe um jovem favelado, esses jovens são múltiplos, são diferentes. Mas como encontrar esse jovem? Uma das maiores potências da Agência é a mobilização. A gente entendeu que pra encontrar esse jovem que estava fora dessas redes, que não tinha passado por outro projeto, tinha um repertório muito pequeno, que estava fora mesmo até do território, não era possível só colar um cartaz e esperar esse jovem chegar. A gente precisava ir atrás deles. A gente montou caravanas nesses territórios, e entendeu também que não era possível ir apenas na escola, nas ONGs que já existiam, a gente precisava estar onde esse jovem, que a gente chama de ordinário – não é aquele extraordinário que já canta, já dança, já está na universidade – a gente precisava chegar no lugar onde ele estava, na esquina, no Moto taxi, nas praças, no horário determinado. Era importante manter a audiência. Sabe aqueles programas de domingo, daquela briga Gugu e Faustão que a gente viveu? Segunda tinha o ibope dizendo quem tinha ganhado? Era isso, manter o jovem mobilizado durante quatro meses. Por que, às vezes, a gente chega no território com a nossa grande ideia, o nosso grande projeto e aquele jovem não está a fim, e ele

não é obrigado a estar.

Então a gente precisa manter a audiência, durante doze sábados, e a gente conseguiu. Pra isso, durante esse tempo, a gente trabalha, em cada um deles, o que a gente chama de instrumentos. Não dava pra chegar num cara de quinze anos e falar: Você tem uma ideia? Vamos fazer essa ideia virar um projeto? E então fazer ele criar justificativa, público-alvo, objetivos, ele não ia entender aquilo. A gente transformou tudo isso em instrumentos que ele pudesse fazer escolhas estéticas para suas criações. Outro conceito que a gente usa na Agência é o conceito de copiar e colar, por que o mais importante não é o que você copia, mas como você cola.

O primeiro deles é a Bússola, como quatro pontos: nosso Norte é o desejo, o Sul a Ideia, o Leste a Forma e o Oeste o Território. Pra nós é importante que o desejo seja o Norte, claro que por que a gente está no Hemisfério Sul. Muito interessante que as perguntas que chegam a esses jovens, lembrando aos programas do Gugu, Xuxa, Luciano Huck etc, qual é o seu sonho? A gente não, a gente pergunta: Qual o seu desejo? O sonho às vezes a gente está dormindo, o desejo a gente está acordado. O segundo instrumento é o Inventário, que é uma lista que dá visualidade ao que a gente está pensando e dá materialidade ao que está no campo das idéias, o Inventário é feito por donas de casas, quando fazem uma lista de compras, por empresas, quando uma pessoa morre e por artistas.

O Mapa coloca o Inventário no tempo e no espaço, é importante que esse jovem estabeleça e visualize as fronteiras do próprio território. Com quem ele tem de se relacionar pra fazer o projeto acontecer. O quarto é o Abecedário ele é a hora em que ele precisa expressar esse projeto. É uma das primeiras vezes em que ele escreve, literalmente falando, é nesse momento que aparece o público-alvo, do tipo J de Jovem, C de crianças. E a gente traz as referências tanto de Deleuze, quanto do Abecedário da Xuxa.

Na Agência a gente entendeu que todo o projeto precisa ter pessoas diferentes trabalhando juntas, se elas forem as mesmas pessoas, os projetos não andam, mais que isso, fazer esses jovens entenderem, por que originalmente esses jovens são ensinados a encontrar a sua “essência”, na Agência a gente trabalha para que esse jovem seja o que ele quiser e, principalmente, o que ele precisa ser em cada momento, seja da vida, seja do projeto dele. A gente estabeleceu que cada projeto tem de ter, pelo menos, cinco

Avatares. O primeiro é o Desbravador, que é o cara que vai na frente, encontra os parceiros, não quer saber de nada a não ser falar do seu projeto, ainda que esteja apenas na cabeça. O segundo Avatar é o Realizador, que está muito ligado ao Desbravador, mas que tem as habilidades, sabe fazer a planilha, está ali pra organizar, é o cara que escreve. O terceiro, é o Colaborador, ele pode não ter uma habilidade específica mas para qualquer coisa que precise sabe como resolver. O quarto e não menos importante, é o Questionador, tem de existir o cara que faz as perguntas, que aponta que precisa mudar de rumo, às vezes ele é o chato e, por último, o Feliz. É o cara que relaxa o grupo, enquanto está todo mundo brigando faz uma piada, pede uma pizza, todo projeto precisa dessa pessoa.

A feira de ideias é a hora que o jovem vende, literalmente, suas ideias e habilidades. Todo jovem chega com uma ideia na Agência e é nesse momento que eles podem se juntar, somar ou subtrair ideias pra pensar efetivamente um projeto, ou às vezes um cara acha que sua ideia não é tão legal e pode vender sua habilidade, seu Avatar. Até que, finalmente, acontece a banca. A banca não é o fim do processo é mais uma etapa. Todo projeto tem sete minutos para uma banca de pessoas totalmente externas à metodologia, ninguém da equipe participa. São parceiros que acompanham a Agência, artistas, poder público, ativistas, pessoas da cidade, pessoas que podem trazer novas redes para os jovens.

São eles que escolhem as melhores ideias para receber dez mil reais. A gente já teve várias surpresas, por que às vezes o cara nem tem uma ideia tão boa, defende muito bem, faz a banca chorar e ganha. Assim, a gente conseguiu comprovar nossa premissa. A gente já premiou mais de cem ideias no Rio de Janeiro e hoje a gente tem trinta em seis projetos em ação na cidade. Dezoito deles estão com a gente numa Rede, que a gente chama Rede Agência, são projetos que estão desde o primeiro momento em 2011 e já receberam outros apoios, os outro dezoito acabaram de receber o prêmio para sua execução. Depois da banca a gente tem o que a gente chama de Desencubadora, a gente entende que o jovem não precisa encubar o seu projeto, pelo contrário, tem de colocar pra fora, desencubar.

É importante dizer que a produção cultural nesses territórios precisa sair do lugar do atendimento. É muito difícil, a gente está acostumado a chegar nesses territórios acostumados a acreditar que a gente tem de levar tudo para esses jovens, que eles

precisam de tudo. Mas não, eles têm muita coisa. Na Agência a gente não tem a premissa de não vamos dar o peixe... Na Agência, a gente vai ao supermercado, compra junto, come junto e depois analisa essa receita e, depois de um tempo, o jovem já consegue ir ao mercado sozinho, fazer sozinho. Mesmo depois desses quase seis anos de Agência, o que eu mais me impressionei foi que eu descobri de uma forma muito difícil, que para o jovem conseguir todo esse processo e esses quase mil jovens que a gente já atendeu, primeiramente, ele precisa estar vivo. O Brasil é um dos lugares que mais se mata no mundo, mais que nas guerras que a gente vê na televisão. Em 2012, 56 mil pessoas foram assassinadas no Brasil e 30 mil eram jovens de 15 a 29 e 70¢ desses, eram jovens negros. O que a gente está fazendo? É importante por que esses jovens precisam ser visíveis. O último conceito que eu quero deixar é que Visibilidade é um direito que dispara outros direitos.

Hackeando a narrativa, porque eu não sou obrigada – Yasmin Thainá

Eu sou cineasta e aí você vai olhar, cineasta? Com esse cabelo, com essa cara... Até coloquei um casaco pra ficar mais... São coisas que eu ouço quando eu falo que sou cineasta. Tem essa coisa de você ter de dizer, ter um título. Eu sou do Rio de Janeiro, como vocês devem perceber pelo meu sotaque, mas não é esse Rio de Janeiro que a gente quase ouve a Bossa Nova já tocando, o Cristo, o Pão de Açúcar, o Redentor, o Calçadão de Copacabana, as praias, Ipanema, o Leblon, a novela do Manoel Carlos. Eu venho de outro Rio de Janeiro, um que é quase oposto a isso, o Rio de Janeiro da Baixada Fluminense, não sei se alguém conhece.

A Baixada é um lugar muito estigmatizado, então se você chega no Rio as pessoas perguntam: onde fica? É de comer? Lá tem muita chacina, né? Os pedófilos moram lá... Todos os estigmas, os piores possíveis, a Baixada Fluminense lembra. É uma região metropolitana que está fora do município do Rio de Janeiro, dentro do Estado do Rio de Janeiro. Pra pensar narrativa, que eu estudo comunicação, eu coloquei no Google: Baixada Fluminense Notícias e veio: “Ela é um monstro! Diz marido de professora suspeita de pedofilia”; “Suspeitos de integrar milícias são presos na Baixada Fluminense”; “Imagens mostram assalto na Rodovia BR-116, na Baixada Fluminense”; “Professora é morta a tiros em frente à escola na Baixada Fluminense”. Então, quer dizer, só nesses títulos de matérias enquadradas, a gente não quer nunca visitar a Baixada de Fluminense.

Eu tenho o risco de participar de uma chacina, de ir a uma escola e me deparar com uma professora pedófila, tenho risco de ser assaltado e, enfim, milicianos... Você procura notícias e são esses os enquadramentos. Pra pensar, os profissionais de comunicação todos, inclusive nós somos a comunicação, por que a gente está o tempo todo produzindo sentidos, narrativa, nós enquadramos, a gente dá close no cinema, na publicidade, a gente dá close no jornalismo. Esses dias eu estava conversando com meu sobrinho e ele falou assim: “tia, aqui no meu bairro tem muito bandido”, ele tem menos de dez anos. E eu falei como é que é isso? “Eles usam uma marca assim, se vestem assim, usam tênis tal, marca tal...”

Eu falei, onde esse menino aprendeu isso? Eu estava pesquisando reportagens e fui ver aqueles programas: “filma ele!” “Dá um close na cara dele!” e eles usavam essas marcas que meu sobrinho citou, e você fala: “mas aí é jornal sensacionalista!” Mas você vê jornais AB que vai dizer “suposto”, a gente também está enquadrando. Quando a gente pensa suposto, a gente não pensa o outro lado, não pensa a possibilidade de não ser. A gente pensa: “É!” A gente pensa independente do meio de comunicação que a gente atua. E dentro dessa perspectiva em que as pessoas achavam que a gente não sabia sentar em cadeira, tem essa coisa de faltar a civilidade, de sermos selvagens, seres humanos que não sabem pegar no garfo e na faca, a narrativa de que você não pode ir além, você vai estar ali pra sempre e eu fui estudar cinema na Escola Livre de Cinema em Nova Iguaçu.

Existe uma escola de cinema na Baixada Fluminense e lá a gente fazia o quê? Produzia imagens, a partir do nosso lugar, a partir de nós, contava as nossas histórias, a história da vizinha, do tio, do padeiro, eram essas narrativas que a gente estava contando e eu fui descobrindo a minha cidade a partir do momento em que eu estava no Ensino Médio integrando uma equipe de jovens repórteres. A gente tinha 15 ou 16 anos, saia de casa com barro no pé e ia pro Centro de Nova Iguaçu pra falar das ações culturais que existiam na cidade. Tudo que era positivo, tudo que estava rolando de ação, tudo que interferia na vida do outro e produzindo novas narrativas.

Eu conheci a TV Maxabomba, que é da antiga. Antes dos anos 2000, bem antes de a gente pensar em estar em grupo de repórter e querer estudar cinema, já tinha gente produzindo sentido através de imagens, de TV Comunitária na cidade. A Escola Livre de Cinema comemorou dez anos, tem o Cineclube Buraco do Getúlio, ocupando praças levando outras narrativas, outro cinema, outras referências. Misturando poesia, cerveja, circo, dança e tudo produzido por artistas da Baixada. Eu estava muito inquieta e eu comecei a querer pensar o Brasil a partir da Baixada e naquela de me entender enquanto mulher, enquanto mulher negra, dentro de uma casa de pessoas brancas, ouvindo de pessoas próximas que eu dava sorte de ter nascido numa época como essa, por que se fosse anos atrás eu estaria abanando. “Como você nasceu com uma cor mais fraca, não era uma preta retinta, você faria trabalhos mais leves”.

E aí, como você é uma criança, você não entende muito bem, não é um assunto muito tocado, discutido, você pensa: ta me explicando a história, obrigado. Depois de

muitos anos, você pensa sobre isso e entende que é um pensamento escravocrata. Como faz uma relação dessa com uma pessoa próxima. A gente tem esse pensamento até hoje. Pensar o Brasil a partir da Baixada é importante. A gente sempre olha nos espaços que a gente vai quantos pretos tem. Nos espaços elitizados, as pessoas sempre acham que eu sou artista. Pessoas comuns não podem estar ali a menos que sejam artistas. Um amigo estava falando que sempre perguntam pra ele se ele é pagodeiro.

A gente sempre está nesse lugar. Em 2014, 47,9% da população se autodeclarava negro de acordo com o IBGE. Em 2015, o número subiu para 53%. Você pode me perguntar se nasceu mais pretos, ou se a população aumentou. Mas tem outro fator que influencia. Dentro de uma matéria do El País sobre esse tema, a professora diz que "a população negra que tem mais acesso efetivo ao conhecimento de história africana e brasileira passa a se ver Mis efetivamente como negra". A gente tem uma narrativa que massacrou ao longo da história essas pessoas, essa imagem, que sempre foi vista numa perspectiva negativa. Pra sair da reflexão, vamos lembrar três imagens que a gente já viu o negro nesse papel. A mulher negra, mulata, objetificada, bunda grande, peito grande, ou seja, a mulher que está ali e só aparece no carnaval como protagonista de uma festa, hipersexualizada. Outra é o negro rebelde, que apanha e tem de ficar pelado na praça, que é massacrado e, por último, os bandidos.

Você faz uma novela e tem um bandido, obviamente você vai colocar um negro. Personagem corre no meio dos carros: negro. Tem lugares que a gente já associa por que aprendeu ao longo da criação de imagens e sentidos de que essas pessoas vão ocupar esses lugares. A gente tem de mudar isso. o GEEMA é um grupo de pesquisa da Uerj e eles fizeram uma pesquisa sobre o cinema. Eles analisaram os filmes de maior bilheteria entre 2002 e 2012, brasileiros. 4% do roteiristas eram negros e não tinha nenhuma mulher negra como roteirista, vamos lembrar que 52% da população é negra. Protagonistas, atores e atrizes, 14% eram homens negros e 4% mulheres negras, diretores 2% homens negros e nenhuma mulher negra.

Também é preciso lembrar que o cinema brasileiro é financiado com dinheiro público. Essa grana que paga o cinema e as pessoas que compõem a maior parte da população não se vê representadas. Elas não se veem, não escrevem histórias, mas existem. Se eu perguntar pra vocês dez nomes de cineastas negras brasileiras, alguém saberia me dizer? Pois é, mas tem muito mais que dez. Diante dessas informações,

vamos pensar alguma coisa? Eu escrevi um conto chamado Mc Kabela para a Festa Literária Internacional das Periferias, a Flupp, que conta a história de uma menina negra que está se descobrindo enquanto negra. O Brasil é esse país que não gera muita referência positiva sobre ser negro, então a gente vai negar o nosso lugar, por que você não quer dizer que é parte de um lugar que é visto como ruim, feio, de bandido. Então, você precisa achar meios para se fortalecer e se descobrir, dizer que é negro e tem orgulho disso.

O conto é sobre essa menina que teve que passar alisante, ter machucado na cabeça, que é parte da história de quase toda mulher negra no mundo, que tem que alisar os seus fios que corroem a sua história. O Mc Kabela é esse conto que virou monólogo, foi pro teatro, pra internet. Chamamos na Internet duzentas meninas negras de todo o Brasil se inscreveram dizendo: “Meu namorado me largou, estou em depressão. Me ajuda” “Tirei o megahair, minha mãe me expulsou de casa”. A gente selecionou dez, três anos depois perdi o filme, sem dinheiro nenhum, fui amadurecendo, me conectando com pessoas. No final, sessenta pessoas se envolveram, numa equipe liderada por mulheres negras.

Já que a gente não sabe, vamos criar as nossas referências também. Mulheres negras e trans negras no elenco, mulher negra dirigindo arte, ou seja, mulher negra nos departamentos de poder de um filme, produzindo imagens a partir dos seus valores. Contamos com 5 mil reais arrecadados pela Internet. Pra quem conhece o processo de fazer filme no Brasil, sabe que esse valor não dá pra nada. A gente teve a oportunidade de estrear o filme no Cine Odeon que é um dos cinemas mais importantes do Brasil, no Rio de Janeiro.

A gente vendeu os dois andares do cinema em quatro dias. A gente ganhou mais três exibições que a gente encheu de mulheres negras, de mais velhas, que saíram da Baixada, São Gonçalo, que cruzaram a cidade para se ver na tela. A gente foi parar num fórum de inovação de Internet na China. Um dia eu estava na estreia do filme em Salvador e eu ouvi de uma menina: “Nunca pensei que eu ia ouvir o som de um cabelo crespo penteado no cinema”. Pra aumentar o acesso eu pensei no Afroflix, uma plataforma que tem filmes, séries, websséries, documentários, conteúdos audiovisuais que sejam produzidos, protagonizados, escritos ou dirigidos por pessoas negras. Pra vocês não pagarem o mico de não saber responder o nome de dez diretoras negras. Q

Quando a gente criou a plataforma disseram que a gente tava sendo racista inverso, uma retórica que sempre volta, mas nunca nos pertenceu. Não fomos nós que colocamos a segregação como regra. No futuro eu espero que a gente faça séries e materiais originais.